



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**CENAS URBANAS:
SKATISTAS, OCUPAÇÃO DA CIDADE E
PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

Juliana Cotting Teixeira

Prof^a Dra. Méri Rosane Santos da Silva

Rio Grande

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA
VIDA E SAÚDE
ASSOCIAÇÃO AMPLA FURG/ UFRGS/UFSM

JULIANA COTTING TEIXEIRA

**CENAS URBANAS: SKATISTAS, OCUPAÇÃO DA CIDADE E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES**

Rio Grande

2016

JULIANA COTTING TEIXEIRA

**CENAS URBANAS: SKATISTAS, OCUPAÇÃO DA CIDADE E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Linha de Pesquisa: Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos.

Orientadora: Prof^ª Dra. Méri Rosane Santos da Silva

Rio Grande

2016

Ficha catalográfica

T266c Teixeira, Juliana Cotting.

Cenas urbanas: skatistas, ocupação da cidade e produção de subjetividades / Juliana Cotting Teixeira. – 2016.

111 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2016.

Orientadora: Dr^a. Méri Rosane Santos da Silva.

1. Skate 2. Cidade 3. Subjetividade 4. Educação I. Silva, Méri Rosane Santos da II. Título.

CDU 796.694:911.375.4

Catálogo na Fonte: Bibliotecário Me. João Paulo Borges da Silveira CRB 10/2130

JULIANA COTTING TEIXEIRA

**CENAS URBANAS: SKATISTAS, OCUPAÇÃO DA CIDADE E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES**

Conceito final:

Aprovaado em 24 de Março de 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dra. Méri Rosane Santos da Silva PPGEC/FURG (Orientadora)

Prof^o Dr. Eduardo Rocha PROGRAU/UFPEL

Prof^o Dr. Leonardo Brandão PPGDR/FURB

Prof^o Dr. Gustavo Freitas IE/FURG

Prof^a Dra. Paula Henning PPGEC/FURG

*“Você é livre?
Você vive, ou só sobrevive?”*

*De cada calçada de concreto da cidade
cada viga que se ergue
cada vida que se segue
cada cidadão persegue a sua cota lutando pra se manter
marcando a mesma rota lutando pra nunca se perder
pra não perder não ver a cara da derrota
estampada na lorota
que faz ponto a cada esquina encostado em algum poste
pronta pra te desviar da sorte
talvez um corte brusco na sua sina
existem uns que seguem na rotina e não enxergam ao redor
reclama e não se presta pra tornar melhor
acha melhor sobreviver só mantendo distância
de cada sonho que crescia na infância
e cada esperança de criança se mistura ao ar impuro
inspirado e expirado,
por cada cidadão comum que deixa escorrer a liberdade
na sarjeta da calçada de concreto da cidade*

Dedicada, a cada, poeta da cidade, dedicada, a cada, atleta da cidade, dedicada a cada ser humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade

*Entre as paredes de concreto da cidade, se esconde o mundo
de quem faz qualquer negócio só pra não ser taxado de vagabundo
sonhos de adultos se decipam por segundo a cada insulto do patrão
é o culto do faz de conta que eu sou feliz assim
salário no fim do mês é o que conta paga as contas e faz bem pra mim
não é o caso em que eu me encaixo
sonho alto de mais pra viver por baixo igual capacho
e acho que existem outros por aí*

*que olham pras paredes só pensando em demolir
pra ser livre, mas na real nem sabe como
perdeu toda noção acostumado a viver com dono
não condeno, mas não concordo e não me adapto
fora das paredes mais inspiração eu capto
me sinto apto pra cantar a liberdade
que se esconde entre as paredes de concreto da cidade*

*Dedicada, a cada, poeta da cidade, dedicada, a cada, atleta da cidade, dedicada a cada ser
humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade*

*Algum teto de concreto da cidade, abriga o restante
da liberdade semelhante a que escorreu pela sarjeta da calçada
se escondeu entre as paredes ou partiu pra outra
morreu de fome de frio de sede
pois sem abrigo não há, pra onde voltar
pra poder descansar e pensar
na estratégia pra continuar lutando pra manter a liberdade que se tem
as adversidades não se sabe
de onde elas vem que cara elas tem
pelas mãos de quem vem com ordem de quem
alguém me diz
porque eu não posso ser feliz completamente
sem que alguém ou algo tente, tumultuar minha mente
mas eu sigo em frente sempre,
vou nadando mesmo que seja contra a corrente
pra que eu possa construir meu verso meu abrigo, meu teto
pra fazer minha versão da poesia de concreto*

*Dedicada, a cada, poeta da cidade, dedicada, a cada, atleta da cidade, dedicada a cada ser
humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade”*

POESIA DE CONCRETO, Kamau

GRATIDÃO...

Sou grata, primeiramente, aos skatistas de Rio Grande, participantes ou não dessa pesquisa, que, assim como eu, afetaram-se pela emocionante experiência de viver sobre uma tábua com quatro rodinhas;

Sou grata, aos meus familiares, Beto e Solange (meus pais), Darcy (meu eterno namorado), Carlos (meu irmão) e Luiza (minha irmã de coração), meus tios, tias, sogra primos e primas, que mesmo sem entenderem muito bem as atribuições desse processo de qualificação chamado Mestrado, nunca cessaram de dar importância, legitimidade e ouvidos aos meus dizeres e fazeres acadêmicos.

Sou grata aos meus amigos e amigas, especialmente, aqueles os quais também respondem pelo nome de “O Bonde”, Patrícia e Leandro, Rafael e Fernanda, Daiane e Renan, Daniele e Diego, por tornarem mais festivas a solitária experiência do pesquisar e estudar, bem como àquelas meninas lindas nomeadas de Lulu’s, que me ensinam a cada dia o valor dos afetos mesmo que a distância.

Sou grata à minha orientadora, Méri Rosane, por ter topado adentrar meus territórios existenciais, com toda a inconstância que os compõem, e ter tentado me impedir de roer as unhas nesses últimos dois anos (mesmo sem sucesso). Grata também à minha banca de qualificação, Gustavo Freitas, Paula Henning, Eduardo Rocha, Leonardo Brandão, pelos agenciamentos e afetos produzidos, emocionantes, por sinal.

Sou grata à Josi, ao Arisson, a Carlinha, a Fernanda, a Bel, ao Maurício, ao Fernando, ao Maicom, enfim, ao nosso grupo de pesquisa e aos valiosos encontros intercessores e afetos compartilhados nas quartas pela manhã.

Sou grata, sobretudo, a oportunidade de ter ingressado num Programa de Pós-Graduação, numa universidade pública e gratuita, para realizar o mestrado na qualidade de bolsista.

E, por fim, e não menos importante, sou grata as músicas, filmes, paisagens, aos meus cães, objetos inanimados diversos, que puderam me servir de intercessores a essa empreitada de pesquisa que a todo momento almejava “violentar-se”. A todos esses e essas, gratidão.

A escrita é um campo de vibração onde palavras surgem, juntam-se a outras, para depois se separarem, juntarem-se a outras ainda e desaparecerem ao sabor dos fluxos com os quais o texto está conectado. O texto é fluxo. Seu movimento é fixo

(GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 185)

RESUMO

A presente dissertação apresenta como temática “a ocupação das ruas pelos skatistas *street* de Rio Grande”, e se debruça, inicialmente, à questão: “Como é possível que a ocupação das ruas pelos skatistas *street* constitua-se um problema na atualidade e as pistas de skate a principal solução?”. Essa problematização inicial se produziu com base numa série de registros diversos (matérias de jornal, palpitações nas redes sociais, audiências, projetos de lei, acontecimentos, entre outros) que vinham demonstrando linhas de forças na direção de regular as condutas flutuantes dos skatistas de rua, através da figura das pistas de skate. Inspirada num referencial teórico-metodológico da cartografia, especialmente, a experimentada por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Sueli Rolnik, Virgínia Kastrup e colaboradores, passo a investigar esboços da emergência da cidade enquanto espaço de segurança e alvo de mecanismos de poder, bem como, da prática do skate de rua, enquanto geradora de determinados tensionamentos sociais e de processos de subjetivação. Num segundo momento, experimento um deslocamento da questão, visando investigar possibilidades de linhas de fuga e de resistência a essa trama de forças, sob a questão: “Como é possível não desocupar as ruas?”. Aqui, passo a compor um portfólio de registros de fontes diversas, chamado “Diário de Rua”, por um período de em média seis meses (janeiro a julho de 2015). Com base nesses dados, foram criadas três linhas de análise, intituladas “Cenas Urbanas”. Na primeira, procurei demonstrar “Modos de conduzir-se com o espaço”, identificando um mapa fixo e estriado de picos de skate e de ocupação das ruas, bem como, experimento analisar uma tendência identitária e conflitual nas práticas dos skatistas, em que a cultura visual assume protagonismo na produção de sentidos e funciona numa trama de disputas pela verdade maior do skate. Na segunda cena, analiso “Modos de conduzir-se com o esporte”, em que esboço vetores de um modelo esportivo e empresarial sobre os skatistas, bem como, traços de um desejo de pista, produzido pela posição de amadores no cenário competitivo. Na terceira cena, intitulada “Modos de “correr pelo certo””, passo a analisar traços de uma articulação entre as práticas dos skatistas e as normas sociais moralmente reconhecidas como “do bem”. Para isso, estabelecem relações com os idosos, com as crianças, com as escolas, com a sustentabilidade, com a cidadania, com as mulheres, agenciando uma conexão otimista com as normas que, historicamente, incidem de forma a regular as ocupações das ruas e as condutas rebeldes. Por fim, intitulado de “O primado das linhas de fuga: modos de borrar um território existencial”, detenho-me a produzir alguns agenciamentos acerca das possibilidades de resistência às cartografias construídas, marcadamente interpeladas por processos normalizadores. A relação com o PPG e com a linha de pesquisa “Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos” se dá na medida em que os processos de subjetivação contemporâneos que incidem sobre os skatistas e demais grupos sociais estabelecem uma relação com o saber e com a verdade e que, fortemente sustentados na ciência, seja aquela produzida nos meios acadêmicos, seja sua disseminação nos discursos sobre esporte, cidade, segurança, etc, acabam produzindo modos de conduzir o outro e a nós mesmos como viventes contemporâneos e sujeitos da educação.

Palavras-chave: Skate; Cidade; Subjetividade; Educação.

ABSTRACT

This thesis has as its themes “the occupation of the streets for the skaters street of Rio Grande, and focuses, initially, on the question: “How it is possible that the occupation of the streets by the skaters street constitutes a problem today and the skate lane main solution?” This initial questioning is produced based on a number of different records (newspaper articles, palpitations in social network, hearings, bills, events, among others) which had shown power lines in the direction of regulating the floating pipelines of street skaters, through the figure of skate lane. Inspired by a theoretical-methodological referential of the cartography, mainly, the experienced by Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michael Foucault, Sueli Rolnik, Virginia Kastrup and employees, step to investigate sketches of the emergency of the city while security space and target of engine power as well as the street skating practice, while as a generator certain social tensions and the processes of subjectivity. In a second step, experiment a shift in the question, in order of investigate possibilities of escape’s lines and of resistance for this weft of forces, under the question: “How it’s possible not vacate the streets?” Here, step composing a portfolio of records from various sources, called “Street’s Diary”, for a period of six months on average (January to July of 2015). Based on those informations, were created three analysis lines, entitled “Urban Scenes”. At first I tried to show “Ways to drive yourself with the space”, identifying a fixed and striated map of skate peaks and of the occupation of the streets, as well as I experiment analyze a identity trend and conflictual in the practices of the skateboarders, in which visual culture takes leadership in the production of the senses and works in a web of disputes over the greater truth of the skate. In the second scene, I analyze “Ways to conduct yourself with the sport”, where I outline vectors from a sports and business model about the skateboarders , as well as, traces of a runaway’s desire, produced by amateurs’ position in the competitive scenario. In the third scene, entitled “Ways of running ‘by the right’”, I step to analyze traces of a connection between skateboarder’s practices and the social norms morally recognized as “of well”. For this, establish relations with the elderly, with the children, with the schools, with the sustainability, with the citizenship, with the women, touting an optimistic connection with the rules that, historically, focus in order to regulate the occupations of the streets and the rebel behavior. Lastly, entitled of “The primacy of the lines of escape: ways to blur an existential territory” detain myself to produce some assemblages about the possibilities of resistance to cartography built, markedly challenged by normalizing process. The comparison with the PPG and with the research line “ Implications of scientific practices constituting the individual” occurs in that the processes of subjectivity contemporary that focus on the skateboarders and other social groups establish a relationship with the knowledge and with the truth that, strongly sustained in science, be that produced in academic circles, be its spread in the speeches about sport, city, security, etc end up producing ways to drive the other and ourselves as contemporary living and individual of education.

Keywords: Skateboard, City, Subjectivity, Education.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Trecho de matéria do jornal local, intitulada “Skatistas no trânsito: há como controlar”. Fonte: Diário Popular, 2 de agosto de 2014..... 10
- Figura 2** Trecho de matéria do jornal local, intitulada “Ciclistas e skatistas se confundem em meio ao trânsito”. Fonte: Folha Gaúcha, 31 de maio a 7 de junho de 2013..... 11
- Figura 3** Publicação na rede social, grupo Rio Grande Atento, junho de 2014. Fonte: *facebook*..... 11
- Figura 4** Protocolo de indicação de construção de pista de skate pelo Executivo, de janeiro de 2014. Fonte: Câmara de vereadores de Rio Grande..... 12
- Figura 5** Imagem anexada à matéria de jornal, intitulada “Skatistas no trânsito: há como controlar”, já citada na figura 1. Destaque para a legenda..... 12
- Figura 6** Matéria publicada sobre o 1º Encontro de skatistas da Escola Santana, em agosto de 2013. Fonte: site da SMED (Secretaria Municipal de Educação). Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=7102>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2016 13
- Figura 7** Skatista manobrando em rampa de madeira móvel própria, colocada na ERS-734, no final dos anos 80. Fonte: Acervo próprio..... 26
- Figura 8** Skatista manobrando no Banks do Kastelão em competição da modalidade vertical, início dos anos 90. Fonte: Acervo próprio..... 27
- Figura 9** Trecho referente à fala de jovem, retirado de publicação do jornal, sob título “Prefeito recebe demandas de crianças e adolescentes do bairro Cidade de Àgueda”. Fonte: jornal Agora, agosto de 2013. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+3f5c1, prefeito-recebe-demandas-de-criancas-e-adolescentes-do-bairro-cidade-de-agueda.html#.U-TfLJRdVLR>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.
- Figura 10** Vídeo de protesto de skatistas com relação à construção da pista pública da Perimetral, mal construída, sem consulta dos skatistas e em ano de eleição. Eles gritavam “Respeite os skatistas, queremos boa pista”. O organizador do protesto é responsável por um grupo nomeado “*Street my life*”. Fonte: You tube, setembro de 2012. Disponível em:

	https://www.youtube.com/watch?v=ngZ1skeVCtM . Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.....	32
Figura 11	Foto de outro protesto, que teve por objetivo ocupar a Praça Xavier Ferreira, localizada em frente à prefeitura, como forma de contestar à demora nas obras de reforma da pista do Parque Marinha. Fonte: <i>facebook</i> , novembro de 2014.....	33
Figura 12	<i>Print</i> de trecho de publicação no blog de um skatista da cidade sob o título “Conforme-se, e o mundo será sempre igual”, no qual ele narra sua prática de andar de skate na rua após a má construção de uma pista pública pela prefeitura na região central, junho de 2015. Fonte: Blog. Disponível em: http://beengoo.blogspot.com.br/2015/06/conforme-se-e-o-mundo-sera-sempre-igual.html . Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.....	33
Figura 13	Mapa dos picos de skate de Rio Grande/RS segundo falas registradas. Fonte: Produção de Margarida, Diário de Rua, agosto de 2015.....	41
Figura 14	Mapa das rotas entre os picos segundo falas registradas. Fonte: Produção de Margarida, Diário de Rua, agosto de 2015.....	41
Figura 15	Colagem de fotos produzida por Margarida, a partir de fotos retiradas do site <i>facebook</i> e acervo próprio. Fonte: Diário de Rua, dezembro de 2015...	52
Figura 16	Produtos comercializados e banner de divulgação do grupo. Fonte: <i>facebook</i>	61
Figura 17	Produtos comercializados e foto de membro do grupo. Fonte: <i>facebook</i>	62
Figura 18	Camiseta, logomarca e grafite na parede da pista com a logomarca do grupo. Fonte: <i>facebook</i>	63
Figura 19	Camiseta, adesivos e logomarca do grupo. Fonte: <i>facebook</i>	64
Figura 20	Foto publicada em rede social de entrega de donativos arrecadados aos idosos do Asilo e cartaz de evento de skate organizado aos idosos da instituição. Fonte: <i>facebook</i>	72
Figura 21	Cartazes de eventos de skate, organizados e realizados nas escolas Salesianos e Santanna. Fonte: <i>facebook</i>	73
Figura 22	Cartazes de eventos de skate organizados em comemoração ao dia das crianças. Fonte: <i>facebook</i>	74
Figura 23	Foto publicada em rede social com adesivo de nova campanha de um grupo de skate sob o slogan “Menos carro mais skate” e foto de coleção	

	de camisetas de outro grupo, fazendo menção à sustentabilidade sob o slogan “Alternative skateboard”. Fonte: <i>facebook</i>	75
Figura 24	Cartaz da 3ª edição do evento “Skate cidadão”, realizado pelo grupo “Skate pra frente vida sem Crack”, composto por uma articulação do skate com ações do campo da saúde e do campo cultural.....	76
Figura 25	Foto de autoridades e representantes de instituições sociais envolvidas no evento “Encontro de Skatistas da escola Santanna” em dezembro de 2013. Fonte: <i>facebook</i>	78

SUMÁRIO

1	MAPA DA ESCRITA.....	02
2	PARTE 1 - (DES)CAMINHOS.....	06
3	PARTE 2 - CENAS URBANAS: PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES <i>SKATÍSTICAS</i>.....	37
3.1	Cena 1 - Skatistas pelas ruas: modos de conduzir-se no espaço.....	38
3.2	Cena 2 - Skatistas pelas ruas: modos de conduzir-se com o esporte.....	54
3.3	Cena 3 - Skatistas pelas ruas: modos de “correr pelo certo”.....	70
4	O PRIMADO DAS LINHAS DE FUGA: MODOS DE BORRAR UM TERRITÓRIO EXISTENCIAL.....	89
	REFERÊNCIAS.....	94

MAPA DA ESCRITA

Dedico esse momento para introduzir os leitores e leitoras nas escritas que seguem, fruto de um período de dois anos de pesquisa junto ao Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha “Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”.

Sob a temática da “ocupação das ruas pelos skatistas *street*¹ de Rio Grande” e inspirada por um referencial teórico-metodológico da cartografia, especialmente, àquela experimentada por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Virgínia Kastrup, Sueli Rolnik, pude produzir uma espécie de personagem narrativo à contação dos processos de problematização, de mudanças de rota, de agenciamentos teóricos, de análises sobre as subjetividades skatísticas, enfim, de todo o empreendimento investigativo que permeou essa pesquisa. Margarida, como optei por chamá-lo, foi criada com o objetivo de exercitar uma dissolução do eu, eu humana, pesquisadora, skatista, sujeito mulher, universal, inerte. A flor Margarida, inspiração a seu nome, pôde funcionar como metáfora a concepção de sujeito a qual me sintonizo. Abre-se e fecha-se conforme as mudanças de luz, oferece suas pétalas ao bem-me-quer, mal-me-quer, multicolorida em meio a um cenário cinza, urbano, muitas vezes monocromático. Margarida constituiu-se, nessa pesquisa, como possibilidade pra pensarmos o sujeito ao mesmo tempo próximo e distante de si mesmo, de seu objeto, de seus problemas, de suas afirmativas. A Margarida pesquisadora abriga em seu corpo puro fluxo, processo e devir.

Vale destacar por aqui, que subjetivação é entendida como os processos pelos quais se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, uma subjetividade. Logo, “subjetivação é tanto a forma como os seres humanos são transformados em sujeitos através do saber, do poder e das formas de governo, assim como, as relações estabelecidas para consigo, tornando-se sujeito da própria existência” (REVEL, 2005, p. 82)

1 Segundo a Confederação Brasileira de Skate (CBSK), fundada em 1999, o skate *street* é uma das onze modalidades institucionalizadas do skate, as quais são (Banks, Bowl, Downhill speed, Downhill slide, Freestyle, Megarampa, Mini ramp, Push Race, Slalow, Vertical). Ele consiste em praticar o Skate em obstáculos que são encontrados nas ruas das cidades como: monumentos, praças, bancos, corrimãos, muretas, escadas, rampas de entrada de garagens, palcos, buracos, barrancos, guard-rails, paredes com inclinação entre 30° e 80°, entre outros. Também é praticado em Skateparks (pistas de Skate) onde existem rampas que simulam a arquitetura urbana de um modo adaptado ao Skate. Existem no nosso país mais de 300 competidores profissionais e mais de 10 mil competidores amadores, bem como é a modalidade com o maior número de adeptos, cerca de 95% dos praticantes. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/modalidades/street>. Acessado em 20 de fevereiro de 2016.

Através desses afetos, pude orientar a escrita em duas partes, intituladas, respectivamente, “(Des)caminhos” e “Cenas urbanas: processos de produção de subjetividades skatísticas”. Na primeira delas, apresento o encontro de Margarida com o tema de pesquisa, suas andanças iniciais, os problemas gerados, as sintonias teóricas em torno deles, algumas mudanças de rota. Nesse momento, interessava experimentar a seguinte pergunta: “Como é possível que a ocupação das ruas pelos skatistas constitua-se um problema na atualidade e as pistas de skate a principal solução?”. Para isso, Margarida realiza uma breve incursão à história com vistas a esboçar a emergência da cidade enquanto espaço de segurança e alvo de mecanismos de poder, bem como, da prática do skate de rua, enquanto geradora de determinados tensionamentos sociais e de processos de subjetivação. Margarida nomeia essa trama contingente sobre “o problema do skate de rua”, como uma “vontade de falar e prescrever” sobre as condutas urbanas desses sujeitos numa sociedade em constante normalização.

Ainda na primeira parte, Margarida apresenta algumas mudanças de rota experimentadas após encontros com intercessores, oriundos de sua banca de qualificação e outras sintonias teóricas. Aqui, ela passa a se perguntar: “Nessa trama de forças inclinada a disciplinar os skatistas em pistas de skate, como é possível não desocupar as ruas?” na direção de abandonar as linhas duras até então cartografadas e investigar possibilidades de resistências e linhas de fuga, no que se refere à ocupação das ruas e de espaços existenciais e prática. Nesse momento, ela passa a produzir um portfólio de registros, chamado *Diário de Rua*, contendo imagens, desenhos, relatos, transcrições de falas, músicas, entre outros, num período de aproximadamente seis meses (primeiro semestre de 2015), em que puderam ser decalcados signos que se mostrassem potentes à sua investida, provocando, a partir deles, uma análise da produção de subjetividades.

Na segunda parte, Margarida orienta as suas análises em *Cenas urbanas* – assim intituladas por uma recorrência entre os skatistas de caracterizarem a prática a partir da expressão “a cena do skate”. Aqui, a cena skatística de Margarida pode ser desdobrada em três, nomeadas de “Skatistas pelas ruas: modos de conduzir-se no espaço”, “Skatistas pelas ruas: modos de conduzir-se com o esporte” e, por fim, “Skatistas pelas ruas: modos de ‘correr pelo certo’”. Essas linhas de análises puderam ser elencadas pelo grau de intensidade e agenciamento que provocaram em Margarida durante seus percursos e a possibilitaram experimentar produtivos pensares sobre a constituição dos sujeitos e as relações de poder-saber que incidiam sobre os skatistas hoje.

Na primeira cena, intitulada “Skatistas pelas ruas: modos de conduzir-se no espaço”, Margarida demonstra linhas de normalização atuando na produção de uma sedimentação em picos e de um *espaço estriado* pelos skatistas, culminando num mapa de espaços de prática e itinerâncias fixo e limitado. Com base nisso, Margarida adentra esses picos na intenção de rachar uma suposta rigidez geográfica e identificar vetores de alisamento em seus espaços existenciais. Assim, ela mapeia certa tendência identitária entre os skatistas, atuando num cenário de conflitos e disputas visuais pela verdade maior de suas práticas. Aqui, ela também abandona o trato com as identidades e passa a compreender “a fabricação da aparência como o resultado de uma performance da própria subjetividade” (SOARES, 2011, p. 81), em processo e movimento.

Na segunda cena, intitulada “Skatistas pelas ruas: modos de conduzir-se com o esporte”, Margarida identifica vetores de normalização conduzindo os skatistas e suas práticas a um modelo esportivo e empresarial, em que o “treinar”, “o evoluir” e a elevação de skatistas como ídolos apresentam-se como imperativos de valorização da prática e funcionam como dispositivo conflitual entre grupos, bem como, apresentaram traços de um desejo de pista, produzido pela posição de amadores no cenário competitivo. Ao mesmo tempo, Margarida encontra-se com algumas possibilidades de singularização e criação em curso, em que o modelo esportivo competitivo passa a inaugurar, entre outras coisas, uma variação e flexibilidade dos modos de competir.

Na terceira cena, intitulada “Skatistas pelas ruas: modos de “correr pelo certo”, expressão reiteradamente pronunciada pelos skatistas de Rio Grande, Margarida depara-se com um devir *Pollyana* nesses sujeitos, buscando articularem-se com as normas sociais moralmente reconhecidas como “do bem”. Para isso, estabelecem relações com os idosos, com as crianças, com as escolas, com a sustentabilidade, com a cidadania, produzindo uma conexão otimista com as normas que, historicamente, incidem de forma a regular suas ocupações das ruas e condutas rebeldes. Aqui, Margarida decide experimentar um zoom cartográfico nas relações com a escola, uma vez que os registros que possuía a permitiam experimentar análises mais produtivas nesse nó existencial. Ainda nessa cena, no que se refere às práticas de ajuste e articulação com as normas sociais – Margarida apresenta algumas relações estabelecidas com as mulheres e com o movimento LGBT, em que, no caso das primeiras, ela pode esboçar práticas de proximidade estratégica numa trama de forças atual na direção de combate ao machismo nos mais diferentes espaços sociais, e, com o segundo,

Margarida identifica relações de estranhamento e apatia, demonstrando o funcionamento de uma heteronormatividade em curso nos skatistas.

Por fim, sob o título “O primado das linhas de fuga: modos de borrar um território existencial”, Margarida se detém a produzir alguns agenciamentos acerca das possibilidades de resistência e de fuga as cartografias produzidas marcadamente interpeladas por processos normalizadores. Aqui, ela suspeita que parte dos registros capturados apresenta certo tom de ironia diante dos poderes e saberes identificados, caracterizando menos processos de objetivação e assujeitamento às normas e mais articulações estratégicas, na medida em que se chocam com o poder e dele fazem uso para se legitimarem, produzindo mutações constantes nas subjetividades skatísticas.

PARTE 1: (DES)CAMINHOS

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, os descaminhos daquele que conhece?

(FOUCAULT, 1984, p. 13)

(DES)CAMINHOS

A fundição, a cidade-cinza, a lotação, a prisão. Diáspora.

Bombachas, botas, campos, lãs, “é guria e não garota!”

Sala de aula, tintas de caneta e corretivo branco nas paredes, professora no quadro negro, frio. Uma menina de boné com a aba para trás chama atenção de Margarida. Tênis enormes e roupas de menino. Ela carregava um skate.

Ruas do bairro, meninos bonitos, roupas coloridas, frio. A praça, cigarros, dreads.

Margarida conhece a pista de skate. Polícia.

Adesivos no armário, desenhos na parede do quarto, tênis rasgado, mão lixada. Margarida se veste com as roupas de seu irmão pra andar de skate, sua camiseta preferida é da banda “Gorillaz”.

Madrugadas na pista, campeonatos de skate, calça rasgada, comida coletiva, calor, as canelas doem. Três dias fugida de casa, premiações e troféu, a negação e o reconhecimento.

Menina-skatista, meninas simpatizantes, pedir pra mãe “deixar”, as medalhas convencem as mães.

Ruas do bairro, ruas do centro, ruas do Cassino, o bowl do trevo, a praça Saraiva, a Free Session, calçadas altas, baixas, médias. O vídeo amador, o apoio da loja.

Solado ralado, o namorado, a psicopedagoga, a skatista-mulher.

O irmão marxista, a mulher-skatista.

A maioria, a empregabilidade, a universidade.

Margarida foi (poli)nizada.

Margarida adentra o mundo acadêmico através da graduação em Educação Física da FURG, no ano de 2010. Lá procurava estabelecer conexões, especialmente, entre suas experiências sobre quatro rodinhas e alguma possibilidade de trabalho, de profissão. Numa das atividades de acolhida dos novos alunos daquele ano, uma colega de turma faz a ela uma pergunta simples, e, ao mesmo tempo, arrebatadora:

Oi, o que você faz? Pergunta a menina.

Como assim? Diz Margarida.

Que esporte você pratica pra ter escolhido a Educação Física? Vôlei, basquete, futebol, handebol...

Qual esporte você pratica? Pergunta novamente a menina.

Esporte? Margarida devolve.

Sim! A menina responde esbugalhando os olhos.

Margarida observa a menina que veste *Nike* da cabeça aos pés.

Annnn...annn...eu gosto de musculação! Pratico há quatro anos já! Margarida se alivia.

Ah, claro... musculação, que legal! Então vamos as duas gostar do curso.

Margarida, com um sorriso no rosto, se despede sentindo-se, no mínimo, ambígua: aliviada pelo reconhecimento “de sua prática” pela mais nova amiga e, ao mesmo tempo, angustiada com seu silêncio sobre seus mais de seis anos vividos sobre um skate. Estaria Margarida silenciando o quê?

Durante algumas semanas, nas aulas inaugurais, em atividades de apresentação dos alunos, Margarida ainda pode identificar-se como “a praticante de musculação”. O silêncio perdurava. Receio das reações, insegurança, conformidade.

Em meados do segundo semestre, outro acontecimento marca Margarida e suas memórias. Trata-se do encontro com uma dissertação de mestrado de um professor do curso, que tinha o skate como temática². Logo, um misto de estranhamento e entusiasmo vibra em seu corpo: como o skate poderia estar na universidade, nesse outro mundo, e ainda como objeto científico? Como isso foi possível? O que diz essa pesquisa? Quem “aceitou” que ela fosse feita? Margarida não tinha respostas, somente perguntas, e várias. Ela precisava devorar aquelas páginas, entender como o skate era sustentado naquele lugar. Um lugar de camisas pólo, óculos de grau, de malas de couro, notebooks, livros, muitos deles, e de palavras ditas e escritas num vocabulário que Margarida nunca ouvira antes. Ela não encontrara as respostas de suas inquietações naquelas páginas brancas de letras pretas e de colunas de texto assimétricas. Diante de tais incertezas, ao menos uma convicção se esboçava. Ela podia quebrar seu silêncio.

² Refiro-me à pesquisa de mestrado do Prof^o Billy Graeff, intitulada “Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre””, produzida junto ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS e defendida em 2006.

A universitária-skatista se expõe, e, nesse processo, estabelecem-se uma série de outros encontros intercessores com o skate. Para Deleuze (1992), “o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas, mas também coisas, plantas. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores” (p. 156). Dentre eles, destacam-se o envolvimento em oficinas de eventos, realização de estágio, participação em disciplina e produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso³. Nesse movimento que perdurou os quatro anos da graduação de Margarida, ela pode apropriar-se de perspectivas teórico-metodológicas oriundas de uma linha de pesquisa intitulada “Memórias da Educação Física e do Esporte”. Naquele momento, suas inquietações repousavam numa identificada ausência de registros históricos sobre o skate na região, e uma notada linearidade nas histórias das produções acadêmicas, as quais, mesmo veiculadas pelos próprios skatistas, pouco contemplavam experiências locais. Assim, a construção de oralidades sobre a prática do skate junto a skatistas da cidade passou a mover Margarida e reaproximá-la ainda mais das rodinhas, mesmo que, naquele momento, o gravador se destacasse como seu principal instrumento interlocutor.

Por volta de 2013, nos entremeios da conclusão da graduação em Educação Física e do ingresso no Mestrado, Margarida depara-se com outro acontecimento que passa a interpelá-la. Trata-se do encontro com uma série de matérias de expressão em torno da prática do skate nas ruas da cidade em que reside. Tais signos⁴, nas formas de notícias de jornal, palpitações nas redes sociais, projetos de lei, experiências, entre outros, se mostraram como eventos ao pensamento, coisas aparentemente simples, mas que, contempladas de outros modos, puderam surtir efeitos sintomáticos de estranhamento e curiosidade. Menos uma curiosidade futilidade e mais uma curiosidade inquietude, “uma prontidão para achar estranho e singular o que existe à nossa volta” (FOUCAULT, 2008, p. 304).

Essas matérias discorrendo sobre a prática do skate apresentavam à Margarida uma tendência, uma inclinação que a incomodava. Tratava-se de um movimento que tomava como problemáticas determinadas ocupações dos espaços urbanos da cidade por esses sujeitos, especialmente, àquelas ocorridas nos espaços públicos, nas vias de trânsito, nas calçadas, nas

³ Alguns desses envolvimento referem-se ao oferecimento de oficina de skate na II Semana Acadêmica do curso de Educação Física da Furg, no ano de 2011; realização de estágio supervisionado obrigatório a partir de um conteúdo programático voltado á prática do skate; participação na disciplina optativa intitulada Práticas Corporais de Aventura na Natureza, ministrando aula para graduandos em Educação Física, com a possibilidade de ensinar o skate na escola; e, por fim, o TCC, defendido em março de 2014, sob o título “Memórias da prática do skate em Rio Grande/RS: geopolíticas, arquiteturas e skatistas”

⁴ “Não é possível separar signo e pensamento, cadeias de pensamentos começam com encontros ao acaso. Isso implica que o pensamento deve ser uma prática criativa ao invés de um corpo de conhecimento” (WILLIAMS, 2013, p. 115)

praças, nas ruas. Acompanhada dessas ocupações-problema, a implementação de espaços específicos à prática e outras medidas de controle de suas condutas, especialmente, via poder público, se apresentaram como as principais soluções.

Esboçava-se, assim, aos olhos de Margarida, indícios de um processo de problematização do skate nas ruas, dedicado a falar e prescrever sobre as condutas dos skatistas e possibilidades de intervenção sobre elas. Inspirada em Foucault, Margarida entende a problematização não “como a re-presentação de um objeto preexistente, nem a criação pelo discurso de um objeto que não existe, mas o conjunto de práticas discursivas e não-discursivas que faz algo entrar no jogo do verdadeiro e do falso” (REVEL, 2004, p. 83). Ademais, ela notava que sobre esses cenários tão conhecidos e habitados por ela, delineava-se a produção de um clichê⁵: as ruas como espaços inapropriados e as pistas de skate – ou espaços específicos – como a solução primeira.

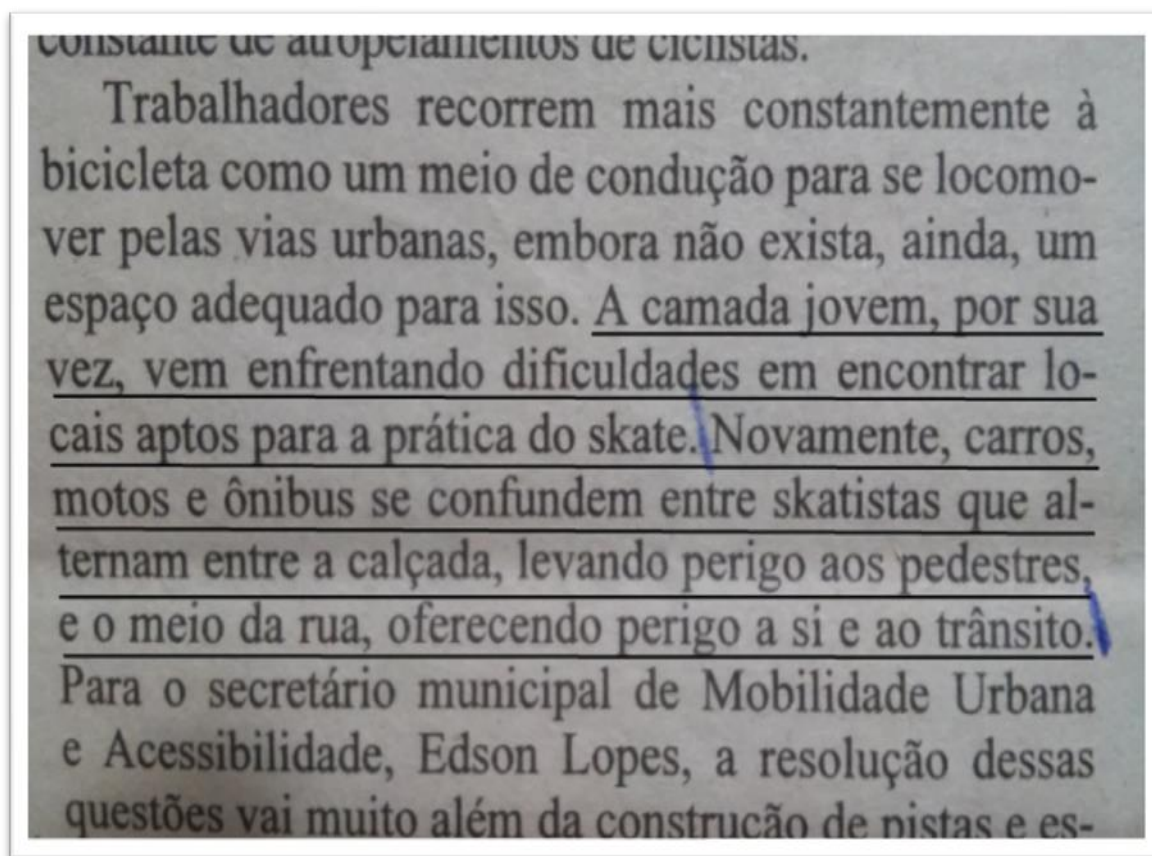


Figura 1: Trecho de matéria do jornal local, intitulada “Skatistas no trânsito: há como controlar”. Fonte: Diário Popular, 2 de agosto de 2014.

⁵ “Pensar, escrever e agir através de clichês talvez seja da mesma ordem de pensar, escrever e agir através de elaborações inconsistentes, vagas, só para constar”: em ambos os casos, abdicamos de pensar” (FISCHER, 2005, p. 127)

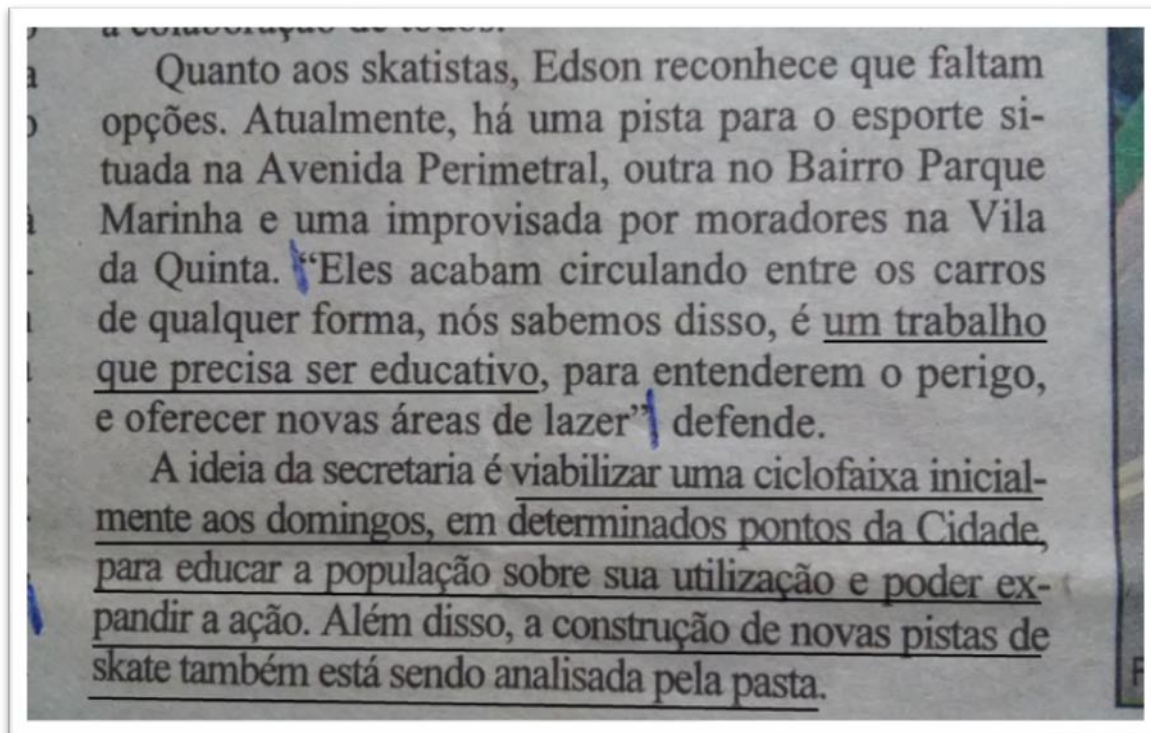


Figura 2: Trecho de matéria do jornal local, intitulada “Ciclistas e skatistas se confundem em meio ao trânsito”.
Fonte: Folha Gaúcha, 31 de maio a 7 de junho de 2013.



Figura 3: Publicação na rede social, grupo Rio Grande Atento, junho de 2014. Fonte: *facebook*.

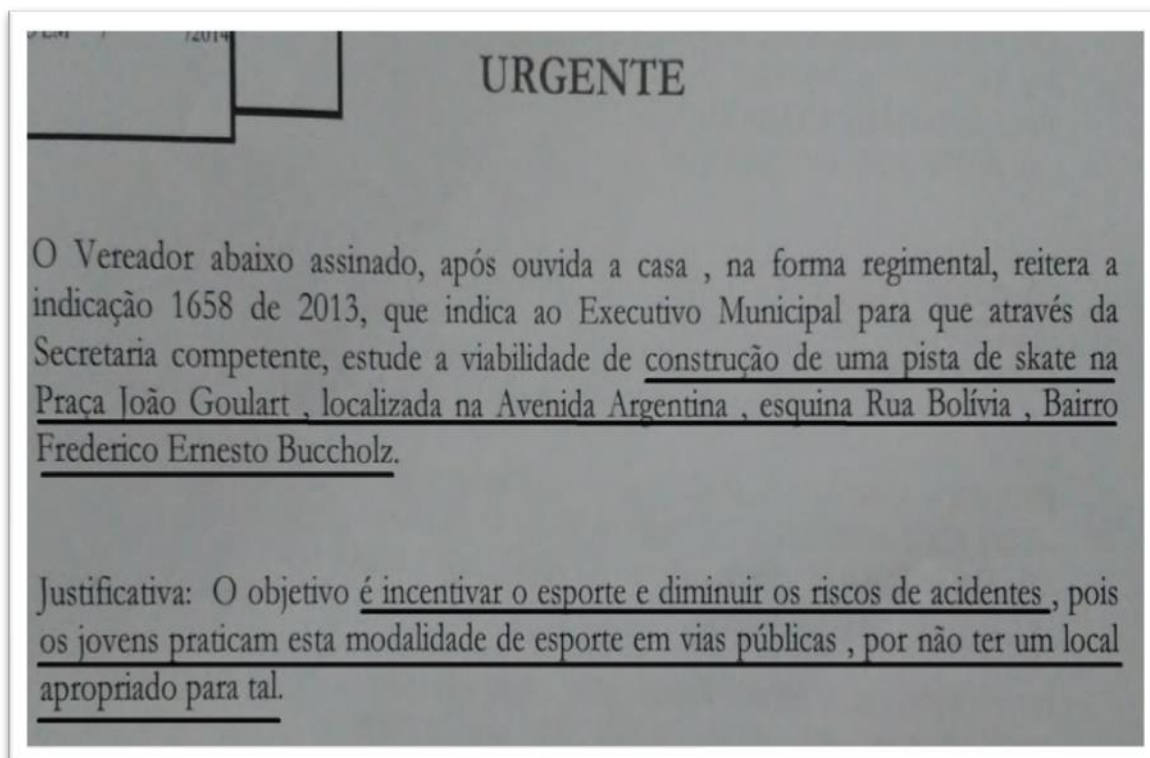


Figura 4: Protocolo de indicação de construção de pista de skate pelo Executivo, de janeiro de 2014. Fonte: Câmara de vereadores de Rio Grande.



Figura 5: Imagem anexada à matéria de jornal intitulada “Skatistas no trânsito: há como controlar”, já citada na figura 1. Destaque para a legenda.

De acordo com a diretora da escola, Denise dos Santos, a motivação para o evento é o fato de que “os alunos andam de skate pelo meio da rua, em meio aos carros dos professores e não conseguimos conscientizá-los dos riscos que correm; então decidimos parar uma manhã inteira para fazer o evento, em segurança, valorizando o apelo deles que, na verdade, não têm o espaço para esta prática, mas precisam refletir que, em meio aos veículos, estão arriscando suas vidas. Os alunos Jonathan Ceroni Arrieche e José Felipe da Silva, da turma 81, solidários e conscientes da questão, propuseram este evento e estão trabalhando em conjunto com a direção da escola para a realização do mesmo.”

Figura 6: Matéria publicada sobre o 1º Encontro de skatistas da Escola Santana, em agosto de 2013. Fonte: site da SMED (Secretaria Municipal de Educação). Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=7102>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.

O skate na rua previsto em lei

No início de 2014, um vídeo é publicado numa rede social por um skatista que manobrava nas calçadas de uma das ruas da cidade de Rio Grande. O vídeo mostra abordagem de um guarda municipal solicitando que o menino parasse de andar naquele lugar. O skatista, indignado, questiona o motivo da intervenção: “Quem disse que não pode andar de skate nas calçadas?” O policial responde, afirmando a existência de uma Lei Orgânica, chamada “Código de Posturas Municipal”, instituída em 1980, pelo prefeito daquele momento. O guarda afirma que, segundo a mencionada lei, o skate pode ser enquadrado como objeto de desordem do trânsito ou ainda de depredação do patrimônio público. O skatista, mesmo indignado, deixa o local e posta a filmagem na rede social, intitulado a lei e a medida como antiquadas. Como um dos efeitos dessa publicação na rede social, Margarida nota a organização de uma reunião aberta na Praça Tamandaré⁶, entre skatistas e vereadores convidados, para discutirem uma possível atualização da lei, desta vez, pensada a partir da possibilidade de exercer a prática do skate em lugares públicos. Como o vereador convidado não pode comparecer, não houve encaminhamentos por parte do poder público e os skatistas conversaram sobre as dificuldades em andar de skate na rua, especialmente, numa cidade “sem pistas”⁷ (Acontecimento registrado na forma de relato, 2014)⁸

⁶ Praça central onde, por muitos anos, skatistas tiveram seus skates apreendidos pelos guardas municipais, quando encontrados manobrando nos monumentos ou nos calçamentos.

⁷ Naquele momento, a cidade dispunha de três pistas de skate. Uma no bairro Parque Marinha, construída pela prefeitura, em 2002, que se encontrava bastante degradada. A da Perimetral, construída em 2011, também pela prefeitura, mas às pressas, num ano de eleição, e que não recebeu o *status* de pista pelos skatistas, pois apresentava obstáculos “inadequados”, como rampas que dão para lugar nenhum e corrimões altos, sem espaço para a entrada e saída de manobras e chão muito áspero. A terceira é a da Associação de Skatistas de Rio Grande (ASK-RG), fundada em 1991, mas que, naquele momento, encontrava-se fechada para reforma. Mesmo com

Os skatistas *street* são como arquitetos urbanos, “transitam pela cidade com um olhar apurado para certos equipamentos, que são vistos como obstáculos a serem superados” (MACHADO, 2012, p. 172). Há quem considere os skatistas os “exus da cidade, que as pessoas menos iniciadas acham que é o diabo, mas que são os nossos guardiões, que munidos apenas de uma tábua com rodas, dão movimento às ruas do centro e das periferias” (MAZZINI, 2015, s/p).

Margarida bem sabia o que sentia ao avistar em suas andanças diárias um canteiro de mármore, um suporte de metal para bicicletas, uma escadaria, um chão liso. Sentia criatividade, avistava possibilidades. Uma rampa para cadeirantes significa, antes de qualquer coisa, uma arquitetura *skatável*. Nas idas e vindas a Congressos Científicos, Margarida podia saber da existência de skatistas nas cidades onde passava, bastava decifrar o código inscrito nas reiteradas e lisas camadas de vela sobre os bancos, os palcos, as soleiras. Alguns colegas professores chegavam até a dizer que Margarida carregava skates nas suas enormes bagagens, levadas aos eventos - malas tão grandes quanto o tamanho da novidade que a prática de viajar a implicava.

Margarida, então, sentia a cidade como se seus pés rolassem mais que pisassem, e seu sentido primeiro dado às ruas era o de poder embalar rápido no asfalto liso, subir calçadas, inventar manobras, varando as tartarugas sinalizadoras. Margarida “nascera” numa pista de skate – construções de concreto liso imitando os obstáculos encontrados nas ruas, criadas, especialmente, pelo Estado -, mas as ruas jamais perdiam prestígio diante dessas.

Logo, Margarida se demora pensando nessa dubiedade da rua, ou, ainda, nessa ambivalência de sentidos sobre a rua. Como pode uma rua, um monumento, um banco, um corrimão, serem potencializadores de modos de vida urbanos e, ao mesmo tempo, serem objetos-álibi às investidas de destruição desses?. Como pode a depredação do patrimônio público e a utilização “desordenada” do skate como meio de transporte, como anunciadas nos recortes de jornais acima, tornarem-se argumentos tão bem aceitos à problematização do skate de rua, de modo que se produza, em torno dele, uma série de medidas prescritivas e incidam sobre a espacialidade dos skatistas processos que almejam normalizá-las?⁹ Como é possível

essas três, não era raro ouvir dos skatistas que a cidade “não tinha pistas”, pois nenhuma delas caracterizavam-se como uma pista de skate de qualidade, que os satisfizessem e saíssem das ruas.

⁸ Esses registros, na sua diversidade, foram dispostos nessa escrita na medida em que se apresentavam como intercessores às problematizações de Margarida, em que alguns puderam ser indicados por colegas, outros achados ao acaso, encontrados em buscas pela internet e documentos, registrados na forma de relatos, etc.

⁹ “A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (FOUCAULT, 2005, p. 302)

que os constructos urbanos e a circulação nas vias de trânsito choquem-se tanto com os usos que os skatistas fazem deles? E como é possível que o Estado, enquanto regulador dessas figuras urbanas, passe a investir em espaços específicos a esses sujeitos?

Noéli Sobrinho (2001), em apresentação sobre a Verdade e Mentira no sentido Extramoral, em Nietzsche, vai mencionar a escrita do autor, anunciando que “a verdade e a mentira são construções que decorrem da vida no rebanho e da linguagem que lhe corresponde. O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. A verdade e a mentira são ditas a partir do critério da utilidade ligada à paz no rebanho. Assim, os gestos, as palavras e os discursos que manifestem uma experiência individual própria em oposição ao rebanho, ou não são compreendidos ou trazem mesmo perigo para aqueles que assim se mostrem. Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho” (p. 06).

Logo, foi num movimento sintomático de estranhar o curso tomado dessa vontade de falar e de prescrever sobre as ocupações “inapropriadas” das ruas pelos skatistas, dessa naturalidade com que vinham sendo tomadas como problema, dessa obviedade de que intervenções estatais no sentido de regulá-los em pistas devam ser feitas, de uma necessidade mecânica de governar a espacialidade difusa que os skatistas vinham produzindo, foi procurando afastar-se dessa possibilidade de “verdade em rebanho” sobre a rua e seus usos, que Margarida pode passar a questionar. **Como é possível que as ocupações das ruas pelos skatistas seja um problema à atualidade e as pistas de skate constituam-se como a principal solução?**

Aqui, ela se depara com intercessores que vão, de certo modo, esboçando linhas de constituição da problematização do skate de rua. Trata-se de encontros com fragmentos de história, que vão possibilitá-la olhar a contingencialidade dessas figuras urbanas que se coloca a pensar. Um movimento interessado “não na verdade de nosso passado, mas no passado de nossas verdades” (LARROSA, 2004, p.34). Nos termos de Foucault (2010), trata-se de procurar “abalar a falsa evidência [de determinado estado de coisas], de mostrar sua precariedade, de fazer aparecer não o seu arbitrário, mas a complexa ligação com processos históricos múltiplos, e para muitos dentre eles, recentes” (p. 346).

Margarida passa a desconfiar que a problematização do skate de rua no presente e a produção de modos específicos de controle desses sujeitos (seja pela construção de uma artificialidade do urbano, as pistas de skate, ou pelo controle da circulação), que todo esse regime de práticas, todo esse arranjo atual, esteja conectado com o *aquário* no qual estamos

submetidos. Paul Veyne (2011) se utiliza da metáfora do aquário para falar do único *a priori* que Foucault reconhecia em suas pesquisas históricas: o *a priori* histórico. Suas paredes seriam esse momento histórico em que vivemos, que nos possibilita ver, dizer e saber determinadas coisas e não outras. Estamos sempre submetidos a esse *a priori* histórico, ou seja, não somos sujeitos fora do discurso ou de nosso tempo, o máximo que alcançamos é, talvez, saber da existência dessas paredes de vidro e alçar tentativas de borrá-las, para torná-las mais visíveis.

Margarida passa a desconfiar de que a cidade, como a conhecemos hoje, os espaços urbanos e públicos (a própria noção de público), os meios utilizados para assegurar suas funções, enfim, seus modos de funcionamento, não são naturais, não estão desde sempre aí.

“O público, noção capital no século XVIII, é a população considerada do ponto de vista de suas opiniões, da suas maneiras de fazer, dos seus comportamentos, dos seus hábitos (...) é aquilo sobre o que se age. Da espécie ao público, temos aí todo um campo de novas realidades no sentido de que são, para os mecanismos de poder, elementos pertinentes, o espaço pertinente no interior do qual e a propósito do qual se deve agir” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Trata-se de suspeitar que os skatistas pelas ruas podem se constituir como problema hoje por estarem inseridos em determinados dispositivos¹⁰ que investem sobre a vida das populações, no sentido de gerenciá-las a determinadas formas de funcionar. A problematização dos skatistas nas ruas pode, então, ser efeito de determinados mecanismos de poder que vêm nos regendo e, muitas vezes, alçando sua vitória.

Foucault (2008) vai nos demonstrar dois mecanismos de poder normalizadores que se desenvolveram na Modernidade: o mecanismo disciplinar – que decompõe o espaço, o tempo, os gestos, os indivíduos; classifica os elementos em função de objetivos pré-determinados, estabelece sequências; faz adestramento progressivo e controle permanente e realiza demarcação objetiva dos normais e anormais - normação. Nos mecanismos de segurança, o exercício do poder se dá sobre a população e seu meio, através de um caráter generalizável, um suporte matemático e articulação com outros dispositivos de poder, dando destaque às práticas reguladoras contemporâneas em torno das noções de caso, risco, perigo, crise. Seu processo de normalização vai se dar pelo trabalho das normalidades diferenciais, isto é, em jogar e fazer jogar em relação as outras essas diferentes distribuições de normalidade. Logo, a “análise desses mecanismos não é uma teoria do poder, mas uma forma de saber por onde isso

¹⁰ Refiro-me a dispositivos no sentido dado por Agamben, “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões, e os discursos dos seres viventes” (2009, p. 12)

passa, como se passa, entre quem e quem, entre que ponto e que ponto, segundo quais procedimentos e com quais efeitos” (FOUCAULT, 2008, p. 05)

Assim, Margarida passa a deslocar-se em direção ao passado, buscando existencializar algumas linhas de constituição dessas figuras instituídas em torno do problema do skate de rua. Articulado a isso, ela também realiza um exercício paralelo sobre a emergência dos skatistas na cidade, sobre como foi possível que esses sujeitos aparecessem e passassem a fazer esses usos inusitados do urbano, ou, talvez, como esses usos do urbano se constituíram, para eles, como nem tão inusitados assim. Nesse movimento, ela ensaia um breve mapeamento do nascimento das pistas de skate *street*, em duas escalas, uma mais geral, com produções sobre o skate no Brasil, e outra mais local, a partir de alguns achados num arquivo de memórias de seu trabalho de conclusão de curso.

No texto “O Nascimento da Medicina Social” (1979), Foucault apresenta como a medicina, no século XVIII, se constituía menos como instância privada, individualizada, e social, como estratégia biopolítica. “Enquanto a disciplina se dá como anátomo-política dos corpos e se aplica essencialmente aos indivíduos, a biopolítica representa uma "grande medicina social" que se aplica à população, a fim de governar a vida: a vida faz, portanto, parte do campo do poder” (REVEL, 2005, p. 27)

Para descrever essa socialização da medicina, o autor vai demonstrar três etapas na sua formação: a de Estado na Alemanha, a urbana, na França e a da força de trabalho, na Inglaterra. Margarida destaca a segunda socialização, percorrendo-a como possibilidade para pensar a constituição de uma urbanização das cidades, que se produzia de modo a tentar atender determinados problemas da época e garantir algumas funções necessárias. Problemas e funções intimamente relacionados à higiene pública e à medicalização do social.

Na segunda metade do século XVIII, a população da França se caracterizava por “multiplicidades emaranhadas de territórios heterogêneos e poderes rivais” (p. 85). Era preciso unificar esse território disperso, “organizar o corpo urbano de modo homogêneo e coerente, dependente de um poder único e bem regulamentado” (p. 86). Nesse cenário, Foucault vai indicar algumas razões dessa necessidade de ordenamento do urbano. Em primeiro lugar, está a razão econômica. Na medida em que a cidade torna-se lugar de mercado, indústria e de comércio faz-se intolerável a multiplicidade de jurisdição e de poder. A segunda razão é política. Com o desenvolvimento de uma população operária, vinda do campo para trabalhar nas cidades, vão se fortalecer as chamadas revoltas de subsistência urbana, e toda uma série de oposições e afrontamentos entre ricos e pobres, plebes e

burgueses vão se constituir e se efetivar, daí a necessidade de um poder político capaz de esquadrihar essa população urbana e evitar confrontos massivos. Aí, nasce na cidade francesa, o que Foucault chama de medo urbano: “medo das oficinas e das fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais, das epidemias urbanas, dos cemitérios, dos esgotos, das chaves a desmoronar” (p. 87).

A medida tomada pela burguesia francesa a essas agitações, aos medos urbanos e pequenos pânico que passavam a atormentar a vida nas cidades que se construía foi instituído um modelo político muito bem estabelecido, mas raramente utilizado: a quarentena. Em que consistia? Cada pessoa deveria permanecer em sua própria casa, em seu próprio compartimento – ninguém, portanto, poderia circular. A cidade seria dividida em bairros, que se encontravam sob a responsabilidade de uma autoridade – sistema de vigilância generalizada. Esses vigias deveriam fazer relatórios diários ao prefeito sobre seus territórios de observação – registro centralizado. Além de serem feitas revistas diárias de cada morador e de sua presença ou ausência – revista exaustiva dos vivos e dos mortos. Desinfetar as casas e ruas com perfumes queimados para purificação do ar também constituía esse modelo da quarentena.

Assim, Foucault dá atenção a duas séries em que o modelo da quarentena fora utilizado de formas diferentes: a da lepra e a da peste. Na primeira, tratou-se de exercer, no século XVII, uma medicina da exclusão. Aqueles identificados como leprosos eram afastados da cidade junto a outros infectados, constituindo-se um mecanismo do exílio e de purificação do espaço urbano. Já no modelo da peste, trata-se agora não mais de exclusão, mas de internamento, de individualizar os corpos em espaços quadriculados, para serem observados e institucionalizados. “Não mais a análise minuciosa da cidade, mas a análise individualizante, o registro permanente” (p. 91).

Nessa esteira de acontecimentos, Foucault anuncia três objetivos dessa medicina urbana nascida na França no século XVII: primeiro, analisar os lugares de acúmulo de doenças e miasmas, especialmente, os cemitérios, em que os corpos eram jogados uns sobre os outros para se decomporem. Invenção mais higiênica que religiosa das sepulturas, nesse contexto. Análise, então, das regiões de amontoamento, de perigo e confusão decorrente dessas. Segundo, o controle da circulação da água e do ar. Antes mesmo de circulação de pessoas, foi problema a circulação de doenças e pragas. Terceiro, as distribuições e seqüências dos elementos necessários à vida comum nas cidades, de como seriam eliminados

os dejetos humanos, como a água chegaria até as residências, enfim, todas essas “higienes públicas”, todas essas questões médico-sociais que ganhavam importância no século XVIII, na França, que vão produzir efeitos na constituição da urbanização das cidades ocidentais. Logo, Margarida passa a demonstrar, a partir de estudos de Foucault, como a distribuição disciplinar dos espaços da cidade se constituiu intimamente relacionado a determinadas funções, as quais foi preciso assegurar, especialmente, no que se refere às questões de higiene, saúde pública e segurança.¹¹

Nesse processo, Margarida se depara com outras análises de Foucault (2008), vislumbrando, dessa vez, como modos de organização e funcionamento de cidades, do século XVI ao XIX, constituem potentes cenários de análise das transições nos mecanismos de poder que as sustentaram. Três modelos de urbanização que fazem ver três séries no panorama de atuação do poder: o mecanismo legal ou jurídico das sociedades de soberania, na Idade Média, o modelo disciplinar, na Modernidade do século XVIII, e, por fim, o mecanismo de segurança, mais contemporâneo, no século XIX. Nas cidades de soberania, tratava-se de conectar “eficácia política a distribuição espacial” (p. 20). Foucault evoca a noção de edifício, em que na base invisível, seu alicerce, estariam os camponeses, nas áreas de serviço os artesãos e na parte de habitação o soberano e seus oficiais. Aqui, a capital - central num território assumidamente circular e centralizador do poder do soberano - assume importância e deve constituir a sede do Estado. Tratava-se, logo, de capitalizar um território.

Para demonstrar o exemplo da cidade disciplinar, Foucault toma o exemplo da urbanização de Richelieu na França. Aqui, as cidades constituíam planejamentos na forma de acampamento, com suas divisões e funções projetadas. Não a partir do maior que ela (o território), mas a partir do menor que ela, o módulo arquitetônico com subdivisões quadradas (tipo quadras). Nessa cidade retangular, instalada numa localidade vazia, há quadras, num extremo da cidade, em que as pessoas devem morar, e, no outro extremo, onde o comércio, as praças, as feiras devem ficar. Assegurar o comércio, a moradia, a higiene. Tratava-se, aqui, de arquitetar um espaço.

¹¹ O texto de Foucault em questão faz parte de seus estudos voltados à análise dos mecanismos de poder, seus deslocamentos e articulações, no contexto de suas aulas e cursos proferidos no College de France (1970-1984), na sua posição de *professor Foucault*. Nessa análise, da passagem de um mecanismo a outro, a cidade aparece como “problema primeiro”. “A cidade representava sempre como que um espaço de autonomia em relação às grandes organizações e aos grandes mecanismos territoriais de poder que caracterizavam um poder desenvolvido a partir da feudalidade. Creio que a integração da cidade aos mecanismos centrais de poder, melhor dizendo, a inversão que fez que a cidade tenha se tornado o problema primeiro, creio que esse é um fenômeno, uma inversão característica do que aconteceu entre o século XVII e o início do século XIX. Problema a que foi preciso responder com novos mecanismos de poder, cuja forma, sem dúvida, deve ser encontrada no que chamo de mecanismos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 84)

E, por fim, Margarida toma de Foucault as características das cidades de segurança, a partir da urbanização de Nantes, também na França. A circulação e a necessidade de desfazer as aglomerações desordenadas da população aparecem como primados à organização desse modelo de urbanização. Diferentemente de Richelieu, não parte de um planejamento num espaço vazio, mas de uma redistribuição de formato e funcionamento com vistas a assegurar as velhas e novas funções urbanas que, no século XVIII, tornam-se necessárias: higiene e arejamento em combate as pragas, garantir o comércio interior, articular essa rede de ruas com estradas externas – importação e controle aduaneiro, vigilância - separar a boa circulação e boas pessoas das más - impedir o crescimento desordenado e as idas e vindas de sujeitos flutuantes (FOUCAULT, 2008)¹².

As cidades de segurança vão considerar menos o indivíduo num espaço compartimentalizado, numa localização quadricular, e mais sua gestão, agora tomados como massa populacional, ou ainda, como um “um corpo de várias cabeças” (FOUCAULT, 2005, p. 292). Passa-se a gerir a população menos pelas condutas individuais e mais pela noção de série. “Série de elementos que se deslocam; série de elementos que se produzem; série das unidades que se acumulam” (FOUCAULT, 2008, p. 26). A rua, assim, passa a obter uma polifuncionalidade a qual é preciso assegurar.

O que é uma boa rua? É uma rua na qual vai haver, é claro, uma circulação dos chamados miasmas, logo das doenças, e vai ser necessário administrar a rua em função desse papel necessário, embora pouco desejável, da rua. A rua vai ser também aquilo por meio do que se levam as mercadorias, vai ser também aquilo ao longo do que vai haver lojas. A rua vai ser também aquilo pelo que vão poder transitar os ladrões, eventualmente os amotinados, etc. Portanto são todas essas diferentes funções da cidade, umas positivas, outras negativas, mas são elas que vai ser preciso implantar no planejamento. (FOUCAULT, 2008, p. 26)

Logo, na gestão da rua se levará em consideração o que pode acontecer, não mais no presente, mas no futuro. A noção de risco passa a funcionar como uma das técnicas de governo, uma vez que se considera que essa multiplicidade viva – a população - pode produzir, mediante sua natureza mutante, eventos, sobre os quais vai ser preciso intervir. “A segurança vai procurar criar um ambiente em função de acontecimentos ou de séries de acontecimentos ou de elementos possíveis, séries que vai ser preciso regularizar num contexto multivalente e transformável” (FOUCAULT, 2008, p.27).

¹² O autor ressalta que “você não tem uma série na qual os elementos vão se suceder, os que aparecem fazendo seus predecessores desaparecerem. Não há a era do legal, a era do disciplinar, a era da segurança. Na verdade, você tem uma série de edifícios complexos nos quais o que vai mudar, claro, são as próprias técnicas que vão se aperfeiçoar ou, em todo caso, se complicar, mas o que vai mudar, principalmente, é a dominante ou, mais exatamente, o sistema de correlação entre os mecanismos jurídico-legais, os mecanismos disciplinares e os mecanismos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 11).

Nesse momento, a noção de meio passava a tornar-se importante, já que fora através da gestão desse meio de existência urbana que mecanismos de segurança passam a se esboçar como uma nova tecnologia de poder e, no presente, apresentar resquícios de incidência sobre os skatistas. Para Foucault, esse meio é que vai conferir certa naturalidade à noção de população, com a inserção biológica do homem às noções de gênero e espécie. “Tem-se uma população cuja natureza é tal, que é no interior dessa natureza, com ajuda dessa natureza, a propósito dessa natureza que o soberano deve desenvolver procedimentos refletidos de governo” (FOUCAULT, 2008, p. 94).

Porém, essa naturalidade que vai ser conferida à população não se caracteriza somente como massa homogênea de indivíduos e de projetos de governo bem delimitados. “Essa população é evidentemente feita de indivíduos, perfeitamente diferentes uns dos outros, cujo comportamento, pelo menos dentro de certos limites, não se pode prever exatamente” (p.95). Esse motor de ação que vai conduzir a população, até mesmo naquilo que ela não se deixa conduzir, é o desejo, “aquilo pelo qual todos os indivíduos vão agir e também contra o qual não se pode fazer nada” (p. 95). Assim, o desejo, pela primeira vez no século XVIII, se insere como instrumento de governo da população. Logo, “dizer sim” ao desejo espontâneo de cada indivíduo de uma população passa também por agenciá-lo como interesse geral da massa. Uma coletivização do desejo para melhor governá-lo.

Nesse entremeio de leituras e encontros, Margarida se depara com outro estudo de Foucault (2009), interessado, dessa vez, na produção de uma história das ilegalidades e das formas de punição na modernidade ocidental. Lá, ela encontra pistas de uma emergência desse imperativo tão sólido no presente, em torno da consagração dos bens, noção que vem sendo utilizada contemporaneamente como argumento auto-explicativo à problematização do skate de rua. Como o bem material, o constructo urbano, a propriedade, podem receber tanta importância e proteção no presente?¹³. Abordando alguns deslocamentos nos ilegalismos na história do ocidente, Foucault anuncia o nascimento da ilegalidade popular como uma espécie de ilegalidade tolerada que se fazia valer nas camadas mais desfavorecidas da população. Por “não terem muitos privilégios, gozavam, no que lhes impunham as leis e os costumes, de margens de tolerância, conquistadas pela força e obstinação” (FOUCAULT, 2009 p. 80).

¹³ Esse questionamento me conectou a outras formulações produzidas em torno das manifestações de junho de 2013, no Brasil, em que multidões de pessoas saíam às ruas para protestar sobre diferentes pautas sociais e políticas. Naquele momento, algumas mídias passaram a identificar uma modalidade de manifestantes nomeada de “vândalos”, caracterizados especialmente pelos danos que esses causavam aos patrimônios públicos e privados durante as passeatas. O curioso aqui é o status de verdade conferido à depredação como problema acima das próprias pautas sociais que os movimentos levantavam.

Algumas dessas ilegalidades toleradas relacionadas ao estrato social popular tinham na ilegalidade fiscal, aduaneira, contrabando, no saque, na luta armada contra os agentes do fisco, contra os soldados, a vadiagem, a revolta, enfim, seus principais meios de criminalidade. Entretanto, na segunda metade do século XVIII, com o aumento geral da riqueza, o grande crescimento demográfico, o alvo principal da ilegalidade popular tende a não ser, em primeira linha, os direitos, mas sim os bens.

A pilhagem, o roubo, tendem a substituir o contrabando e a luta armada contra os agentes do fisco (...) além do mais, se uma boa parte da burguesia aceitou, sem muitos problemas, a ilegalidade dos direitos, ela a suportava mal quando se tratava do que considerava seus direitos de propriedade. A ilegalidade dos direitos, que muitas vezes assegurava a sobrevivência dos criminosos mais despojados, tende, com o novo estatuto da propriedade, a tornar-se uma ilegalidade de bens (FOUCAULT, 2009, p. 82)

Aqui, Margarida passa a vislumbrar linhas de constituição não só dessa naturalidade com que a “depredação dos bens” torna-se problema nas cidades hoje, como também desse desejo incessante de espaços específicos aos sujeitos urbanos – no caso, as pistas de skate, uma vez que se inserem, talvez, como soluções de governo ao desejo de circular pelas ruas e aos problemas que a circulação flutuante desses sujeitos sobre rodinhas aciona. Ademais, Margarida nota, nessas leituras, que é sobre esses desejos espontâneos – como circular e manobrar de skate pela cidade - e sobre os riscos que eles implicam, que a governamentalidade, numa sociedade de segurança, deve agir.

A lei proíbe, a disciplina prescreve e a segurança, sem proibir nem prescrever, mas dando-se evidentemente alguns instrumentos de proibição e de prescrição, a segurança tem essencialmente por função responder a uma realidade de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde - anule, ou limite, ou freie, ou regule, Essa regulação no elemento da realidade é que é, creio eu, fundamental nos dispositivos da segurança (FOUCAULT, 2008, p. 61)

Nesse sentido, Margarida sintoniza-se com a possibilidade de que essa *vontade de falar e prescrever* sobre o skate de rua trate-se de práticas circunscritas no que Foucault (2008) chama de dispositivo da segurança. Não mais o proibido e o permitido, o possível e o impossível, instituído pelo poder soberano do príncipe, mas, sim, as regulamentações da circulação, de como as coisas devem ou não circular e de modos específicos de controle do desejo. De modos regulados de dizer sim ao desejo de rua pelos skatistas. “O problema dos que governam não deve ser absolutamente o de saber como eles podem dizer não, até onde podem dizer não, com que legitimidade eles podem dizer não, o problema é o de saber como dizer sim, como dizer sim a esse desejo” (FOUCAULT, 2008, p. 96)

Margarida persegue a possibilidade de tratar-se, talvez, menos de uma luta explícita contra os skatistas, de querer bani-los das ruas, mas, sim, de inseri-los num sutil regime de

práticas, capaz de torná-los menos propensos ao perigo (da população, dos carros, dos pedestres, do sossego, etc.). Aplicar-lhes técnicas de normalização disciplinar – através da fabricação de corpos educados para as pistas de skate, interessados e dependentes de pistas de skate – e de normalização biopolítica –, tratando-os de modo a deixá-los mais próximo possível de uma média aceitável de ocorrências. Talvez, quanto mais skatistas houver nas ruas, mais tornam-se problemáticas suas presenças, mais tornam-se necessários investimentos na sua regulamentação, mais tornam-se visíveis suas periculosidades e riscos à população, etc.

Aqui, Margarida logo conecta-se ao estudo de Machado (2012), em que o autor analisou como skatistas vêm relacionando-se com uma série de políticas públicas criadas a esses sujeitos na cidade de São Paulo/SP, localidade com o maior número de adeptos do Brasil, sendo o segundo esporte mais praticado entre os jovens, perdendo somente para o futebol. O cenário de maior inchaço de skatistas no meio urbano, não por acaso, também é palco do maior número e proliferação de investidas municipais, na forma de leis, políticas públicas, construção de pistas, projetos, entre outros, visando inserir os skatistas na categoria de cidadãos e de sujeitos controláveis.

Diante desses fragmentos de história sobre o gerenciamento da vida nas cidades modernas, e das sintonias teórico-políticas que Margarida estabelece com eles, ela debruça-se agora num exercício sobre a emergência dos skatistas, sobre como foi possível que esses sujeitos aparecessem e passassem a fazer esses usos inusitados da cidade contemporânea, especialmente, no Brasil.

Leonardo Brandão (2008), ao realizar uma história cultural do skate no Brasil, utilizando especialmente revistas que propagavam e enunciavam a prática entre as décadas de 60 e 80¹⁴, descreve o aparecimento da modalidade *street*, a partir de uma dissociação com a prática do surf, nos anos 60, período em que as duas práticas ainda compartilhavam muitas semelhanças. O documentário “Dogtown and z-boyz”, de Stacy Peralta (2001), mostrou como o surgimento do skate na Califórnia, na metade do século, esteve ligado a uma necessidade de transpor as manobras e os divertimentos dos surfistas na água às superfícies deslizantes das ruas, especialmente, nos períodos de mar liso. Assim, o mar liso e a sensibilização para a possibilidade de deslizar também sobre o concreto, sob uma prancha anexada a rodas, criaram condições para que se passasse também a surfar no asfalto. Essas práticas de passagem das sensações possibilitadas nas ondas nos espaços urbanos, promoveram a ocupação, pelos

¹⁴ Revista *Esqueite*, *Overall*, *Yeah!*, entre outras.

skatistas, das mais variadas arquiteturas deslizantes e inspiradoras das cidades à prática do *skateboard*, ou melhor, do “surf de asfalto”, que vai ser migrado para o Brasil e praticado à moda californiana (BRANDÃO, 2008).

Porém, foi possível demonstrar que, nos anos 70 e 80, houve um forte movimento de dissociação do skate em relação ao surf, especialmente, pela veiculação e vinculação - por uma série de revistas sobre juventude e esportes californianos - do skate praticado nas ruas à cultura *punk*:

Através da *Yeah!* É possível compreender a emergência do *street* skate, sua relação com o *punk* e com as cidades. Logo em sua primeira edição, encontra-se uma tentativa de se definir o grupo dos skatistas, sendo possível identificar vários elementos discursivos que remetem ao *punk*, principalmente, na referência à anarquia e ao lugar alternativo que procuram ocupar na sociedade. (BRANDÃO, 2008, p. 14).

Além da associação do skate *street* às características rebeldes da cultura *punk*, nos anos 80, era possível notar nessas revistas uma forte tendência e apologia ao desbravamento das ruas, através de enunciações como “ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados; não acorde a cidade; horrorizar o trânsito” (BRANDÃO, 2008, p. 18). Assim, se intensificavam nessas mídias uma supervalorização da ocupação das ruas e da transgressão da ordem, como práticas legítimas ao sujeito identitário skatista *street* que se constituía. Nesse sentido, as ruas, esses espaços públicos urbanos de múltiplas possibilidades de ocupação pelos skatistas, passavam a constituírem-se como os espaços de prática característicos dessa nova figura de sujeito que se desenhava, e que já nasce comprometido com o ideal anárquico e transgressor, herdados do *punk*. Instala-se aí, na interface skatistas e cidade, uma série de conflitos e disputas sobre os “comos” dessas ocupações, inclusive, na forma de proibições.

Outro estudo de Brandão (2014) analisou os diferentes modos de tratamento dos skatistas *street* pelo poder executivo de São Paulo, desde sua proibição, no governo de Jânio Quadros, na década de 80, ao seu incentivo, no governo de Luiza Erundina, nos anos 90. Num primeiro momento, marcado pela ascensão do skate de rua em São Paulo e por uma ocupação significativa desses sujeitos nas praças públicas, a principal medida tomada – mesmo sem inscrição em lei, autorizando ou desautorizando o uso do skate em lugares públicos – era a proibição e apreensão dos skates, o que causou muita revolta e agitação contrária pelos skatistas. Nos anos 90, o governo da Luiza Erundina não só revogou a proibição do skate de rua, como, também, inseriu-o como prática de lazer, responsabilizando-se pelo público skatista e por uma série de necessidades e desejos de espaço por eles reivindicado.

Margarida acrescenta aqui, ao incentivo conferido pelo governo Erundina, que a aliança e comprometimento tomados junto a esses sujeitos não se referem somente a uma bandeira partidária e uma posição política num cenário truculento – enquanto mulher, nordestina e eleita pelo Partido dos Trabalhadores – em que os skatistas mostrar-se-iam como sujeitos aliados pela opressão sofrida pela oposição, mas, sobretudo, à sua produtividade estratégica num contexto em que “dizer sim”, de modo a regulamentar as realidades, torna-se mais interessante que proibi-las e interdita-las.

Nesse momento, Margarida passa a notar que a construção de pistas de skate e a progressiva responsabilização do Estado na implementação dessas vêm constituindo-se como modos de governar os skatistas *street*, uma vez que as pistas só passam a aparecer quando uma série de indisposições passa a se desenvolver entre skatistas e o poder público.

Se de um lado é possível enxergar práticas de apropriação dos espaços urbanos pelas manobras de skate, detectar influências da cultura punk e desejos por transgressão, de outro, existe a cidade como organismo funcional, que detecta, seleciona e analisa seus componentes urbanos. (BRANDÃO, 2008, p. 21)

Assim, o desejo por transgressão, por deambular pelas ruas da cidade, por conferir novos usos às suas arquiteturas, através da realização e criação de manobras com o skate, passa, agora, por um processo de transição não mais da natureza ao asfalto, mas das ruas aos espaços específicos de prática, com a construção das pistas de skate *street* – esses espaços específicos e bem delimitados, réplicas daquilo que não foi pensando para o skate, mas que o skate fez questão de pensar para si.

Foi diante desse exercício de história através de agenciamentos teóricos experimentados, que Margarida se depara com a possibilidade de um descaminho, um deslocamento nos modos de olhar o operar. Na sua banca de qualificação, em um de seus pareceres, ela teve a indicação da necessidade de procurar escapar do universal, de dedicar-se nas particularidades da cidade de Rio Grande/RS¹⁵, solo geográfico dessa empreitada. Ela lembra-se, então, dos seus exercícios de pesquisa que realizara durante a graduação, em que pode produzir entrevistas com skatistas da cidade, que iniciaram a prática nos anos 80. Esses materiais, em formato de áudios e transcrições de três entrevistas, mostravam-na produtivas intersecções de análise à existencialização dessas figuras do presente. Vale destacar que essa

¹⁵ Rio Grande é um município localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, colonizado por famílias de origem européia, sobretudo ingleses, alemães, portugueses e espanhóis, e abriga atualmente cerca de duzentos mil habitantes. Cidade portuária, encontra na pesca, nas atividades do pólo naval e na agricultura, suas principais fontes de sustentação econômica (TEIXEIRA, FREITAS, 2013). Destaco que no período de realização de parte dessa pesquisa, a cidade passava por um intenso *boom* populacional, pela migração de mais de 20 mil trabalhadores, decorrente da implementação de um Pólo Naval. Isso produziu um aumento do número de carros, de pedestres, da circulação e fluxo nas ruas, além de outras demandas de controle urbano, como pavimentação e construção de moradias em locais antes inóspitos.

escolha possibilitou à Margarida não somente uma revisitação aos dados utilizados em seu TCC, mas, sobretudo, à utilização de materiais que não puderam ser explorados naquele momento e que aqui serviram como potentes fontes à discussão e à construção de outra história. Nesse arquivo, Margarida depara-se com algumas pistas de uma emergência da prática do skate no município de Rio Grande, entre os anos 80 e 90, período em que os skatistas tinham nas transições, vãos, *mini ramps* e *bowls*, seus principais espaços de prática e modos de andar.



Figura 7: Skatista manobrando em rampa de madeira móvel própria, colocada na ERS-734, no final dos anos 80. Fonte: Acervo próprio.



Figura 8: Skatista manobrando no Banks do Kastelão em competição da modalidade vertical, início dos anos 90.
Fonte: Acervo próprio.

Nesse período de vôos e joelheiras, o *banks* do Kastelão – localizado onde atualmente se encontra o supermercado Big - assume destaque nas falas de um entrevistado sobre suas primeiras andanças, bem como algumas rampas portáteis colocadas em ruas e em pátios residenciais, com o intuito de executar aéreos nas transições. Nesse momento, não havia indícios ainda de uma responsabilização do Estado na construção das poucas rampas e obstáculos compartilhados. Esses consistiam em construções feitas à própria mão pelos skatistas.

Era tudo pessoal mesmo, tudo aquela coisa do “faça por você mesmo”, sabe? Não tinha nada a ver com vereadores, políticos, nada, até onde eu sei, nada. A primeira pista que teve em Rio Grande foi no local mais impróprio possível, no estacionamento do Big, na época era Kastelão. Teve um banks ali, teve campeonatos e tal, mas eu tenho certeza que ali o pessoal que fez ali, não foi por influência de políticos, faz tempo isso aí. (HENRIQUE, 05/10/12)¹⁶

O Nakano, ele era representante, e ele botou uma pilha ali, no pessoal daquela loja ali de eletrodoméstico, na vinte e quatro, é...Radioluz, e ele botou uma pilha no cara e o cara

¹⁶ As transcrições das falas de skatistas produzidas em seu trabalho de conclusão de curso e aqui retomadas à problematização de Margarida aparecerão em itálico, justificado, com nome do depoente e data da entrevista.

deixou na dele e ele conseguiu fazer uma loja de skate ali dentro, em cima, na parte de cima, era Esporte e Ação...

Ele que trouxe essa história e começou botar uma pilha na gente, a dizer “ó vocês têm que se organizar, vamos fundar uma associação”, eu digo “vamos, vamos cara”. Eu já gostava, né? A gente já fazia rampa, mas fazia umas rampa toda torta, né, fazia os nossos campeonatos ali, mas aí começou a aparecer coisa profissional, material profissional. O Banks que foi feito, né, foi feito com um tipo de construção já, um conhecimento técnico mesmo, né, de fazer a transição redondinha, com madeira e tal (ROGÉRIO, 19/08/13)

O que chama atenção nas falas desse período, é que mesmo exercendo a prática numa pista de skate, com equipamentos de segurança, campeonatos organizados, iniciativas de institucionalização e com uma estética propriamente esportiva, incidia, sobre os skatistas, imaginários de transgressão e rebeldia, produzindo efeitos, especialmente, na condução de si mesmos.

rolava essa questão, assim, de ser skatista, né? A gente já gostava de coisas diferentes, assim, tipo, andar com um...a influência... o skate e a música, assim, eles andam sempre meio juntos, assim, né? Se tu observar, assim, nessa época aí, a influência, a identidade do skate, ela tava misturada com a do punk, assim, a do rock. Então, a gente andava, as vezes com bracelete, que é ratos de esgoto, né? Uma coisa bem agressiva, bem punk mesmo. (ROGÉRIO, 19/08/13)

Nos anos 90, Rogério narra o que chama de transição das rampas ao skate de rua, em que não somente os obstáculos por eles criados e suas manobras passaram a assumir outras estéticas, como também os espaços ocupados passaram a ser outros. Aqui, saem de cena os equipamentos de proteção, as rampas e *Banks*¹⁷ com localização fixa na cidade, para dar lugar às andanças pelas variadas arquiteturas urbanas.

A gente andava, as vezes, na frente dos colégios, Juvenal Miller, nas ruas asfaltadas tipo Barão de Cotegipe, aquela coisa assim, de botar os obstáculos, um cano ou um negócio pra pular no asfalto da Barão de Cotegipe, mas mais o pessoal andava era na praça Xavier, e lá no Cassino, a canchinha, atrás do Hotel Atlântico, uma baita cancha ali. Era mais isso mesmo, a praça Xavier sempre foi o melhor lugar, sempre mesmo, pelos obstáculos e pelo piso também, definitivamente a praça Xavier (HENRIQUE, 05/10/12)

As revistas especializadas em skate, os VHS, e a vinda à Rio Grande de skatistas profissionais de outras regiões foram destacadas como os principais meios de inspiração à prática do skate de rua. Ainda antes de bancos, escadarias e corrimãos brilharem aos olhos dos

¹⁷ O Banks é uma das modalidades institucionalizadas do skate, caracterizada pela prática em pistas com formato de piscinas vazias, de fundo arredondado, com altura média de 2,50 metros. É uma das modalidades mais democráticas, pois é praticada por adeptos de Street, Vertical, Mini-ramp, Longboard e Downhill, como também por crianças, jovens e adultos. No Brasil foi bastante popular no meio dos anos 80 e recentemente, há três anos, voltou ao auge com a construção de dezenas destas pistas. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/modalidades/banks>. Acessado em 21 de fevereiro de 2016.

skatistas, as mídias do skate apresentavam as manobras *street* e as ruas como seus mais novos cenários.

teve um profissional que veio fazer demo¹⁸. Ele vinha pra cá e nos campeonatos ele vinha fazer demonstração. Vinha ele e mais uns dois caras e tal, e ele trouxe umas VHS e nós copiamos. Eu me lembro que era um vídeo da H street, um da Santa Cruz e um da Power, e aquilo também revolucionou bastante, assim, nas manobras que a gente dava e tal (ROGERIO,19/08/13)

Nesse processo de transição das rampas às arquiteturas das ruas, efeitos de marginalização passam a esboçar-se sobre os skatistas, agora, menos por uma atitude rebelde assumida e mais como processos de controle de suas condutas, especialmente, pelo poder público, que passa a intervir sobre suas ocupações inusitadas dos espaços da cidade.

tu ia andar de skate na Praça Xavier e era tratado como marginal, assim, dá impressão que tu é um marginal. De repente, os policia ali diz “dá teu skate”, já me tiraram meu skate uma vez. Tive que assinar um documento, tive que dar carteira de identidade e tal. Aí disseram assim: “se tu andar aqui de novo nós vamos pegar o teu skate e não te entregamos mais”. A gente vira um marginal nessas horas, né? (HENRIQUE,05/10/12)

bah, os caras do skate, o visual, tu já identifica e tu já discrimina, né? E como a gente andava na rua, tinha muito essa coisa, assim, de destruir calçada, né? Que o pessoal: “ah, tá andando ali na praça vai destruir”. Aquela coisa que até hoje permanece de alguma forma, né? (ROGÉRIO, 19/08/13)

Diante desses efeitos, Margarida encontra alguns indícios de processos de normalização desses sujeitos, numa direção de produzir consentimentos nos skatistas quanto à impropriedade das ruas como espaços de prática. Logo, é possível notar alguns contornos de uma aliança produzida entre poder público e skatistas, em que o primeiro responsabiliza-se pelas construções de pistas de skate ao novo esporte, e, o segundo, pela condução de suas condutas, no sentido de manter os usos e as circulações ordenadas da cidade.

A gente marcou uma reunião com o Eduardo Lawson (Secretário de Esporte da época), por que a gente não agüentava mais andar na praça Xavier e os policiais irem ali e tirarem o skate da gente e tal. Aí falamos: “ó, precisamos de uma pista”, aí a gente marcou uma reunião com o Eduardo Lawson, marcamos várias reuniões e conseguimos aquele espaço lá, no Centro de eventos (atual sede da Associação de Skatistas de Rio Grande – ASK-RG) (HENRIQUE, 05/10/12)

¹⁸ Demo é abreviatura de “Demonstração”, que consiste em passagens de skatistas, na sua maioria, amadores e profissionais com patrocínio de marcas, em picos de skate de um itinerário de cidades. Geralmente, as demos são promovidas pelas próprias *skate-shops* locais que revendem a marca patrocinadora.

a gente andava na rua, a idéia que surgiu foi, na vez que a gente tava andando ali na pracinha e chegou os policial atirando tudo pra cima, aí uma senhora perguntou: “ah, por que vocês fazem isso com os guris, por que não arranjam um espaço aí, nessa praça aí, pra eles andar de skate”. Aí surgiu a idéia, aí o Roger criou a Equipe de Skate do Parque Marinha, eles tinham carteirinha, tudo. A gente fazia reunião lá no Roger, aí agente começou a ir em rádio pedir, câmara de vereadores, prefeitura, tudo isso, a gente ia até a gente conseguir. Ficamos uns 2 anos na batalha, eu acho, até conseguir a pista (pista pública do Parque Marinha e primeira da cidade construída pelo poder público) (ISMAEL, 27/09/11)

Não somente as ruas passaram a perder prestígio e constituírem-se moedas de troca com o poder público à consecução de pistas, como, também, passava-se a produzir uma divisão entre os skatistas: os “destruidores” e aqueles que, mesmo que destruam, exercem um uso esportivo do obstáculo.

o cara ir andar na rua, no patrimônio público, e, bem ou mal, por mais que a gente não queira, alguns não queiram enxergar, a gente sabe que destrói alguma coisa. A gente sabe que têm coisas que não destrói, que elas tão ali, mas têm outras coisas que destrói, então, mistura tudo, né? As vezes, o pessoal que tá ali, que tem que fazer a guarda das coisas, tem que atender, ele acaba não diferenciando o que é skatista andando na rua, que tá andado no chão, com skatista que tá andando no obstáculo e praticando o esporte, que tá filmando, com o cara que destrói, né? Então, acaba misturando tudo (ROGÉRIO, 19/08/13)

Margarida observa que, nas narrativas desse arquivo de memórias, os três entrevistados referiram-se ao uso das ruas como um cenário “precário” do skate, atribuindo, às pistas, sinais de “evolução” da prática, especialmente, com a possibilidade de treinamento das manobras sem o embate incessante das forças policiais sobre suas andanças. Diante desse exercício, ela depara-se com a produtividade das relações de poder entre skatistas e uma moral de conduta dos sujeitos na cidade¹⁹, as quais, entre outras coisas, vêm produzindo efeitos de controle sobre suas práticas nas ruas.

O poder só se exerce sobre sujeitos livres, enquanto livres – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas (...) neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça (FOUCAULT, 1995, p. 244)

Assim, a emergência dessa *vontade de falar sobre e prescrever sobre* os skatistas de rua, governando suas condutas na direção de tirá-los das ruas e, especialmente, enquadrá-los nas pistas de skate, torna-se possível na medida em que há disputa e provocação permanente pelo sentido inverso. É na liberdade de modos de viver a experiência da cidade por alguns

¹⁹ “Por moral entende-se o conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos” (FOUCAULT, 1984, p. 26)

skatistas que se tornam necessários investimentos no sentido de trabalhá-la, controlá-la e governá-la, sob o domínio de um regime (ou de regimes) de governo vigente(s), isto é, “de uma maneira pela qual o saber circula e funciona e suas relações com o poder” (FOUCAULT, 1995, p.235).

Margarida chega a pensar que, no presente, talvez se trate de uma mudança de disposição nas linhas de forças, resultando, especialmente, na produção de skatistas normalizados com relação às suas espacialidades. Skatistas ordenados, bem ajustados a uma conduta moral urbana que interpela seus modos de vida no presente, especialmente, sob o viés da segurança e que têm as pistas de skate e sua consagração pelos skatistas como linhas de intensidade de um poder instituído sobre esses sujeitos.

Ela desconfia, agora, que numa trama de relações de forças entre a rua dos skatistas – a rua polifônica²⁰ - e a rua “polivalente” da cidade regulamentar, há, talvez, assimetrias evidentes. Assimetrias essas inclinadas num processo de preservação dessa cidade de segurança e de condutas que a sustentem. Margarida chega a pensar se os skatistas estariam abrindo mão das ruas e passando, de uma vez por todas, a desocupá-las, na direção de tornar a pista de skate sua nova morada, ou ainda, seu novo terreiro.

Estariam os skatistas passando de exu da rua a filhos de santo, tendo o Estado como Orixá? Margarida precisa, novamente, se demorar nos pensamentos e ensaiar mais alguns (des)caminhos.

Nesse momento, ela decide retomar um conjunto de materiais que vinha acumulando e que, alguns deles, constituíram-se como intercessores à sua problematização inicial. Dessa vez, ela se detém nos modos como os próprios skatistas anunciam essa relação entre ruas e pistas de skate nesses signos do presente. Eis alguns:

²⁰ A polifonia presentes nas ruas das cidades é “uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas as outras, isolam-se ou se contrastam (...) e que se inserem de maneira desordenada no interior das categorias clássicas de produção-circulação-consumo das mercadorias” (CANEVACCI, 1993, p.17)

O jovem Nicolas Abrantes, 16, expôs uma demanda recorrente entre os adolescentes que tem sido também prioridade para atual gestão: "nós do bairro Cidade de Águeda precisamos de uma pista de skate para entretenimento dos jovens e adultos praticantes do esporte e também para estimular outras pessoas a entrarem para o esporte e saírem das esquinas".

Figura 9: Trecho referente à fala de um jovem, retirado de publicação do jornal, sob título "Prefeito recebe demandas de crianças e adolescentes do bairro Cidade de Águeda". Fonte: jornal Agora, agosto de 2013. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+3f5c1,,prefeito-recebe-demandas-de-criancas-e-adolescentes-do-bairro-cidade-de-agueda.html#.U-TfLJRdVLR>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.

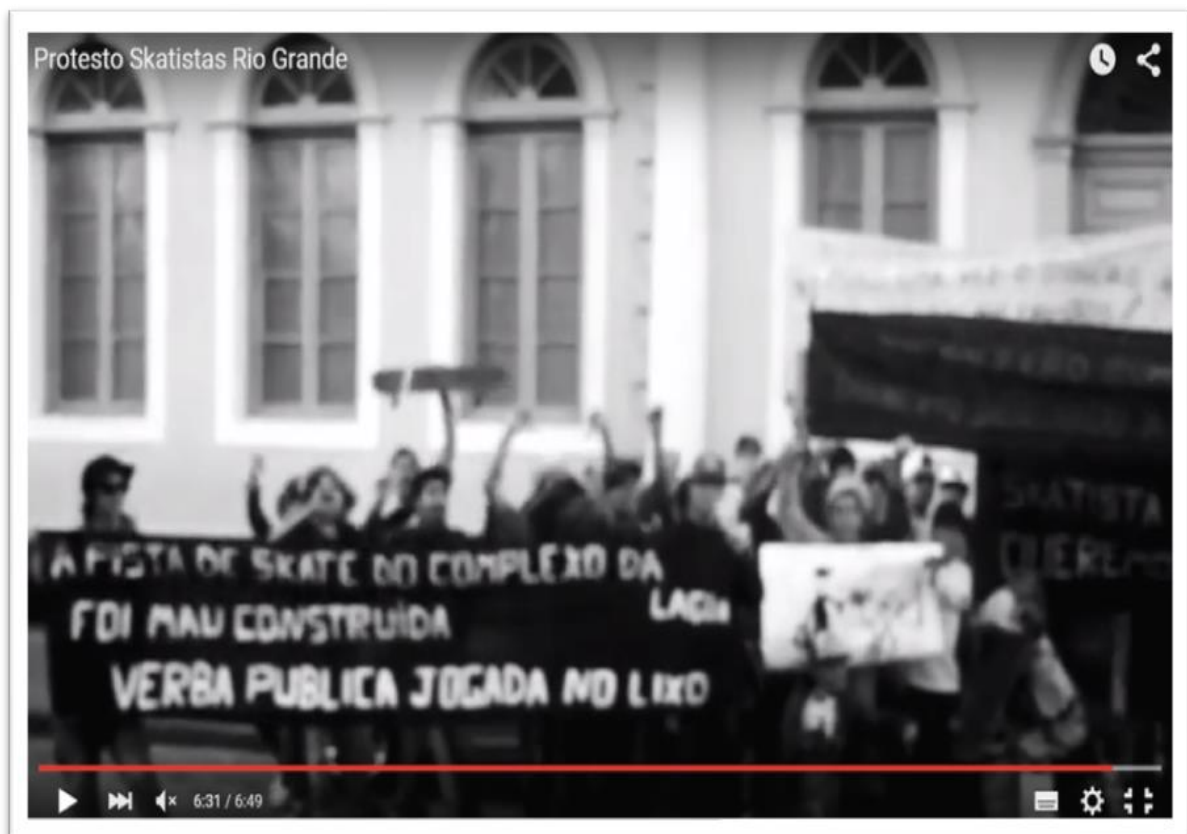


Figura 10: Vídeo de protesto de skatistas com relação à construção da pista pública da Perimetral, mal construída, sem consulta dos skatistas e em ano de eleição. Eles gritavam "Respeite os skatistas, queremos boa pista". O organizador do protesto é responsável por um grupo nomeado "*Street my life*". Fonte: You tube, setembro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ngZ1skeVCtM>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.



Figura 11: Foto de outro protesto, que teve por objetivo ocupar a Praça Xavier Ferreira, localizada em frente à Prefeitura, como forma de contestar a demora nas obras de reforma da pista do Parque Marinha. Fonte: *facebook*, novembro de 2014.

coisa a dizer: "ENQUANTO AS PESSOAS CHAMAREM DE PISTA DE SKATE O QUE FIZERAM NA PERIMETRAL, A RUA VAI SER MEU SKATEPARK PRINCIPAL!". Sem conformismo, até porque como

Figura 12: *Print* de trecho de publicação no blog de um skatista da cidade, sob o título "Conforme-se, e o mundo será sempre igual", no qual ele narra sua prática de andar de skate na rua, após a má construção de uma pista pública pela prefeitura, na região central, junho de 2015. Fonte: Blog. Disponível em: <http://beengoo.blogspot.com.br/2015/06/conforme-se-e-o-mundo-sera-sempre-igual.html>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2016.

Logo, Margarida passa a conceber esses processos de problematização do skate de rua como um regime de práticas acionado não somente por uma conduta moral urbana historicamente instituída sobre os skatistas, mas, também, por processos de normalização de suas espacialidades, instaurados por eles mesmos. Margarida, apaixonada que é pelo skate de rua, se vê um tanto decepcionada. Como as ruas podem perder tanto prestígio diante das pistas

de skate, sobretudo, numa modalidade chamada *street*? Estariam os skatistas desocupando as ruas, ou, ainda, ocupando-as somente na falta de pistas?

Mesmo agarrada a essas perguntas e à possibilidade de deparar-se com normalizações “sem volta” do skate de rua, Margarida exercita perguntar-se: é isso mesmo? **Estariam os skatistas desocupando as ruas na presença de pistas de skate? Estariam mesmo anulando-se as relações de forças entre skatistas e uma conduta moral urbana instituída? Como é possível não desocupar as ruas?**

Margarida sintoniza-se, agora, com intercessores de seu campo teórico e de sua banca de qualificação e passa a espreitar a possibilidade de experimentar mudanças de rota para encontrar, talvez, linhas de fuga nessa trama de forças de aparência equilibrada. Espreitar, agora, menos a desconstrução de um regime de práticas sobre os skatistas e suas ocupações das cidades e mais, talvez, a constituição de um sujeito moral, isto é, com modos pelos quais os skatistas conduzem-se diante dessa trama e que, talvez, não se trate somente, ou, simplesmente, dessa aparente submissão e normalização “sem volta”.

Não há ação moral particular que não se refira a unidade de uma conduta moral, nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral, nem tampouco a constituição de sujeito moral sem modos de subjetivação, sem uma ascética ou sem práticas de si que a apoiem (FOUCAULT, 1984, p. 28)

Margarida experimenta, então, um movimento de pesquisa que tem nas andanças pela cidade, em busca de skatistas pelas ruas, sua principal inspiração. Munida do que nomeou de “Diário de Rua”, ela passa a experimentar a ocupação das ruas não somente como possibilidade de manobrar e deslizar sobre o concreto quente, como em suas vivências passadas, mas também como pesquisadora atenta e curiosa aos modos como os skatistas vêm se relacionando com os espaços da cidade hoje. Imersa numa experimentação ancorada no real (PASSOS, KASTRUP, ESCÓCIA, 2012), Margarida produz deslocamentos em suas cartografias até então traçadas. Seus interesses, agora, repousam menos na história e em seus catastrofismos previsíveis, e mais nos devires do presente, em suas provisoriedades e linhas de produção e desmontagem de territórios existenciais. “A idéia de devir está ligada a possibilidade ou não de um processo de singularizar. Trata-se de uma multiplicidade e uma pluralidade e não uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico, ao arcaico” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 86)

Para Deleuze (2005), em suas escritas sobre um “Foucault Cartógrafo”, a partir da análise de sua obra “Vigiar e Punir”, cartografar trata-se de um abandono da dicotomia entre as práticas discursivas e não-discursivas, operação até então exercida em obras anteriores do autor, e de adoção de um pensamento em diagrama. “O diagrama não é mais o arquivo,

auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social” (p.44). O poder está por toda parte – discursos, arquiteturas, programas, mecanismos - e pode se conectar a qualquer ponto, formar todo tipo de ligação. O diagrama é a exposição das relações de força que constituem o poder.

Um diagrama é um mapa, uma superposição de mapas. Não existe diagrama que não comporte, ao lado dos pontos que conecta, pontos relativamente livres ou desligados (linhas de fuga), pontos de criatividade, de mutação, de resistência, e é deles talvez que devemos partir para compreender o conjunto.(DELEUZE, 2005, p. 53)

Ao sistema de pontos, entre os quais podemos traçar uma linha reta e curta, a cartografia deixa ver o mundo inundado de movimentos e forças, de traçados e linhas curvas, modificáveis e que se multiplicam a cada novo olhar. Podem ser de territorialização ou segmentaridade, que tentam definir e dar uma rota segura ao território (como àquelas submetidas ao a priori histórico, no que se refere à constituição dos espaços urbanos da cidade e os skatistas), bem como de desterritorialização ou de fuga, pelas quais um pensamento foge sem parar, um vazamento numa tubulação, uma rachadura numa estrutura (OLIVEIRA, PARAÍSO, 2012, p. 164)

Nesse processo, Margarida abandona, de certa forma, o que nomeou de uma *vontade de falar e prescrever* sobre os skatistas de rua, e passa a dedicar-se mais às possibilidades de linhas de fuga que suas práticas implicavam-na e registrá-los em forma de relatos. Nesse portfólio de registros – que consistiu o corpus dessa pesquisa - constaram não somente narrativas escritas, mas imagens, desenhos e outros agenciamentos, bem como, não se referem somente a falas de skatistas capturadas sobre seus modos de relacionar-se com o espaço, mas, também, suas estéticas, suas músicas, suas cores, seus cheiros, enfim, oriundos de um campo de acesso possível não somente aos olhos, mas ao paladar, ao olfato, ao tato, aos afetos, aos arrepios, aos *insights*. “As visibilidades não se definem pela visão, mas são complexos de ações e de paixões, de ações e de reações, de complexos multisensoriais que vem a luz” (DELEUZE, 2005, p. 68). Os registros que constituíram o Diário de Rua (os dados dessa ida ao campo de Margarida e que compõem a segunda parte dessa escrita) estarão inseridos em caixas de texto e suas especificidades – transcrição de falas, relatos, *print* da internet, imagem, foto e sua procedência - estarão indicadas em legenda.

Na busca por afetos que pedem passagem, através de um uso antropofágico de diferentes registros que a ajudaram a compor sentidos (ROLNIK, 2014), ela pode notar que não só as ruas e pistas estavam sendo ocupadas pelos skatistas, mas, também, eventos, escolas, projetos, quadras, micro-empresas. Essa percepção a fez conferir certo alargamento na noção de espaço que vinha perseguindo, passando a considerá-lo num caráter mais

existencial que físico e geográfico. Ela encontrara elementos que a remetiam não somente a uma relação entre skatista e constructo urbano, mas, principalmente, toda uma estética de ocupação de espaços existenciais.

Após um período de aproximadamente seis meses²¹ de experimentação em meio aos skatistas *street* de Rio Grande, Margarida percebe que as relações que se produziam nesses apresentavam-na linhas de produção de um território existencial, marcado por uma *vontade de normalização*, cenas de entrega a um jogo de relações de poder-saber que atravessa não só os skatistas, mas a vida em sociedade na contemporaneidade. O território existencial é como um *ethos* de morada e estilo, composto por personagens rítmicos e paisagens melódicas. Diferentemente de território geográfico, fixo, bem delimitado, o território existencial apresenta uma expressividade. “As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo a paisagem. Assim, se está em constante processo de produção. O território é antes de tudo um lugar de passagem” (ALVAREZ, PASSOS, 2010, p. 134).

Contudo, ao mesmo tempo, demonstravam marcas de subjetividades fugidias, isto é, de modos estratégicos de conduzir-se com relação às normas, acionadas em suas maneiras de conduzir seus corpos no espaço, organizarem-se, articularem-se com o discurso esportivo e com discursos “do bem” em funcionamento no presente, num movimento de desejar os efeitos de poder e legitimação produzidos no campo discursivo. “O discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo. Não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2013, p. 10)

Logo, na escrita que segue, Margarida expõem a segunda parte desta pesquisa, produtos dos agenciamentos entre o Diário de Rua e encontros intercessores estabelecidos. Nesses, intitulados Cenas urbanas, Margarida decalca linhas existenciais de territorialização/normalização em curso nos processos de subjetivação desses sujeitos e seus efeitos na constituição de suas subjetividades e espacialidades urbanas.

²¹ Vale destacar que Margarida não se fixou aos registros produzidos e materiais capturados ao longo de seis meses (janeiro a julho de 2015), período de maior intensidade e concentração de afetos, mas, sobretudo, pode cartografar signos que encontrava antes e após esse tempo, mediante o potencial analítico que demonstravam, conferindo certa instabilidade temporal em seu corpus de pesquisa, que, de modo geral, deambulou de 2013 a 2015.

**PARTE 2: CENAS URBANAS: PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES SKATÍSTICAS**

*O que fizemos aos senhores,
Além de nascer com essa cor?
E de sorrir lindamente diante
de nossa amiga dor?*

(RASHID part. IZZY GORDON, “A CENA”)

CENA 1

SKATISTAS PELAS RUAS: MODOS DE CONDUZIR-SE NO ESPAÇO

Skatistas embalando rápido pelo corredor de ônibus da Rua 24 de maio; skatistas manobrando sobre as calçadas perpendiculares à Avenida Presidente Vargas; skatistas postando fotos nas redes sociais, pulando o palco da Avenida Cassino, num final da tarde de domingo; vídeos publicados de sessões de rua, nos mais variados pontos da cidade; skatistas ocupando as ruas aos domingos, à luz da lua, ou, ainda, à luz das câmeras profissionais que registram seus roles²², skatistas em passagem, em deslocamento, em movimento, passam como cometas pelas ruas da cidade, notáveis ruídos do deslizar das rodinhas no asfalto que não cessam de deslocar-se...

Margarida podia vê-los pelas ruas, estavam por toda parte, manobrando, embalando, filmando, registrando-se. No entanto, ela podia vê-los, mas não conseguia tocá-los. Margarida nunca conseguia trocar conversas, parar para observar, se demorar naqueles afetos. Ao mesmo tempo em que suas presenças provocavam um potente indicativo de linhas de fuga numa trama de forças já apresentada, que investe em seus corpos na direção de tirá-los das ruas, essas, também, se demonstravam demasiadamente fugidias a uma operação de observação atenta. Cabe destacar que, para Kastrup (2012), as quatro variedades da atenção do cartógrafo são: o rastreio – uma varredura no campo; o toque – algo que se destaca e ganha relevo; o pouso – uma parada no movimento; e o reconhecimento atento - a criação de territórios existenciais de observação.

Não foram poucas as tentativas de marcar sessões de rua, de acompanhá-los, de encontrá-los no ato, mas que não obtiveram sucesso. Mesmo estando próxima desses sujeitos, eles escorregavam entre os dedos de Margarida. Seria seu pólen de um devir-mulher e devir-pesquisadora que afastaria os skatistas?

Diante desse misto de entusiasmo e aflição, em que o acesso corporal a tais práticas tornava-se dificultoso, Margarida decide entrar em contato com alguns skatistas que observara manobrando pela cidade, para produzir um mapeamento dos locais de onde suas rodinhas partiam e para onde iam, ou seja, vislumbrar uma grafia dessas andanças de skatistas pelas

²² Há na cidade de Rio Grande iniciativas de produção audiovisual, de caráter profissional, especializadas em skate, como a “024 vídeos de skate”. Nesse trabalho, um skatista-videomaker acompanha e registra, também sobre um skate, as manobras e andanças de skatistas pelas ruas, com vistas à edição e criação de vídeos-promo, utilizados na promoção do skatista e de sua performance a possíveis patrocinadores e apoiadores do mercado do skate.

ruas. Logo, em conversas informais registradas e via redes sociais, apresenta-se o seguinte panorama de picos²³ de skate.

“Meus picos são, principalmente, a pista pública do Marinha e as ruas da cidade, nenhuma em especial, curto a viagem de embalar pela city fazendo um rolê” **(Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“Atualmente, o pico em que ando com mais frequência é a cancha da praça Didio Duhá. Mas ando também na ASK-RG, quando abre, no pico do rato, que é uma cancha na Cohab, perto do Colégio Getulio Varga, e na pista do Parque Marinha, agora que foi reformada” **(Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“Guigs Plaza e Marinha. Na ASK não deu pra frequentar muito” **(Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“Eu gosto mais de andar na rua, pra ser sincero. Filmar, tirar foto. Em volta da praça Xavier, tem alguns lugares interessantes para andar, que dão bons registros. Vou na canchinha do Cassino, onde tem uns obstáculos e sempre encontro os camaradas” **(Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“Ando por todos os lados da cidade, os lugares que eu mais gosto de andar é na ASK-RG, no Pico do Rato, na Cohab2, na pista pública do Parque Marinha, na Praça Didio Duhá, vulgo Guig's Plaza, no Cassino, e nas ruas do centro” **(Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“Meus picos são praças Xavier, ASK e Cancha no Cassino” **(Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“A prainha ta sendo revitalizada e estão fazendo quadrinhas, estamos um caixote, barra, e jump. Fica na Rua Senador Roberto Kenedy. É fácil de localizar: pela Valporto, passando a Churrascaria Rios, depois do semáforo, tem a Ferragem Fossaty. Na esquina da Ferragem, tem a Rua Lazaro Zamenhoff, a única que é asfaltada (a rua que faço videos), pega o asfaltinho e desce toda rua até chegar na Prainha Skate Crew. Pode chegar lá que é tranquilo e a vizinhança é super de boa! Além dessa quadrinha, tem calçada também para dar umas manobras. É um pico massa pra filmar, com o Saco da Mangueira de paisagem. Só colar gurizada” **(GPSRG, Diário de Rua, julho de 2014)**

“Pico do rato, localizado na rua Av. Cidade de Pelotas esquina Casemiro de Abreu” **(GPSRG, Diário de Rua, julho de 2014)**

“O canto dos Skatistas AERO, localizado no bairro Jardim Humaitá, pra chegar é só pegar a Rua Alameda Uruguai e seguir reto, logo, você vai estar no aeroporto de Rio Grande. Andamos basicamente todos os dias, sempre levamos nossos obstáculos, que fica na casa de um amigo, pra não estragar com a chuva! Todos que quiser chegar são bem vindos **(GPSRG, Diário de Rua, julho de 2014)**

²³ Picos são os espaços de prática ocupados pelos skatistas, tanto cotidianamente como em dias e horários estratégicos. Podem ser desde ruas, demolições, calçadas, quadras ou pistas de skate.

“Praça Xavier Ferreira. Esse é o pico mais famoso da cidade. Os bancos de madeira e as bordas dos monumentos são perfeitos. O monumento em frente à Rua Duque de Caxias é o mais tranquilo de andar. Agora o que fica em frente à prefeitura é muito embaçado, os guardinhas ficam em cima! O chafariz no meio da praça, quando está seco, dá pra pular, mas tem que ter pop! Fica na Rua Marechal Floriano Peixoto, esquina com Rua General Neto – Centro” (GPSRG, Diário de Rua, julho de 2014)

“Escadaria do Banco do Brasil. Pico bastante conhecido pela maioria dos skatistas. Domingos e feriados são os dias ideais pra andar por conta do movimento, Rua Benjamin Constant, esquina com R. Mal. Floriano Peixoto – Centro” (GPSRG, Diário de Rua, julho de 2014)

Em virtude de suas experiências sobre o skate, bem como, do auxílio de signos que encontrara nos caminhos da pesquisa²⁴, Margarida passara a construir uma espécie de croqui sobre os lugares mais propícios ao encontro com os skatistas na cidade. Sua intenção não era a de fixar tal mapa geográfico dos picos como referência última, mas sim, tomá-lo como ponto de partida num processo de andanças que aspirava ampliar suas rotas, aspirava perder-se.

²⁴ Vale ressaltar a importância do encontro com um grupo criado no *facebook* pelos skatistas da cidade, intitulado “Guia de Picos de skate RG”, nos entremeios da pesquisa, e que possibilitou que Margarida utilizasse algumas postagens ali feitas como pistas à produção de dados. Ali, frequentemente, skatistas publicavam sugestões de picos, buscando socializar e compartilhar seus achados arquitetônicos à realização de manobras na cidade.



Figura 13: Mapa dos picos de skate de Rio Grande/RS, segundo falas registradas. Fonte: Produção de Margarida, Diário de Rua, agosto de 2015.

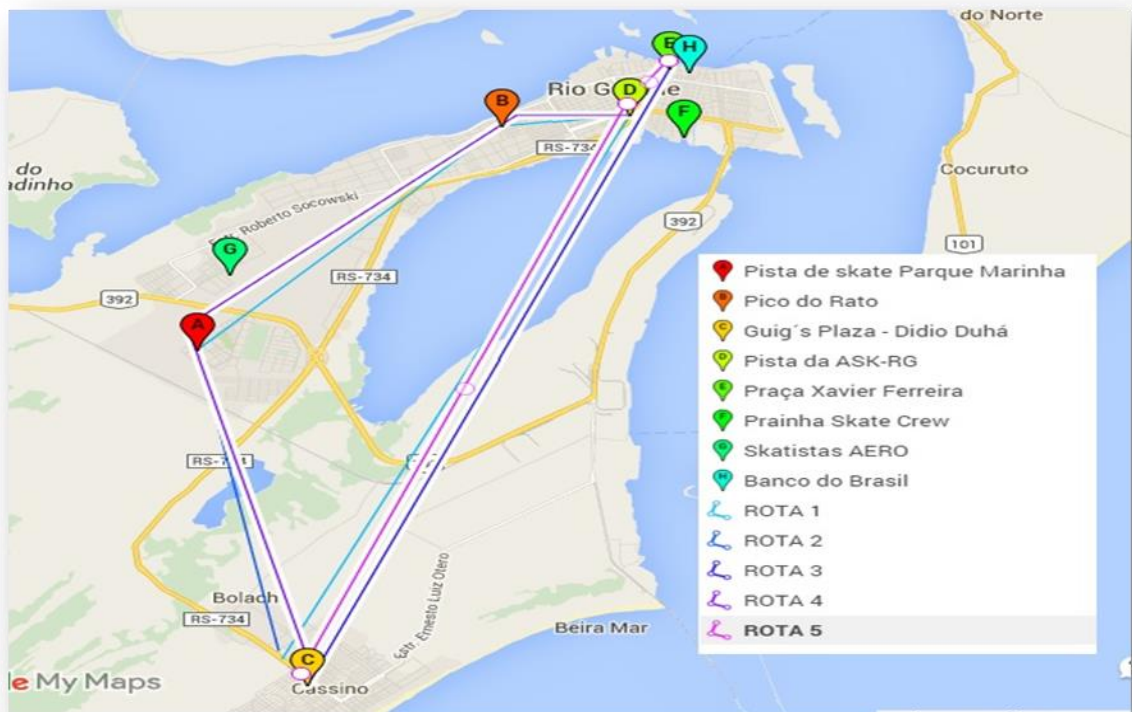


Figura 14: Mapa das rotas entre os picos, segundo falas registradas. Fonte: Produção de Margarida, Diário de Rua, agosto de 2015.²⁵

²⁵ Essas rotas referem-se às itinerâncias entre picos, relatadas pelos skatistas, as quais, na sua maioria, se estabelecem entre os mesmos picos, com pouca abertura para exploração de outros espaços de prática.

Diante de tais mapas construídos, composto por um panorama de oito picos de skate e cinco rotas de itinerância entre os picos, Margarida pode vislumbrar as intensidades, no que se refere às andanças dos skatistas pela cidade. Quando perguntados sobre os seus outros espaços de prática, para além dos picos mais ocupados cotidianamente, os skatistas indicavam um retorno ao mapa, numa sedimentação de um polígono de itinerários. Ao invés de perder-se, Margarida foi incitada, pelos skatistas, a retornar a uma grafia já conhecida. O que podia então tornar esses espaços de prática tão comuns e sedimentados entre os skatistas hoje? O que, no presente, produzia-se como condição de possibilidade a essa grafia de picos na cidade?

Margarida se vê, diante desse mapa, numa encruzilhada de possibilidades de investigar. O que fazer? Seguir as linhas desenhadas pelas falas dos skatistas sobre seus espaços de prática ou perder-se pela cidade na busca de picos e skatistas outros?

Nesse entremeio, Margarida se depara com escritas de Deleuze (1997) sobre a produção de *espaços estriados* e *lisos* ao viver, a partir dos modelos tecnológicos, musical, marítimo, matemático, físico e estético. Aqui, ela se sintoniza com essa potência ambígua e híbrida presente na constituição das espacialidades, em que:

O que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos e ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, como no deserto, na estepe ou no gelo. Estalido do gelo e canto das sereias. O que cobre o espaço estriado, ao contrário, é o céu como medida, e as qualidades visuais mensuráveis que derivam dele. (p. 204)

Margarida passa a afetar-se pela possibilidade de experimentar nesse mapeamento de espaços estriados, sedimentados – um céu como medida – um exercício de retorno, vislumbrando não sua aparente homogeneidade, mas sim, suas possíveis intempestividades, já que “mesmo a cidade mais estriada secreta espaços lisos. Às vezes bastam movimentos, de velocidade ou de lentidão, para recriar um espaço liso” (DELEUZE, 1997, p. 214). Logo, Margarida decide habitar esse panorama de picos, apostando nas suas potências de alisamento e nos seus devires nômades sobre itinerários tão bem conhecidos. Num movimento de repouso, de lentidão sobre esses picos, que perceptos e afetos agenciarão Margarida?

Nesse sentido, num movimento de lentidão e retorno ao mapa, Margarida passa a retomar seus registros sobre a ocupação da cidade pelos skatistas. Dessa vez, trata-se de falas sobre como os skatistas escolhem determinados picos às suas andanças.

“Eu escolho um pico com base em dois fatores, os frequentadores e a qualidade dos obstáculos. Eu gosto de estar em um lugar onde eu **me sinta bem com as pessoas** e o pessoal

*local da canchinha no Cassino são muito **acessíveis e camaradas**, aliado a isso, tem o chão liso que é fundamental” (Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)*

*“O que me influencia muito são **as pessoas**, esse **tipo de contato** é essencial para minha evolução. Outro fator importante é a qualidade do chão, das bordas e corrimões, já que curto um pico mais street” (Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)*

*“Gosto do centro, porque tem um contexto histórico nas intervenções que o skate proporciona. Mas onde estão os **camaradas** eu vou, é divertido andar nas pistas também” (Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)*

*“Escolho por proximidade e pela qualidade do chão e dos obstáculos pra executar as manobras, e também pelos **amigos que freqüentam os lugares**” (Transcrição de fala, Diário de Rua, agosto de 2015)*

Margarida passa a notar que o “chão liso” ocupado pelos skatistas possa se constituir como possibilidades de produzir alisamentos territoriais²⁶ ao mapa. O que faz escorregar o chão liso que paira sobre as rodinhas desses sujeitos?

Logo, a atenção a tais falas levam Margarida a demorar-se numa intensidade percebida: para além do chão liso e de outros aspectos arquitetônicos levantados pelos skatistas à escolha de um pico, é notável a recorrência a uma disposição em grupos, uma afinidade identitária entre os skatistas do pico: “um tipo de contato”, “um sentir-se bem”, “uma camaradagem local”. Margarida aposta tratar-se de um processo de atualização da formação de grupos de skatistas na cidade, já observados em seu trabalho de conclusão de curso, reunidos não só pelos obstáculos dispostos no local e chão liso, mas, também, pelos habitantes do pico, por modos de ser skatista.

Seriam tais intensidades – a organização em grupos e uma inclinação às afinidades identitárias – elementos que vêm sustentando a sedimentação desse mapa geográfico de picos? Talvez, atravessados por uma vontade de pistas que não se contempla, produzem-se efeitos de sedimentação e permanência em outros espaços específicos, como quadras poliesportivas, praças e ruas de pouca circulação de carros, culminando em modos estriados de ocupar a rua pelos skatistas, mesmo com todo seu potencial de alisamento, de nomadismo e itinerância.

Em setembro de 2012, Margarida pode participar de uma Audiência Pública realizada na Câmara de Vereadores de Rio Grande, para discutir a situação da prática na cidade. Nessa oportunidade, ela notou uma abundância de falas pedindo por pistas de skate. Onde havia

²⁶ “O espaço liso dispõe sempre de uma potência de desterritorialização superior ao estriado” (DELEUZE, 1997, p. 187)

skatistas, deveria haver pistas. Não bastaria uma pista na região central, outra na periferia e outra no balneário. Skatistas e legisladores invocavam a construção de pistas e mais pistas, de melhoramento e reforma, nas mais diversas localidades do município. “Pista vai ser que nem mato”, disse um skatista em sua fala durante a Audiência.

Logo, os picos afetam Margarida como espécies de centros gravitacionais de skate (OLLIC, 2008), em que a possibilidade de ocupá-los como pista e o encontro com determinados skatistas “amigos” e “camaradas” torna-se tão importante quanto à qualidade do solo e dos obstáculos a disposição. Do slogan “a pista é minha casa”, faz-se “o pico é minha casa”, arquiteturas distintas ocupadas de modos semelhantes. Assim, mesmo que a variedade de picos produza um circuito possível de intercâmbios e rotas entre esses, é a relação de conexão existencial – uma marca grupal e uma afinidade identitária - que age como dispositivo de ocupação de determinado lugar. Assim, os espaços skatáveis, tão existenciais e abstratos quanto físicos, constituem-se no ponto de articulação entre arquiteturas e modos de viver a experiência do skate de rua.

Assim, observar os skatistas nas suas ocupações das ruas demonstra não se tratar apenas de uma tribo urbana que comunga dos mesmos signos, comportamentos e lugares, de uma afinidade universal entre “o grande grupo dos skatistas”, mas sim, de processos diferenciais que vão dos critérios à escolha de um bom pico a modos preferenciais de ser skatista. As incompatibilidades identitárias produzidas entre eles, entre modos de ser skatista, acionam vetores de diferença e desmontagem do sujeito universal skatista e de uma suposta tribo representacional de suas condutas. Não há “o skatista”, ou “o grupo” dos skatistas, mas há vários, plurais skatistas e grupos.

No entanto, ao mesmo tempo em que produzem tais linhas de variação, sedimentam-se num enraizamento de dissidências entre grupos, no fortalecimento de subconjuntos de skatistas, atrelados aos seus picos específicos e identidades diversas. Do slogan “skate é união”, deriva-se outro, “skate é divisão”.

Vs é Vs e Guigs é Guigs

Já pelo final do evento²⁷, observando as manobras finais, um skatista passa pelo público observador, distribuindo adesivos e alguns zines de três páginas, em impressão PB, de título “Guigs Plaza Skateboard Zine”, um dos grupos de skate da cidade, localizado na quadra

²⁷ Tratava-se do *Skate Summer*, um evento tradicionalmente realizado no verão na cidade de Bagé, mas que, nesse ano (2015) estabeleceu uma parceria com grupos de skate de Rio Grande para a sua realização no balneário Cassino. A interlocução com os skatistas de Bagé vem se dando, principalmente, pelas relações e vínculos estabelecidos nas idas ao Circuito Bageense de Skate e pela vinda do skatista e vereador Lelinho Lopes à cidade, com vistas a auxiliar os skatistas na reivindicação de pistas à administração local.

poliesportiva da Praça Didio Duhá, no balneário Cassino. Nisso, aproveito para perguntar a ele como foi a ideia de confeccionar zines. Logo, ele me fala que foi uma ideia do Guilherme, o organizador da equipe Guigs Plaza, com o objetivo de “divulgar o corre aí da gurizada”. Me contou ainda que a distribuição é gratuita, e fica disponível nas lojas Olimpia (loja patrocinadora desse skatista) e Aloha (patrocinadora do evento) e que, além disso, eles vêm confeccionando adesivos e camisetas com o logo do grupo. “A camiseta é 35 reais, fica ali no meu carro (aponta para um carro estacionado na outra extremidade da área de competição, inversa a área das tendas), mas os adesivos e os zines a gente distribui nos eventos de graça pra divulgar. Aí, se quiserem mais, depois a gente pede uma colaboração em dinheiro de qualquer quantia”. Logo, me lembro do lançamento de uma coleção de camisetas por outra equipe, a Vs Family, sigla de Vagabonds Street Family, ou, ainda, Valporto Street Family, rua do centro da cidade em que os skatistas fundadores do grupo costumavam andar. Assim, pergunto a ele se as duas compartilham a confecção das camisetas, se funcionam do mesmo modo ou juntas. Logo, ele me responde com um balançar de cabeça: “Não, não é nada junto, é totalmente diferente, Guigs é Guigs e Vs é Vs, um é uma coisa e outro é outra coisa, (risos), não dá pra misturar, o Guilherme e o Franco pensam muito diferente as coisas em função do skate” (Relato, Diário de Rua, fevereiro de 2015)

Margarida passa a perceber que tal diversidade de grupos de skate distribuídos em picos da cidade, mesmo que produza variações em modos de ser skatista e organizar-se “em função do skate”, mantêm a necessidade de delimitação e diferenciação. “Toda vez que uma problemática de identidade ou de reconhecimento aparece em determinado lugar, no mínimo, estamos diante de uma ameaça de bloqueio e de paralisação do processo de singularização” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 87). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se diferenciam entre si, identificam-se na afirmação de suas diferenças, subjugadas a territórios vividos em grupos de skate específicos.

Quando assumimos uma identidade, sujeitamos o desenvolvimento de nossa potência de vida aos desejos, as idéias e as formas de vida próprias dessa identidade que se incorpora em nós. Aprisionamos a vida. O devir começa quando rompemos as linhas rígidas do ser. Todos os devires (singularidades) são minoritários e não estão mais guiados pelas identidades. (MAITE, 2009, p. 57)

A pista pública, o skate à luz de churras e a logomarca

Numa ida até a pista pública do Parque Marinha em reforma pela prefeitura há quase um ano, após um período de mais de dez anos de existência, já no cair da noite, deparei-me com uma situação um tanto inusitada, mas igualmente animadora. Um churrasco estava sendo preparado numa churrasqueira improvisada ao lado de um dos obstáculos ainda em reforma. Pensei: “os caras estão fazendo um churras na pista em obra, e, ainda por cima, aproveitando a luz do fogo pra iluminar o role!”. Fiquei bastante entusiasmada com aquilo, especialmente, com o modo pelo qual esses skatistas estavam se relacionando com esse espaço ainda sem iluminação formal e não finalizado, conferindo outros usos a ele, como a sessão de skate a luz de churrasqueira! Logo, ao me aproximar mais, sou recebida com uma sorridente expressão em voz alta: “Bah, olha lá quem vem ali, aí tá certo, aí ta certo, pode crer!”. Esse era um dos meus colegas de sessão de skate e de bairro que estava ali, numa composição de outros mais skatistas “dinossauros”. Logo, um dos compensados de madeira que servem de tapume da obra se abre como uma porta residencial, e um skatista

desconhecido por mim me recebe na obra-pista com um sorriso mais que aberto no rosto e um aperto de mão. Eram em média 15 deles na pista, todos homens, entre manobras, materiais de construção e salsichões assando. Um dos skatistas construtores²⁸ logo me apresenta o andamento da obra. “Viu, a pista tá da hora! Já está praticamente pronta, só falta mais uma passada da lixadeira nas rampas e uma selagem final para impermeabilizar o chão, porque a água infiltra aqui e se deixar assim estraga logo. Estamos só pela empresa agora disponibilizar os materiais, nossa parte já tá feita”. Sem precisar perguntar, ele logo anuncia que nada das modificações realizadas estavam previstas no projeto, e que, como ele e outros skatistas fecharam esse contrato de trabalho com a empreiteira, eles conseguiram negociar algumas mudanças e acréscimo de materiais. “Tivemos que chorar um pouco pro mestre de obras, mas conseguimos uma coisinha daqui, outra dali, e mudamos muita coisa na real. Se não fosse nosso envolvimento, mano, isso aqui não ia ficar nem aos pés do que tá. Fomos nós que inventamos esses obstáculos novos e transições!”. Depois de quase uma hora de conversas e petiscar do churras, ele também mencionou que, acima de uma das novas rampas, ele e os demais skatistas construtores da pista pretendem construir um mosaico de cerâmica, ilustrando a logomarca do grupo local, o “Skate pra frente Vida sem Crack”, que, atualmente, consta em um grafite já desbotado na parede central da pista. (Relato, Diário de Rua, fevereiro de 2015)

Margarida passa a afetar-se por esses modos de ser skatista em grupos e picos, percebendo algumas particularidades de suas práticas e relações com o lugar. Nesse caso, o envolvimento dos skatistas locais com a própria reforma da pista – enquanto construtores – tornou possível uma articulação maior de pertencimento com o pico e de autonomia na gestão do equipamento, ao ponto de permitirem-se estampar, num espaço público financiado pelo município, suas (logo) marcas. Dessa ocasião, que se tratava da reforma pela prefeitura da pista pública do Parque Marinha, ela pode agenciar outras falas que registrou em diário nesse período de pesquisas, tratando-se, dessa vez, da construção da terceira pista pública da cidade, no balneário Cassino.

Foi num ônibus do transporte coletivo, que se deslocava do sentido Centro - Parque Marinha, que Margarida encontra-se com um dos skatistas membros do grupo em questão, e, no vai e vêm das freadas, por mais de meia hora, puderam conversar sobre esses movimentos de reformas e construção de pistas. Chegando em casa, Margarida registra algumas falas que escutou em diário:

Quero ver!

A pista do Marinha ficou massa, o cara (skatista) fazendo é outra coisa, né? A gente, mesmo sem ser engenheiro e tal, o cara sabe como tem que ser a transição...E a galera quer andar logo, também, a gente fica ansioso com aquilo. Agora quero ver aquela galera do Cassino colocar a mão na massa como a gente colocou, se sujar de cimento, fazer com as próprias

²⁸Alguns skatistas que estavam no local estavam trabalhando na obra da pista, sob contrato com a empreiteira responsável e, por isso, se diziam “skatistas construtores”.

mãos, meter a cara, eu duvido, eu duvido. Isso é que é se envolver com o skate de verdade. Quero ver se vai ter skatista construtor que nem a gente naquele Cassino... (Transcrição de fala, Diário de Rua, setembro de 2015)

No caso da pista do Parque Marinha, a reforma passou por atrasos e com frequência não havia trabalhadores no lugar. Duas empreiteiras diferentes estiveram envolvidas com a obra, num período de escassez de mão-de-obra na construção civil, em virtude de um *boom* empregatício no Pólo Naval. Após alguns meses de atraso, processos contratuais na obra e num momento em que algumas demissões em massa já se mostravam nos setor portuário da cidade, alguns skatistas locais, membros do grupo “Skate pra frente Vida sem Crack”, situado no Parque Marinha, encontravam-se desempregados e sedentos pela pista. Uma de suas atitudes foi a de pedir emprego à empreiteira envolvida e, com isso, colocar a mão na massa, num projeto que se anunciava “digno de sonho”. Dava-se, assi, a realização – via financiamento do Estado – de um “sonho de reforma’ da pista que já datava mais de dez anos de sua construção.

No caso da pista do Cassino, ainda em construção, as próprias características dos skatistas locais, suas marcas grupais e identitárias, colocam em dúvida uma relação do tipo da ocorrida no Parque Marinha – “um sujar as mãos de cimento” – empregando-se como construtor da obra. No primeiro caso, os skatistas responsáveis pelas atividades locais, sob o nome de “Skate pra frente”, encontravam-se também desempregados do setor operacional do Pólo Naval. Sua posição de skatista desejante de pista, morador da periferia e peão desempregado, torna possível uma relação de articulação mais próxima e autônoma com a obra. No segundo caso, outras relações se estabelecem, uma vez que grande parte dos skatistas do Cassino é adolescente de classe média, e, quando adultos, tornam-se administradores, advogados, funcionários públicos, estudantes de curso superior, já empregados em suas áreas de saber, mantenedoras de determinadas condições de possibilidades diferenciadas às suas relações com a obra da pista.

O poder produz saber – e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil – que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 2009, p. 30)

Dois modos de relacionar-se com o Estado e as incessantes obras de pistas se estabelecem, aos olhos de Margarida. Uma marcada pelas mãos sujas de cimento e a outra pelas relações de poder exercidas pelas posições de sujeito ocupadas por determinados skatistas, em que *“agilizar a obra da pista do Cassino deveria ser interesse maior ainda da*

prefeitura, já que sua planta arquitetônica atende os critérios estabelecidos pela Federação gaúcha e brasileira para sediar etapas profissionais no local, o que iria promover o potencial turístico do Cassino durante os eventos, através do uso de hotéis, restaurantes e reconhecimento da própria paisagem local pelos de fora”²⁹

Ainda sobre skatistas e construções, ocupar picos de rua e desejar as pistas, e outras histórias, Margarida se depara, em uma ida à orientação de sua pesquisa, com uma cena que a fez demorar-se e relatar em Diário.

Pau pra toda pista

Tarde ensolarada (e um tanto quente para um outono gaúcho) de segunda feira. Me encontro na Furg para mais um dia de orientação e cumprimentos do mestrado. Nisso, enquanto cruzo a quadra poliesportiva aberta e desativada³⁰ do Centro Esportivo da Universidade, me deparo com uma cena que, mesmo não tanto incomum - já que não é de hoje que percebo skatistas manobrando por ali – me despertou um estranhamento entusiasta, ou, talvez, um entusiasmo estranho. Esses, nas suas ocupações da quadra, usavam alguns restos de materiais de construção ali dispostos, como varas de madeira que constituíam uma barreira a ser atravessada com manobras, ou placas de madeira, em que subiam sobre sua superfície. Hoje, ao me aproximar da quadra, percebi que não se tratava mais de uma placa de madeira aqui, um pau ali, um vergalhão acolá, colocados para pular ou desviar, mas sim, de um palco de madeira, montado com seis paletes e três placas de compensado naval sobre eles, proporcionando uma superfície lisa; um corrimão de chão, montado para skate, e uma rampa montada com ripas de madeira e superfície lisa, apresentando, inclusive, uma saída de borracha, tornando a transição mais suave. Nesses obstáculos, alguns bolados ali mesmo, como o palco de paletes e outros notadamente construídos de forma mais técnica, os meninos, dessa vez, de uns 16 anos, junto a outros menores, mandavam diversas manobras. Após uns minutos, noto que o corrimão foi colocado em uma das extremidades do palco, produzindo uma “caída” no mesmo, muito próximo dos corrimãos que encontramos em escadarias, para apoio das mãos, nas ruas da cidade e em pistas de skate. Assim, os skatistas que pude me encontrar nessa tarde não só skateavam de modo diferente, mas também, usavam mais na disposição de restos de construção para a realização de suas manobras. Uma composição arquitetônica de paus, paletes, compensado naval, vergalhão, e de obstáculos montados de modo mais especializado, digamos, com o auxílio de solda e saberes de marcenaria. Quando minha presença observante passou a chamar atenção dos meninos, me desloquei até eles para uma conversa. Pergunto:

Eu: Que massa esses obstáculos, são de vocês?

Ele: são sim, mas fica ai na quadra.

²⁹ Transcrição de fala de skatista envolvido com a pista do Cassino, durante uma das reuniões da comissão de skate formada após a audiência pública. No momento de sua fala, esse skatista, formado em administração, trabalhava na área de marketing da surf-skate shop *Aloha*, e, com frequência, anunciava seus argumentos e falas durante as reuniões, como aprendizagens obtidas na sua área de formação. Ademais, vale destacar que o número de reuniões as quais a comissão de skate fora convocada para discussão e cobrança à prefeitura tem sido significativamente maior na construção da pista do Cassino que no caso da reforma do Parque Marinha.

³⁰ O Centro Esportivo da Furg possui duas quadras poliesportivas não cobertas em suas dependências. As quadras que são gradeadas e com possibilidade de trancamento estiveram, durante o período da pesquisa, com seus portões abertos, em função de uma reforma local que se fez necessária, especialmente, pela queda de um de seus muros laterais. Com isso, as quadras ficaram por um período de tempo livres e tomadas por materiais de construção e uma aparência de “espaço em construção”.

Eu: mas até esse ferro e essa rampa ficam aqui?

Ele: não, esses dois a gente leva porque se não roubam, mas aquele ali (o palco de paletes) fica aqui.

Eu: ah, sim, que massa ficou o palco. E é só chegar aí e andar? Eu conheço uma galera aqui na FURG que anda de skate...

Ele: Eu sei, a gente anda com eles.

Eu: Humm, e vocês vêm sempre?

Ele: às vezes, quando a gente não tá aqui, a gente tá ali na Ciclovía da vila.

Eu: Pode crer, então, venham mais vezes, aproveitem que a quadra tá desativada e ocupem mais³¹.

Ele: acena com a cabeça um sim e com um sorriso no rosto.

(Relato com transcrição de fala, Diário de Rua, maio de 2015)

Margarida notara que justamente nos desejos de pista de efeitos mais intempestivos, desde aqueles em que se torna skatista construtor a outros que officinam uma pista com os materiais à disposição, engendram-se algumas possibilidades de fissura na relação estrutural entre skatistas, pistas e Estado. Há, nessas criações, nessas investidas de auto-organização, esboços de processos de singularização das suas especialidades, que, buscando alcançar a figura consagrada da pista de skate financiada pelo Estado, acabam por produzir devires de rua na pista, ou, ainda, alisamentos à tendência de estriagem desse *pico maior* que tanto desejam.

Só haverá uma autonomia, uma reapropriação da vida, um processo de singularização na medida em que os indivíduos, as famílias, os grupos sociais, forem capazes de escolher por si próprios o que querem como equipamentos em seus bairros. Trata-se de assumir a gestão dessa problemática, sem ficar toda hora pedindo subvenção, pedindo atribuição, pedindo um equipamento padronizado que o Estado vem construir em tal ou qual lugar (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 173)

Dando continuidade as suas andanças, Margarida se depara com um signo que se mostra bastante potente à produção de sentidos sobre outros modos de anunciar-se skatista e relacionar-se com o espaço. Trata-se, dessa vez, com trechos de uma letra de música de rap, produzida por um grupo de skate chamado “Selvagem Crew”, localizado no Pico do Rato (o apelido de um skatista que é referência no local), uma quadra poliesportiva nos arredores da Cidade Nova.

Selvagem Crew

Aqui é os ratos de skate e boné de role pela noite explorando os picos,

³¹Após umas semanas, chego até a quadra ocupada pelos skatistas e vejo que seus obstáculos, feitos de restos de construção, não se encontravam mais por lá. Ao conversar com um deles, que observava a quadra vazia e realizava manobras no solo, obtive a seguinte fala: “eles levaram nossa pista! agora ficamos sem”. “Os caras ali do prédio vieram aqui e levaram tudo, disseram que aquilo era lixo e a ordem era levar”. Mal sabiam “esses caras” que o pau, tornado lixo, para os skatistas, dá pra toda obra.

Tamo de volta amanhã bem mais cedo se hoje os PM correrem amigo
Amizades da noite, estilo mendigo aplaudindo um flip em alguma escada
Vê que a gente é da Crew pela lixa pixada,
A tábua trincada na expectativa de acertar manobra e não valer quase
Ouvir os parceiros batendo com o skate quando acerta manobra na base
Nada paga essa amizade, nada paga o que é de verdade,
Para os normais, vistos como praga,
Ratos de gap, na fé selvagem
Sem ousadia, nós não é boleiro
Somos os maloqueiros ali da canchinha,
Rolê de skate, festa na noite
Os Ratos não cansam pra andar noutra dia
É a minha família independente de raça ou religião,
Faz mais um drink pra decolar a nave que a minha realidade é só diversão,
“Quebrando as calçadas com o skate nos pés
agarrado nas garrafa tremendo as mulher
selvagem crew é vagau os rato de boné,
tocando os bueiro pra qualquer role”
Asfalto ou cimento, ouvindo vários xingamento dos motoristas
Fácil chamar nós de vagabundo
Se tamo na rua é porque não tem pista
Tendo que ouvir esporro de policia
Porque eu tava andando lá no monumento
E o dinheiro investido pras pista, todo na conta do prefeito
Quebrando azulejo, pulando as calçadas dos bancos
Fazendo griteiro, os mais rueiros e parceiros
essa irmandade não tem nada a ver com dinheiro
A madrugada na rua é nós mesmos
Aproveitando enquanto há tempo
Pra no final nós lembrar que as loucura não foram só nos pensamentos
Limitações impostas foram ao vento igual fumaça
Skatistas neuróticos pra voltar as tricks antes dos guarda embaçar
Vamos dar risada com as garrafas vazias sem ter medo de perder o gás
Ponho os fones de ouvido com as panca mais altas que o carro buzina, me deixa em paz.
(Música de rap produzida pelos skatistas do grupo Selvagem Crew, localizado no Pico do Rato, Cidade Nova. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i3j4HhhLn_c. Diário de Rua, outubro de 2015)

Logo, Margarida decalca a música autoral do grupo Selvagem Crew, como signo marcado pela ocupação da rua, habitação da periferia, e, sobretudo, pela oposição rua x pista, anunciada na expressão “se estamos na rua é porque não tem pista”. Esses signos registrados por Margarida, na ocupação das ruas pelos skatistas, a levaram a esboçar não só vetores de normalização de suas práticas em grupos identitários e de subjetividades desejanter de pistas de skate, mas também, à possibilidade de tratar-se de efeitos produzidos por uma paisagem conflitual própria das cidades contemporâneas. Canevacci, antropólogo da comunicação urbana, vai dizer que:

a atual sociedade de comunicação exprime os próprios conteúdos conflituais também através da competição dos signos, do crescente processo de dessimbolização, das lutas dos códigos e do status, que envolvem todos os âmbitos numa sociedade contemporânea (CANEVACCI, 1993, p.23)

Assim, esses conflitos por modos mais verdadeiros de ser skatista, essas disputas pelos espaços existenciais *de verdade* do skate, segmentados por diversas particularidades criadas, desde o modo de organizar suas produções culturais (camisetas e zines), modos de relacionar-se com o desejo de pistas, a forma como se transita de skate pela cidade, articulam-se numa rede comunicacional urbana, que se move pela disputa e conflito pelo signo, pela produção de sentidos, pela legitimidade e *verdade maior* de suas práticas.

Outro encontro intercessor de Margarida que a mobiliza a agenciá-lo a tais registros, também oriundo da antropologia, menciona que a contemporaneidade vive, entre outras coisas, uma suberabundância espacial, ou, ainda, uma voga do espaço, observada na ampliação e generalização do termo espaço a lugares cada vez mais efêmeros, superficiais e de passagem. No entanto, essa abstração crescente da noção de espaço, cada vez menos físico, ao mesmo tempo em que incita uma proliferação de espaços existenciais possíveis, vai produzir, como um de seus efeitos, a criação de universos de reconhecimento. “Universos fechados, onde tudo se constitui em signo, conjuntos de códigos dos quais alguns têm a chave e o uso, mas cuja existência todos admitem, totalidades parcialmente fictícias, porém efetivas” (AUGÉ, 2012, p.35).

Logo, Margarida se coloca a pensar se esse mapa de picos e grupos de skate sedimentados pela cidade estaria sendo sustentado não somente por uma composição de forças que atua sobre a cidade moderna, no que se refere às circulações e ocupações tomadas como perigosas à população, mas, também, por vetores de normalização típicos da contemporaneidade, que insere os sujeitos numa rede comunicacional urbana, ao mesmo tempo vasta, múltipla, conflitual e disputada. Margarida passa a notar que, talvez, a ampla gama de possibilidades de consumos de modos de vida, de estilos, a constante pluralização das identidades, ou, ainda, a crescente divisão molecular dos signos do presente, produza, entre outras coisas, uma disputa pela referência verdadeira, pelos signos maiores, movimentos minoritários que almejam legitimar-se numa rede complexa de informações sobre skate, em que a cultura visual ganha predomínio.

A música Selvagem Crew, dos skatistas do Pico do Rato, ao mesmo tempo em que se insere em mais um bloco grupal e identitário de skatistas, marcado pela figura noturna do Rato de periferia, macho e marginal, compõem junto a uma cartografia de signos e performatividades skatísticas que se comunicam e disputam entre si. Estéticas grupais de

Nesse cenário comunicacional conflitual, em que se produzem as subjetividades *skatísticas*, o olhar assume notoriedade e predomínio na produção de sentidos sobre esses sujeitos. Margarida percebe uma espécie de narcisismo em jogo entre os skatistas, que os faz significarem-se, especialmente, através das suas indumentárias e aparências. Logo, entre os skatistas, “a fabricação da aparência é o resultado de uma performance da própria subjetividade” (SOARES, 2011, p. 81).

Aqui, Margarida passa a compreender que as relações que os skatistas vinham produzindo consigo mesmos, diante da rede histórica de poderes e saberes que tomam suas ocupações da cidade como desviantes e indevidas, talvez, tratem-se menos de identidades e mais de subjetividades skatísticas, já que “a subjetividade é a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo. Se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si” (REVEL, 2005, p. 85)

Sobretudo, Margarida, como skatista cartógrafa, habitante do território existencial em questão, destaca o caráter desigual do acesso a determinadas estéticas skatísticas, em que uns, pela capacidade de consumo de determinados objetos e marcas, acessam posições privilegiadas nesse cenário. Num contexto contemporâneo de proliferação de públicos, signos e imagens ao consumo, em que o pão e arroz já deixaram de constituir-se o principal produto de colocar os que têm contra os que não têm, “os objetos que estabelecem o corte entre quem tem acesso e quem não tem acesso ao consumo são múltiplos e variados” (BAUMAN, 2013, p. 82).

Logo, consumir uma determinada indumentária importada do território de consumo do skate, bem como, produzir suas próprias marcas³² e fazê-las circular no território, de modo mais privilegiado que outros, como a possibilidade de construir catálogos de camisetas, ter veículo próprio de divulgação, materiais de produção de melhor qualidade – objetos de maior custo financeiro – acabam por produzir efeitos conflituais num cenário de subjetividades performáticas, em que a cultura visual assume protagonismo.

³² Um aspecto observado por Margarida e registrado em Diário refere-se à recorrência em que os grupos de skate se organizam na confecção de materiais próprios, criação de nomes e logomarcas, divulgação e comercialização de produtos da marca e, algumas vezes, apoio financeiro a alguns skatistas no contexto das competições. No entanto, alguns desses grupos mantêm dificuldades de autofinanciamento e de patrocínio de suas produções, chegando a extinguir-se, e outros, ao contrário, acabam mantendo-se com o acesso privilegiado a determinados objetos como carros, parcerias com gráficas, dinheiro “do próprio bolso” e, inclusive, a própria posição social de status que assumem e facilitam a obtenção de apoios empresariais e alianças, como moradores de determinadas localidades da cidade, oriundos de determinadas famílias, consumidores de determinados objetos de desejo, como homens, jovens, de classe média, pele branca, etc.

CENA 2

SKATISTAS PELAS RUAS: MODOS DE CONDUZIR-SE COM O ESPORTE

Em meio as suas andanças, Margarida se conecta com linhas de intensidade potentes à problematização dos processos de produção de subjetividades skatísticas. Trata-se de relações que agenciam o skate e os skatistas a processos normalizadores, que, na contemporaneidade, funcionam através de verdades e morais que produzem sentidos de legitimidade aos sujeitos que as acionam. Enunciações que evocam a segurança, a evolução técnica no esporte e até mesmo a relação tranquilizante com a família incidem sobre a fala dos skatistas, quando perguntados sobre a nova pista de skate da Ask-RG.

“É uma maravilha, porque tem como o cara evoluir, e não gasta o skate. Tem um espaço agora bom pra andar, não é que nem na rua, na rua o cara tem perigo de ser assaltado, pode ser atropelado, aqui não, aqui é um lugar seguro. O cara pode andar tranquilamente e os pais não se preocuparem”

“Esse é um espaço que pode tirar a molecada da rua, que tá envolvida com as coisas erradas. E o futuro do skate é viável, porque temos, agora, essa pista aqui pra treinar e a pista do Parque Marinha também pra treinar, que é uma pista pública, onde futuramente pode rolar uma etapa do Circuito Gaúcho”.

(Transcrição de fala de skatistas, Matéria na pista da ASK-RG pela TV FURG, Diário de Rua, junho de 2015)

Foi no encontro dessas falas, que Margarida decide demorar-se num vetor de normalização identificado, para além dos já mapeados até então: esboços de produção do skatista atleta ou esportivo, como figura emblemática do presente no que tange à constituição dos sujeitos nas ruas relações com a verdade. “Trata-se de interrogar os jogos de verdade - isto é, as relações por meio das quais o ser humano se constitui historicamente como experiência - que permitem ao homem pensar-se quando se identifica como louco, como doente, como desviado, como trabalhador, como quem vive ou quem fala, ou ainda como homem de desejo” (REVEL, 2005, p. 86)

Sua nebulosa existencial se esboça, de forma sutil, em conexões com enunciações como “treinar”, “evoluir”, a consagração do espaço específico – “seguro e protegido” – e a elevação de skatistas competitivos como ícones.

Rádio: como anda o skate em RG?

Skatista: A vitória do William é a resposta. O nível dele é a resposta.

William: Nem to acreditando. Tô ai representando minha cidade. A cena tá forte e agora as pistas estão surgindo, já vão ser três.

Skatista: A vitória do William vai mudar a visão do skate no sul, diminuir o preconceito e tal, inspiração pra molecada. Mesmo faltando peça, tênis, grana, o momento de vocês chegou.

(Transcrição de fala de skatistas em entrevista ao Programa Latitude Esportes de Ação, FURG FM, Diário de Rua, junho de 2015)

A realização de entrevistas de mídias locais com o skatista campeão e a repercussão de sua vitória entre os skatistas da cidade, sobretudo, não skatistas, que passaram a mencionar a sua vitória e a torná-la conhecida nos mais diversos espaços sociais³³, fez Margarida apostar tratar-se de práticas assentadas no “Culto à performance” da atualidade (EHRENBERG, 2010). “O indivíduo, hoje, não se acomoda mais em ser espectador: exige-se dele uma passagem a ação, uma teatralização de si mesmo” (p.11). Assim, a vitória no cenário competitivo passa a funcionar, entre os skatistas, como um critério de valoração do skatista, como um sujeito legítimo, capaz de ser “herói de si mesmo”.

Cada um deve aprender a se governar por si mesmo e a encontrar as orientações para sua existência em si mesmo (...) Essa definição é hoje uma norma de conduta de massa que se localiza no cruzamento entre a realização pessoal do consumo e a justa concorrência da competição esportiva (EHRENBERG, 2010, p. 11)

Assim, Margarida coloca-se a pensar nesses signos – o treinar, o evoluir e tornar-se ídolo pela vitória no cenário competitivo – como vetores que sustentam e fazem funcionar um *modelo esportivo* sobre as práticas dos skatistas. Vale ressaltar que linhas de normalização na direção de teatralizar a própria conduta e de inserir-se como sujeito competitivo nos territórios existenciais contemporâneos não incidem somente sobre as práticas conhecidamente esportivas, ou esportivizadas³⁴, mas, também, e sobretudo, sobre o corpo social da população como um todo, agindo como uma pedagogia virtuosa do corpo.

O esporte está a tal ponto ancorado no cotidiano que ele não constitui apenas uma forma de lazer ou uma atividade corporal específica pensada e organizada em vista de performances a se alcançar, mas a manifestação de uma relação generalizada com a existência. É um sistema de condutas de si. (EHRENBERG, 2010, p. 18)

Outra linha de intensidade, percebida por Margarida, refere-se à relação articulada entre essa figura do skatista esportivo e uma espécie de relação de amor romântico

³³ Margarida destaca a lembrança das inúmeras vezes em que pessoas diversas, desde vizinhos a colegas universitários, inclusive, que nunca haviam conversado com ela sobre skate, vieram, nesse momento, comentar: “você anda de skate, né? Vi que um rapaz aqui da cidade foi campeão, tá ficando forte o esporte, né?”

³⁴ “A emergência de uma cultura da performance oriunda do modelo esportivo invade a vida cotidiana, condiciona os gostos e estimula a competição íntima, condenando toda gestualidade gratuita. Esta cultura tenta desenhar e impor um prazer único: o prazer de ser esportivo. Assim, o espírito esportivo invade a vida civil e a lógica do esporte é universalizada: gestos, regras, consumo de produtos, de lugares e, mesmo de uma arquitetura” (SOARES, BRANDÃO, 2012, p.17)

e casada com as pistas. Essa dependência e amor à figura das pistas de skate, essas subjetividades desejanter de pista – esse espaço maior, privilegiado, consagrado a prática do skate nas cidades - podem ter como suporte e condição de possibilidade uma diagonal normalizadora, assentada nesse modelo de existência esportivo, isto é, “o horizonte determinado sem o qual tais objetos de enunciados não poderiam aparecer” (DELEUZE, 2005, p.21)

Rádio: por que vocês quiseram a pista do Cassino, além das já existentes?

William: a do Cassino vai somar muito, porque vai ter um bowl, que ninguém aqui anda em bowl, e ela vai dar uma oportunidade pra treinar e fazer champs de bowl³⁵.

(Transcrição de falas de skatistas. Entrevista ao Programa Latitude Esportes de Ação, FURG FM, junho de 2015, Diário de Rua)

Nesse caso, até a promessa de novas pistas se justificam e se legitimam de forma articulada ao esporte e à necessidade de competir, sendo que o status de verdade que tais discursos assumem na contemporaneidade produzem relações de poder assimétricas diante de outras possibilidades de conduzir-se skatista e ocupar a cidade, não competitivos e mais “rueiros”, por exemplo. Para Ehrenberg (2010), “o valor do esporte está a tal ponto dilatado que se transformou num lugar onde se tem a legitimidade pra se falar de outra coisa”

Em meio aos olhares e agenciamentos teóricos que Margarida lançara aos vetores de intensidade entre skate e esporte, ela pôde experimentar também outros pensares sobre a constituição dos skatistas de rua na cidade hoje. Margarida se coloca a pensar, sentindo-se um tanto inquieta: Como pode que skatistas de uma modalidade esportiva intitulada *street* se contentem mais com as pistas de skate? O que essas últimas oferecem em troca das ruas? Tratar-se-ia de uma troca?

Diante disso, Margarida se depara com um aspecto potente aos problemas gerados, que, talvez, se refira a processos locais, particulares, que estão em curso especialmente no município de Rio Grande – a característica amadora dos skatistas da cidade, o seu aspecto constante de busca pela profissionalização do skate *street*, a inexistência de skatistas profissionais na cidade e uma incessante busca por profissionalizar por aqui e produzir uma representatividade no cenário estadual e nacional. Disso, Margarida pode conectar-se a uma

35 Praticada em pistas com no mínimo 3,50 m de altura, podendo ser de concreto ou madeira, em formato de half-pipes (meio tubo e com formato parecendo um gigantesco U) ou bowls (bacia), havendo entre o coping (cano de ferro) e a parede em curva (transição) uma parede com vertical (90° com o chão, ou seja, reta) dando nome para a modalidade. Esta modalidade conta com poucos adeptos pela necessidade do praticante possuir vasta experiência e alto nível técnico, havendo no Brasil cerca de 40 competidores profissionais e 100 competidores amadores. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/modalidades/bowl>. Acessado em 21 de fevereiro de 2016.

fala inscrita em Diário, ouvida por um skatista do Parque Marinha, localidade do atual campeão estadual amador de skate *street*:

“Olha, os caras dizem que eu sou louco, que eu não vou ganhar nada com isso, com esse corre todo, de ir em vereador, em secretaria, pedir ônibus, pedir apoio pra levar os caras pros champs da federação, mas eu não vou desistir do meu sonho, até ver alguém de RG se profissionalizar. O William tá muito perto disso, tinham vários caras de marcas no gaúcho de olho nele. O cara tá aparecendo pelo champ, mas o sonho mesmo é um convite pra ele se profissionalizar, e eu vou fazer de tudo pra ver isso”

(Transcrição de fala de skatista, Diário de Rua, novembro de 2015)

Margarida passa a perseguir a possibilidade de que o “amor às pistas”, talvez, se trate, entre outras coisas, de um dos efeitos de suas posições de skatistas amadores no cenário esportivo, que tem nas competições, o seu principal meio de visibilidade. De outro lado, a posição de skatista profissional passa a produzir significativas mudanças nas relações entre skatista e espaço, uma vez que a prática laboral do skatista não se refere tanto às competições, como às produções áudio-visuais, que vão resultar em *marketings* para as marcas patrocinadoras e profissionalizadoras desses sujeitos. Graeff (2006) anuncia, em sua pesquisa, essa especificidade do skate profissional, ou “em vias de ser”, em que o skatista se insere menos como competidor e mais como um *team manager* das marcas patrocinadoras, na produção de materiais áudio-visuais à publicação de vídeos, de banners, lançamento de novos modelos de confecção, tênis e acessórios assinados pelos skatistas, entre outros.

Logo, ser amador, no cenário esportivo específico do skate, funciona como dispositivo de produção do desejo de pistas - esses espaços tomados como privilegiados, especialmente, pela sua possibilidade de “treinamento” das manobras para os campeonatos. Já no meio profissional – esse “jardim do Éden” do território existencial dos skatistas - as pistas perdem prestígio diante de uma espécie de inclinação artística à produção de imagens e vídeos sobre os cenários de rua.

Margarida identifica, nas relações entre skate, cidade e esporte, um jogo paradoxal: quanto mais os skatistas se profissionalizam e adquirem visibilidade e prestígio no cenário esportivo do skate, mais ocupam as ruas e produzem tensões com os mecanismos de segurança atuantes na cidade; e, ao mesmo tempo, quanto mais skatistas amadores, mais há uma sensação de amor romântico com as pistas de skate e certa relação pacificada diante da cidade e de seus controles reguladores.

No modelo esportivo profissional, tem-se, de um lado, a inserção no “paraíso na terra” dos skatistas com a profissionalização, e, de outro, a intensificação dos embates com os

controles reguladores da cidade, enquanto organismo funcional, pelo uso deliberado das ruas. No modelo esportivo amador, de um lado, há o desejo de pistas pelo desejo de profissionalização e uma incessante busca pelo paraíso, e, de outro, uma espécie de relação mais pacificada com os mecanismos de segurança da cidade, em função de seu auto-enquadramento disciplinar em pistas. De um lado, normalização do skatista *street* ao mundo do trabalho profissional e resistência aos controles normalizadores da cidade, com o uso das ruas; de outro, resistência ao mundo do trabalho do skate profissional, na posição constante de amadorismo e normalização diante dos controles reguladores da cidade.

A resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte (REVEL, 2005, p. 74)

Skatistas por um fio (de pista)

Galera, eu vim aqui, porque eu acredito no trabalho desse pessoal aqui da ASK-RG. Acredito no skate que vocês fazem, de terem continuado andando depois de tantos anos que venho aqui. De terem mantido esse espaço, que é fundamental pro skate dessa cidade. Esses prêmios que trouxe são simbólicos, porque eu sei da dificuldade de andar de skate hoje, de como é difícil comprar um tênis, uma peça, e até uma roupa que o cara gosta de usar. De continuar a andar e, as vezes, ainda ser chamado de marginal, de não ser reconhecido como atleta, então, esses brindes são mais pra agradecer a abertura desse espaço e pra comemorar o skate dessa cidade, que é guerreiro pra caramba. E escutem bem, esse espaço aqui é de vocês, de mais ninguém. Quem tem que organizar isso aqui são vocês, galera do skate, que anda, que curte, que cola junto na pista, que faz o rolê pelo skate. Apóiem esse espaço aqui, porque, isso aqui mantém vivo o skate rio grandino. (Transcrição de fala de skatista profissional, que veio à cidade fazer sessão de autógrafos e distribuição de brindes na ASK-RG, Diário de Rua, janeiro de 2015)

Cabe destacar que, talvez, os skatistas amadores de Rio Grande e sua relação com um não profissionalismo, isto é, um ainda não trabalho como skatista, venha acompanhado, como dispositivo estratégico de luta, de um processo de marginalização de si. Guattari e Rolnik (2013), em sua análise das micropolíticas do desejo, vão opor as minorias das marginalidades, em que a primeira consistiria num devir em que o próprio sujeito quer constituir-se minoria com relação a uma estrutura hegemônica ou dominante, nesse caso, o Jardim do Éden dos skatistas.

As minorias não se referem a um número menor de pessoas com relação a um conjunto maior, mais numeroso, por mais que essas relações numéricas possam se estabelecer em função das relações de forças que nos atravessam e produzem também diferenças de

conjunto entre práticas tomadas como mais legítimas e verdadeiras que outras. As minorias aqui são entendidas como movimentos que buscam posicionar-se numa orientação menor, mais modesta, despreocupada com as inclinações do poder.

Já as marginalidades são aquelas “vítimas de uma segregação e são cada vez mais controladas, vigiadas e assistidas nas sociedades” (p. 143). No caso dos skatistas, Margarida arrisca pensar na possibilidade desses sujeitos amadores se inserirem mais enquanto marginais – à margem de uma determinada assistência que gostariam de receber através de pistas e maior acesso à profissionalização, e menos como minorias. Margarida vislumbra esses processos de marginalização de si como tática utilizada em seus movimentos de busca pelos seus desejos (de pistas e de profissionalização).

Outra possibilidade de pensamento despertada em Margarida refere-se a uma polivalência de sentidos atribuídos às posições de amador e profissional em funcionamento no território. Por mais que o “não viver do skate” localize as práticas esportivas dos skatistas até então mapeadas como amadoras, é possível vivenciá-las a partir de um certo design da experiência, composto pelas figuras das skate-shops, juízes, taxas de participação, passaportes, prêmios, espaço especializado (pista), logomarcas, competição, locutores, platéia, etc, tão intensa quanto na posição de profissionais. A preocupação com o desempenho se dá, a preocupação com a estética se dá, a vontade de tornar a experiência incomum se dá, amadoristicamente profissional ou profissionalmente amadores.

No escavar de seus registros em Diário, Margarida se depara com algumas conversas que teve com uma lojista da cidade apoiadora do skatista campeão do estadual, e com um membro de um dos grupos de skate que passou a apoiar skatistas com peças de skate, confecção e auxílio financeiro a competições. Tais registros levaram-na a complexificar o paradoxo construído entre skatistas, esporte e cidade, uma vez que as falas desses sujeitos demonstraram vetores de diferença num cenário amador de tendência competitiva.

O grupo acredita em todas as pessoas que se aproximarem e se mostrarem comprometidas em buscar seu sonho. Não temos como buscar e procurar "talentos", então, ela acaba sendo composto por um grupo de amigos de diversas áreas, sendo: rap, skate, graffiti, tatuagem e outras formas de arte. Nosso compromisso é em apoiar. Acreditamos que juntos somos fortes, e que juntos podemos alcançar nossos sonhos, vivendo um dia de cada vez e tentando evoluir sempre, dispostos a ajudar o próximo seja no skate ou em qualquer outra coisa que a vida exija. Tentamos seguir exemplos familiares sem cobrança de campeonatos. Pedimos felicidade e espontaneidade em andar de skate. O resto é resto! (Transcrição de fala de skatista do grupo VS Family, Diário de Rua, setembro de 2015)

Os atletas que apoiamos têm um contato direto com a loja, mesmo sem ter nenhum campeonato, o convívio é constante. Levamos em conta a humildade do atleta, e o seu esforço para treinar. (Transcrição de fala de proprietária da surf skate shop Swell, patrocinadora do William, Diário de Rua, setembro de 2015)

Assim, Margarida percebe que os processos de busca pelo “paraíso na Terra” – a profissionalização – via amor às pistas, e uma posição marginal diante dos meios para alcançá-lo, não é uma linha reta e homogênea, em que os skatistas seguiriam em marcha sem ao menos mudar de rota³⁶, mas, sobretudo, trata-se de linhas em pontilhado, curvas, intempestivas, que viriam a dar forma a práticas criativas em meio aos processos de normalização. Nas falas acima, Margarida percebe que, na espera “do sucesso”, a lojista e o grupo pode conferir outras atribuições ao skatista *street* amador, como a “felicidade”, a “espontaneidade” e “humildade”, acima da necessidade de competir e de descobrir “talentos”.

Margarida conecta o pensamento ao clipe da música “Another Brick in The Wall”, do Pink Floyd, em que escolares sem rosto estão perfilados numa linha de produção de sujeitos dóceis e disciplinados ao poder escolar. O leitor, imaginando tal clipe, poderia colocar no lugar meninos, na sua maioria, jovens, carregando skates numa linha de produção que viria a profissionalizá-los. No lugar dos jovens escolares que destroem a escola e seus muros, é possível imaginar skatistas manobrando sobre as engrenagens da máquina enquanto esperam “sua vez”. Talvez, como o clipe se trata de um sonho acordado de um estudante em sala de aula, podíamos, aqui, sonhar com a possibilidade de, no curso dos processos de subjetivação desses sujeitos, suas manobras produzam devires minoritários, fazendo com que os skatistas inventem outras rotas possíveis. Quebrar o muro da instituição. Pular de ollie sobre os agenciamentos maquínicos do esporte.

Ademais, a disposição da prática na cidade em grupos de skate como um *modus operandi*, como anteriormente observado, acaba não só se constituindo como uma espécie de “centro gravitacional” sobre os picos ocupados e camaradagens ali presentes, mas, também, como organizações de tipo empresa, que acabam por produzirem logomarcas, slogans, produtos à comercialização e todo um marketing à sua marca empresarial.

³⁶ Margarida conecta o pensamento ao clipe da música “Another Brick in The Wall”, do Pink Floyd, em que escolares sem rosto estão perfilados numa linha de produção de sujeitos dóceis e disciplinados ao poder escolar. O leitor, imaginando tal clipe, poderia colocar no lugar meninos, na sua maioria, jovens, carregando skates numa linha de produção que viria a profissionalizá-los. No lugar dos jovens escolares que destroem a escola e seus muros, é possível imaginar skatistas manobrando sobre as engrenagens da máquina enquanto esperam “sua vez”. Talvez, como o clipe se trata de um sonho acordado de um estudante em sala de aula, podíamos, aqui, sonhar com a possibilidade de, no curso dos processos de subjetivação desses sujeitos, suas manobras produzam devires minoritários, fazendo com que os skatistas inventem outras rotas possíveis. Quebrar o muro da instituição. Pular de ollie sobre os agenciamentos maquínicos do esporte.

Grupo VS Family (Vagabonds street family)
“Não seguimos o sistema, criamos o nosso”



Figura 16: Produtos comercializados e banner de divulgação do grupo. Fonte: facebook.

Guigs Plaza (Praça do Guilherme)
“Eu soul skateboard”



Figura 17: Produtos comercializados e foto de membro do grupo. Fonte: *facebook*.

Skate Pra Frente Vida sem Crack
“Crack nem Pensar”



Figura 18: Camiseta, logomarca e grafite na parede da pista com a logomarca do grupo. Fonte: facebook.

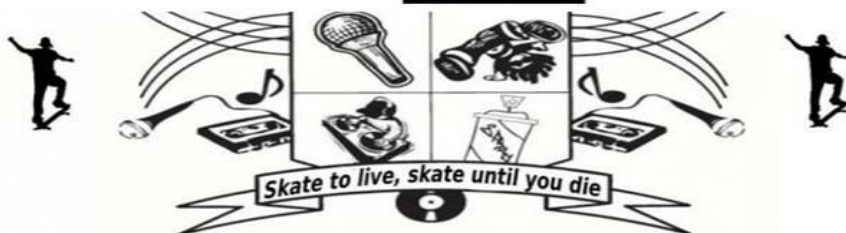
Company Skate for fun
“Skateboard from our hood”



COMPANY

SKATEBOARD FROM OUR HOOD!

CS4F



Company Skate For Fun

Figura 19: Camiseta, adesivos e logomarca do grupo. Fonte: facebook.

Entre camisetas, adesivos, bonés de aba reta, logomarcas, Margarida encontra-se com uma série de práticas de orientação do skate, inclinadas a um modelo empresa, comercializando desde produtos confeccionados a modos de relacionar-se com a experiência do skate, sob anúncios que vão de uma promessa de uma “vida sem crack”, no caso do grupo

do Parque Marinha, a uma orientação transgressora com relação ao sistema, sob a frase “não seguimos o sistema, criamos o nosso”. Vale ressaltar que tais práticas conectam-se a uma rede comunicacional conflitual presentes no território do skate, produzindo disputas e dissensos entre si.

Margarida pode notar tal intensidade numa fala proferida pelo skatista responsável pelo grupo “Skate pra frente”, fazendo menção às demais formas de organizar-se em função do skate, em que o sujeito anuncia: “*Eu amo o skate, não sou como alguns aí. Eu não vivo do skate, eu vivo pro skate*”³⁷, numa crítica aos grupos que no presente vêm fazendo de suas atividades no modelo-empresa fonte de renda e trabalho.

Observando esses vetores de empresariamento das práticas dos skatistas, Margarida pode percebê-los como processos endereçados não somente numa vontade de profissionalização e numa voga esportiva inclinada à figura do skatista atleta, mas, sobretudo, a linhas de singularização, produzidas nos entremeios dos percursos em direção ao Jardim do Éden. Em alguns casos, trata-se, inclusive, de produzir outros destinos, menos interessados na busca de “talentos esportivos” e mais na realização de “um sonho” - um modelo empresa articulado seja pelo skate, ou do skate, e entre os territórios existenciais da arte urbana e do rap. Assim, o skate *street* amador de Rio Grande passa a produzir forças de legitimidade, não tanto sobre as performatividades técnicas nas manobras e bons resultados nas competições, mas, especialmente, sobre performatividades estéticas e modos de conduzir-se sujeito, numa trama visual e publicitária de grupos e marcas empresariais próprias.

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, no qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, no qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização (GUATTARI, ROLNIK, 2012, p. 42)

Ainda sobre os processos de diferença, acionados em meio aos vetores de normalização do skate enquanto esporte, Margarida depara-se com uma linha de intensidade potente, referente ao imperativo do competir. Tais “competires” mostraram-se a ela produtivos não só pela suas recorrências nos espaços habitados durante a pesquisa, mas, também, pela sua variação e diferença. Não se tratava de um regulamento único dos modos de competir, uma regra universal repetidamente aplicada, mas sim uma bricolagem de maneiras e variações de competir no skate, em que se torna possível, desde a utilização de regras

³⁷ Fala proferida num vídeo publicado na rede social *facebook*, após uma ida à Prefeitura para uma reunião da comissão de skatistas – composta, marcadamente, por um membro de cada grupo e pico de skate, sendo que somente ele, representante do Parque Marinha, estivera presente.

institucionalizadas com adaptações locais a invenções espontâneas, conforme os meios disponíveis.

O hardflip mais bonito e a manobra mais técnica levam!

*O Xuxu, como é conhecido entre seus pares, profissional de Porto Alegre, veio até Rio Grande, a convite de alguns skatistas daqui, para realizar uma tarde de autógrafos numa skate-shop local e, na oportunidade, solicitou a abertura da pista da ASK-RG para a realização de uma sessão de skate entre amigos “da antiga” e de uma Best Trick alternada³⁸, em que distribuiu alguns brindes com premiação aos vencedores. Enquanto se realizavam algumas manobras nos obstáculos móveis, dava-se início a Best trick, agora, na mini rampa. O Xuxu logo anuncia: “O vencedor da mini rampa vai ser o que der um hardflip³⁹ **mais bonito, mais perfeito!** E digo isso porque não vi ninguém que tá de rolê na rampa dar um ainda, por isso, tá feito o desafio”. Depois disso, uma massa de skatistas desloca-se até a rampa para tentar acertar a manobra vencedora e levar o tênis de prêmio. Premiada o hardflip vencedor, inicia-se a competição em um dos obstáculos móveis, um caixote de madeira. Xuxu, novamente, pega o microfone e anuncia que ali a sua avaliação seria diferente: “Quem acertar a manobra **mais técnica** no caixote vai levar a premiação”. No mesmo instante, formam-se filas de skatistas mandando as mais diversas manobras na caixa. O curioso aqui é que ninguém se perguntou sobre o que faria uma manobra mais técnica que a outra e um hardflip mais bonito que o outro, me dando a sensação de compartilharem um consenso sobre tais diferenciações, ou, ainda, um tipo de desinteresse e descompromisso com uma avaliação criteriosa do inventivo “Best trick alternado” **(Relato com transcrição de fala, Diário de Rua, janeiro de 2015)***

O Game of skate e os vários juízes

Numa tarde de domingo, acontecia na pista do Parque Marinha um Game of skate⁴⁰, junto a shows de rap, em comemoração ao término da reforma da pista. Paro para observar as manobras dos competidores. Categoria única, dez reais o valor da inscrição. Uma mulher anota os nomes dos inscritos numa folha de caderno encardida, com o cigarro entre os dedos, e logo após os recorta para sorteio. O funcionamento é o seguinte: ela sorteia, inicialmente, dois nomes, e esses batalham entre si. O perdedor tem seu papelzinho retirado do copo de sorteio e, sucessivamente, vão competindo vencedores com vencedores. Nesse meio, há uma espécie de juiz encarregado de levantar uma plaquinha de madeira com os sinais de “acerto” e “erro”, conforme as manobras são realizadas. Pude notar, ao menos, dez rapazes cumprindo essa função, que não se dava sem ruídos dos skatistas competidores.

³⁸ No universo competitivo do skate, a Jam session alternada (Sessão misturada alternada) e o Best trick (Melhor manobra) são duas formas de competir institucionalizadas por eventos de grande porte. No primeiro caso, “os skatistas se alternarão na pista em ordem pré-determinada por sorteio. Cada skatista poderá tentar uma manobra por vez e acertando ou errando deve esperar todos os outros atletas tentarem as suas manobras para aí sim tentar sua segunda manobra e assim por diante. Cada Jam Session termina quando o cronômetro indicar exatamente o término do tempo e será anunciado pelo locutor” (CBSK). No segundo caso, uma bateria de skatistas é colocada para andar livremente e ao mesmo tempo na pista enquanto juízes avaliam a melhor manobra acertada de todas. No evento relatado, o Xuxu instituiu a Best trick alternada, em que será avaliada somente uma e a melhor manobra, porém, com o formato de fila típico da Jam session, formando a Best trick alternada.

³⁹ O hardflip é uma manobra considerada especialidade do skatista profissional em questão, seu cartão de visita, ou, ainda, sua manobra de “maior peso”.

⁴⁰ O primeiro skatista tenta uma manobra, acerta, e os outros participantes têm que acertar a mesma manobra. Quem não acerta ganha uma letra. A primeira letra é o “S”, a segunda é o “K”, e continua, até completar a palavra “S-K-A-T-E”. Quem completar está fora do jogo.

Juízes de todos os tipos. Juiz um tanto disperso, que, tomado pelo efeito do álcool, cantava e dançava em meio à competição e não visualizava as manobras. Juiz desavisado, que fora render o outro que precisava urinar e não sabia como funcionava a avaliação. Juiz engraçado, que fazia comentários piadistas de cada manobra e performance. Juiz multifuncional, que cuidava o filho pequeno no campo de areia ao lado com frases “sai daí guri”, enquanto as manobras rolavam. Juizes-competidores, que nas diversas ausências de um juiz assumiram a função num acordo entre eles sobre os erros e os acertos. Após uma série de escalas de juízes, o organizador do evento retorna à pista e faz um sermão nos competidores que reclamavam, com um tom irônico, da aleatoriedade dos caras que estavam avaliando. O organizador responde: “os caras entendem de skate pelo tempo que eles têm meu, vocês não conhecem os caras, por que começaram agora, os caras sabem, então, não vem chorar, o que os caras disseram é o que é”. (Relato, Diário de Rua, maio de 2015)

A categoria única, o prêmio único, e a única melhor manobra

Numa tarde ensolarada de janeiro, acontecia no multipalco Avenida, no Balneário Cassino, o 1º Intervenção Hip Hop Extremos Sul, em que junto às atividades de rap, break e grafite, fora realizado uma competição de skate e um skatista convidado a ser narrador do evento. Ao lado esquerdo do palco, uma das ruas da Avenida Cassino fora fechada ao trânsito de veículos para a prática do skate. Logo, me aproximei dali. O espaço em questão dispunha de quatro obstáculos levados pelos skatistas. Um corrimão de curva, uma mesa de piquenique, uma rampa baixa e um corrimão reto mais alto. Logo, iniciei uma conversa com o locutor do evento e também skatista: “e esses obstáculos, de onde vieram, quem os fez?”, ele me responde: “esses são obstáculos que ficam na Didio Duhá e outros são da pista de skate do Parque Marinha. Aqui tá muito bom de andar, o asfalto é novo e está bem lisinho”, diz ele. Logo, noto o anúncio da realização de uma competição de skate nos obstáculos, numa categoria única, em que a melhor manobra realizada seria premiada com um brinde oferecido pelas surf-skate shops apoiadoras do evento. Cerca de dez skatistas se inscreveram. As manobras estavam sendo observadas e julgadas por um skatista da antiga, que participava do evento e que conferiu a vitória a melhor manobra acertada, segundo seus próprios critérios. Não houve dissensos sobre o resultado da competição. (Relato, Diário de Rua, janeiro de 2015)

A réplica, o um minuto e a jam session

Numa tarde de fevereiro, acontecia na Avenida Cassino o Skate Summer, evento de skate tradicional de Bagé que tivera o convite, por grupos locais, à sua realização no Balneário, em virtude do período de veraneio. Pude ir de skate e aproveitar a avenida fechada à circulação de carros pela prefeitura para uma “observação andante”. Já um pouco sem fôlego, passo a observar o campeonato com mais atenção: o modo de organização dos obstáculos, as falas dos locutores, as presenças, os lugares, o regulamento utilizado para avaliação. Eram dois ferrinhos de chão, um de 50 centímetros e outro com um pouco menos, um caixote com uns 60 centímetros, e, para minha surpresa, uma rampa de madeira com um hidrante vermelho na frente, desafiando os skatistas a vararem o obstáculo, marcadamente

*urbano e inglês*⁴¹. Havia também outra rampa que jogava para uma caixa plana com dois canos de ferro anexados. O mais interessante foi a grama artificial utilizada nesses dois últimos obstáculos, forjando uma espécie de canteiro pelo qual os skatistas deveriam pular, assim como nas ruas. Entre manobras e fluxos de vai e vem de skatistas na área de competição, os locutores expõem o regulamento. Foram três categorias: Mirim, Iniciante e Amador Open. Cada categoria terá direito a um aquecimento de 15 minutos composto por baterias de cinco skatistas. Após, uma fase eliminatória, em que cada skatista é chamado a fazer sua volta de manobras na pista, no tempo de um minuto. Enquanto isso os três juízes avaliariam: perfeição das manobras, consistência, dificuldade e estilo. Logo, os classificados competiriam na final, segundo o modelo Jam Session alternada. **(Relato, Diário de Rua, 07 de fevereiro de 2015)**

Diante de tais registros, Margarida notava que, ao mesmo em tempo que a competição – uma necessidade e uma recorrência do competir - se instituíam sobre os papéis dos skatistas, se produziam, também, espécies de hibridismos e variações nos regulamentos já institucionalizados. Criação espontânea de critérios de avaliação, como a manobra mais bonita ou mais técnica, desinteresse num julgamento objetivo, rigoroso e variado, na mesma competição, dos juízes a avaliar, a realização de categoria única e um descompromisso com o princípio de igualdade de oportunidades, mistura de modos de regular a competição e uma certa vontade de réplica, mostraram-se presentes nesses variados competidores.

Logo, Margarida experimenta anunciar que mesmo inclinados a um modelo esportivo amador do skate *street*, em que a competição assume protagonismo e importância, as variações e miscelâneas produzidas aos regulamentos já instituídos acabaram por tornar as práticas competitivas mais *soft*, em que a “zueira e o encontro de amigos” tornaram-se mais consagrados que os próprios critérios e características tomadas como referência geral nas competições esportivas.

Contudo, no que se refere à ocupação de espaços físicos em tais competições, Margarida percebe que as ruas, especialmente, concedidas sob autorização da prefeitura, foram privilegiadas em detrimento das pistas. Diferente de um modelo esportivo profissional do skate, em que as competições perdem prestígio e as ruas constituem-se como cenários à produção áudio-visual “marketeira”, na cidade de Rio Grande como localidade de um skate predominantemente amador, as ruas se caracterizam menos para filmar e fotografar, ou, ainda,

⁴¹ A disposição dos obstáculos e a aparência da área de competição estavam muito parecidas com as encontradas em dois eventos de skate *street* profissional de grande repercussão entre os skatistas na atualidade, especialmente, os de Rio Grande: o Matriz Skate Pro, na pista pública do IAPI, na cidade de Porto Alegre, com a presença de skatistas de destaque internacional, e o *Street League*, um dos eventos internacionais de *street* de maior notoriedade. Em ambos os eventos profissionais, é notável uma menção mais próxima às ruas nas áreas de competição, como gramados, arbustos e hidrantes.

produzir resistências a uma moral dos códigos de comportamento e normas sociais urbanas da cidade, e mais, para regulamentar o seu uso com competições.

Vale destacar, também, que as ruas como espaços públicos e abertos, acabam por conferir maior visibilidade às práticas dos skatistas aos outros públicos residentes e circulantes na cidade. Esse aspecto insere-se como um dos efeitos de um processo de empresariamento dos grupos e da prática, ou, ainda, como tática nas relações de poder entre eles e a cidade, em que buscam legitimar-se consumindo uma espacialidade disciplinar, um modelo esportivo de viver a experiência do skate, de um uso da rua regulamentado e autorizado, em que o esporte e a empresa hoje assumem uma força de atração dos valores de ação, que dá legitimidade e uma credibilidade incomparáveis (EHRENBERG, 2010, p. 25).

CENA 3

SKATISTAS PELAS RUAS: MODOS DE “CORRER PELO CERTO”⁴²

“Esse [pista da ASKRG] é um espaço que pode tirar a molecada da rua, que ta envolvida com as coisas erradas”

“A associação [ASKRG] quer ir além do esporte, quer promover ações junto a crianças em situação de vulnerabilidade social, trazendo o audiovisual como ferramenta de inclusão social”

(Transcrição de falas de skatistas, entrevista ao Programa Equilíbrio FURG TV, Diário de Rua, junho de 2015)

“Muitos atletas vão surgir com as pistas. O poder público tem que dar atenção, prevenção às drogas e à violência, o skate é 2º esporte mais praticado”

“Tem um assunto de que na pista só cola cara que usa droga, isso e aquilo. Eu, por exemplo, sou um paradigma, sou o único skatista vereador do Brasil, não uso drogas, mas todo esporte tem quem use. Hoje em dia, não tá mais tão marginalizado. A maior parte dos skatistas estuda em colégio particular, querem ser médico, advogado. Hoje em dia, pista em final de semana tem família, chimarrão, é um lugar mais limpo. A TV também ta dando mais espaço pra skate e isso ajuda, propagandas de alimentos, de celular, de alistamento militar, novela. Isso faz com que cada vez mais se acabe com o preconceito e o skate evolua”

“O skate ganhou um espaço na economia que ta diminuindo o preconceito no skate. Isso é uma história que se criou com os skatistas, lá da década de 60. Mas nós estamos aí pra mostrar que não é só assim, aos poucos vamos evoluindo”

(Transcrição de falas de skatistas, entrevista ao Programa Latitude FURG FM – esportes de ação, Diário de Rua, junho de 2015)

Entre os registros de andanças de Margarida, ela pode se deparar com uma certa vontade de normalização de si e do outro nos skatistas, inscrita em falas que têm as ruas como lugar de “coisas erradas”; a inclusão à normalidade de molecadas “anormais” e um importante “ir além do esporte”; ressaltam as vantagens normalizadoras do skate, como “prevenção de drogas” e a prática de um esporte numericamente reconhecido na população⁴³; e a elevação de subjetividades skatísticas paradigmáticas e representativas desse sujeito skatista normal no presente, acionadas por conexões entre ser skatista, MAS advogado ou médico; ser skatista, MAS estudar em colégio particular; ser skatista, MAS ocupar a pista de skate no final de semana com a família – esse lugar “mais limpo”; ser skatista, MAS sintonizar-se com as

⁴² “Correr pelo certo” é uma expressão bastante proferida pelos skatistas com quem Margarida conviveu durante a pesquisa, especialmente, anunciada quando buscavam justificar suas ações “do bem”, discussão que será desenvolvida nessa cena.

⁴³ Um breve olhar às produções acadêmicas sobre skate já permite vislumbrar a recorrência de citação das pesquisas populacionais (numéricas), especialmente, com relação ao número de adeptos, como forma de justificar e legitimar o estudo e o debate sobre a prática na academia. O Instituto Data Folha tem sido o maior responsável por tais pesquisas, encomendadas, na sua maioria, pela própria Confederação Brasileira de Skate (CBSK).

representações midiáticas que vêm esses sujeitos como um grupo social reconhecido e, sobretudo, atribuir a esses componentes uma queda do preconceito e uma evolução da prática; ser skatistas, MAS mover a economia.

Margarida percebe, em tais signos, a constituição de vetores de normalização do skatista *street* não somente no que se refere aos seus usos dos espaços arquitetônicos da cidade, seus modos de organizar-se, ou de suas relações com o esporte, mas, também, inclinados às condutas normais legitimadas, que incidem sobre todo o corpo social na contemporaneidade, produzindo forças na constituição si e dos outros.

Nesse contexto, a norma é entendida não apenas como código jurídico, mas sim, como norma social, como arte de julgar. Para Fonseca (2010), “cabem, na abrangência de seu significado, as normas de comportamento, as normas sociais, as normas de conduta, as normas que regulam os saberes, as normas que prescrevem ações” (s/p). Assim, Margarida passa a notar que a elevação de determinadas subjetividades skatísticas ao status de “evolução” e “limpeza”, produz, como anormais, outros modos de exercer a experiência do skate, modos mais perigosos, mais arriscados, mais sujos e marginalizados. “Aquilo que a norma torna visível são sempre desvios, diferenças, aquilo pelo qual nos distinguimos dos outros, ou até de nós mesmos (...) designa uma maneira de opor um bem de um mal” (EWALD, 1993, p. 111).

Logo, Margarida percebe que, mesmo atravessados por processos normalizadores históricos tornando suas espacialidades e condutas desviantes, há, no sentido inverso das relações de poder-saber, por parte dos skatistas, menos embate explícito com as normas sociais e mais relação de ajuste, apropriação e enquadramento. Certa conformidade às normas que produzem efeitos e devires de uma Pollyanidade nos skatistas.

Pollyanna é um filme estadunidense de 1960, produzido pelos estúdios Disney, dirigido e roteirizado por David Swift e baseado no livro Pollyanna, de Eleanor H. Porter. De modo geral, ele retrata a história de uma menina que perde seus pais e vai morar numa cidade pequena, em que impera uma quase dinastia em torno do poder financeiro de sua tia, a qual vai morar junto, e de seus antepassados, que, inclusive, nomearam a cidade com seu sobrenome. Num cenário cotidiano de rigidez e truculência com relação às normas de comportamento e ao *status quo* da cidade imperada pela tia, a menina vai introduzindo, em cada instituição, em cada agente e indivíduo, o jogo do contente, que se trata de uma maneira feliz de lidar com as adversidades da vida. Aos berros, a menina devolve sorrisos. Aos maus tratos, abraços. Ao seu destino final sobre a cadeira de rodas, cumplicidade e amor.

Não somente reconhecem-se numa posição marginal, atrelada a preconceitos, mas, sobretudo, mostram-se inclinados a normalizá-la, a combatê-la, a modificar tais subjetividades skatísticas sujas e marginais em boas e adequadas, numa espécie de “jogo do contente” com as normas sociais que os classificam. Logo, diante de uma trama de forças que produz sentidos de marginalidade em determinadas formas de habitar o território do skate *street*, esses sujeitos acabam por aliar-se a tais processos, na direção de encontrar “o que há de bom nisso tudo?”, ou ainda: “qual o lado bom do lado ruim?”. Nesse sentido, Margarida agencia-se a uma série de práticas registradas em Diário e que mostram pistas desse devir Pollyanna presentes nos skatistas. Abaixo, seguem alguns cartazes e informativos de eventos realizados, que visam sintonizar-se com normas sociais “do bem”.

Das relações com os idosos



Figura 20: Foto publicada em rede social de entrega de donativos arrecadados aos idosos do Asilo e cartaz de evento de skate, organizado aos idosos da instituição. Fonte: *facebook*.

Das relações com a Escola



1º Encontro de skatistas da comunidade da EMEF Sant'Ana



Dia: 17 de agosto, das 9h às 12h
Local: em frente à EMEF Sant'Ana.
Rua: Colômbia, 586 - Inscrições no local.
Cada bateria terá o tempo de manobras de aproximadamente 20 minutos.

Figura 21: Cartazes de eventos de skate organizados e realizados nas escolas Salesianos e Santanna. Fonte: facebook

Das Relações com as crianças

ALPHA! SURF STORE V.S. Family-GuigsPlaza

SKATE NO DIA DAS CRIANÇAS

12 e 13 / 10 - Praça Didio Duhá-Cassino

Categorias:
* Mirim
* Iniciante
* Amador

Inscrições:
R\$ + 01 kg de Alimento

Realizadores
V.S. Family-GuigsPlaza

Patrocínio
ASK-RG, Bauru, Armazém, Rios, Corban, DVS, ALO Tintas

* Praça de Alimentação * Brinquedo Inflável
* Cama Elástica * Piscina de bolinhas
* Miniramp * Graffiti
* Slackline

Apresenta

31 de Outubro na Praça Didio Duhá – Cassino-14:00
Tarde de skate e muita diversão

GUIGS PLAZA - ALOHA
#SKATE #AMIZADE #DIVERSÃO

- 03 best tricks
- Passaporte:
R\$10,00

- Cama Elástica
- Pisc. de Bolinhas
- Cachorro quente
- Churros

Realização: ALPHA! SURF STORE, GUIGS PLAZA
Patrocínio: Bauru, Armazém, Rios, Corban, DVS, ALO Tintas, Rio Grande, CENTER PEÇAS

Figura 22: Cartazes de eventos de skate organizados em comemoração ao Dia das Crianças. Fonte: facebook.

Das relações com a sustentabilidade

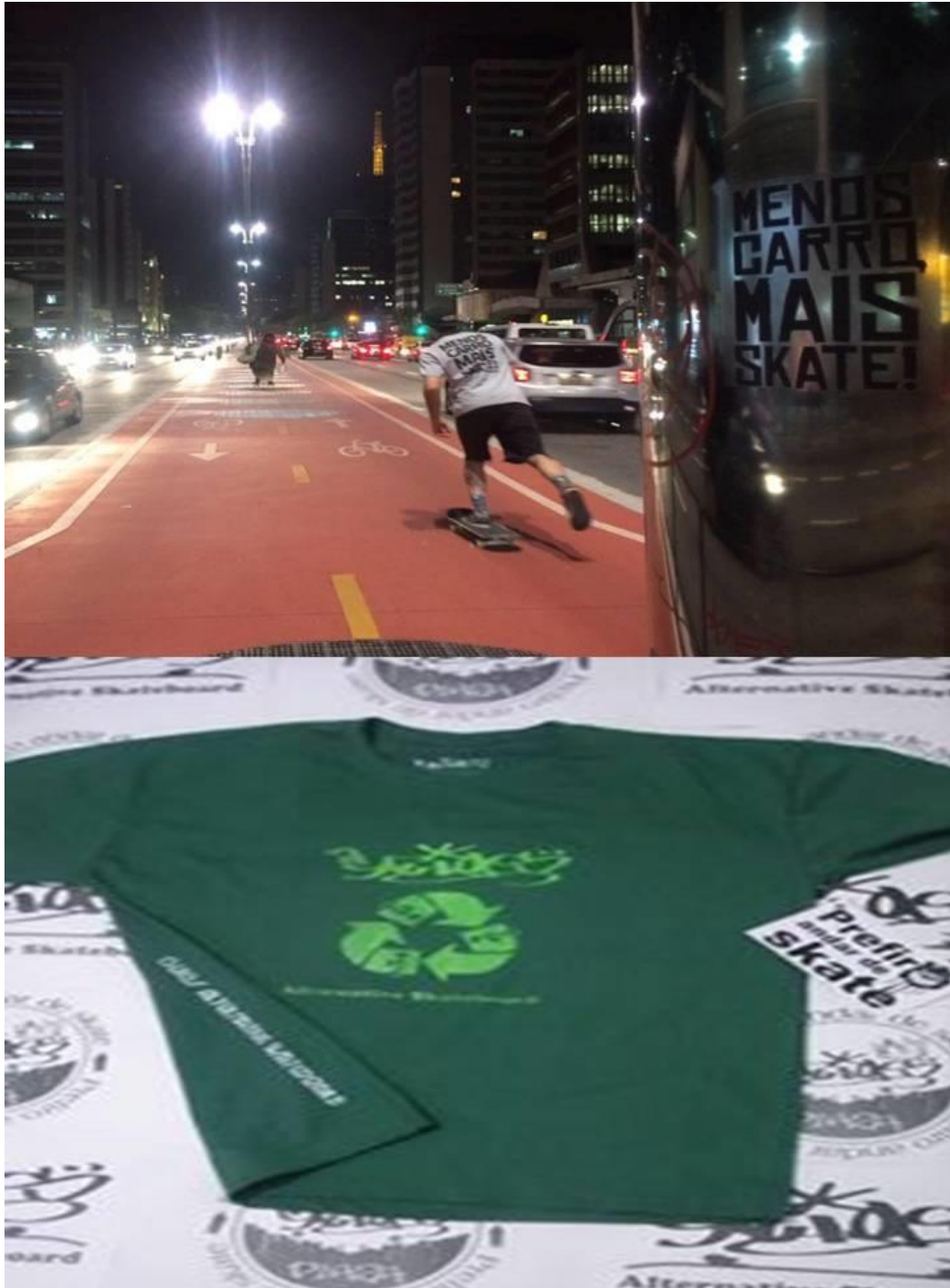


Figura 23: Foto publicada em rede social com adesivo de nova campanha de um grupo de skate, sob o slogan “Menos carro mais skate” e foto de coleção de camisetas de outro grupo, fazendo menção à sustentabilidade, sob o slogan “Alternative skateboard”. Fonte: *facebook*.

Das relações com a cidadania

3º SKATE CIDADÃO

FEIRA SÓCIO CULTURAL / EXPOSIÇÃO ARTÍSTICAS
SHOWS / GASTRONOMIA / SAÚDE
ESPAÇO CULTURAL / ERVAMATE E ÁGUA QUENTE

Finais 2ª Etapa do Circuito Gaúcho de skate 2015

30 DE AGOSTO
13:00 ÀS 18:00

PRAÇA LAMBARÍ
PARQUE MARINHA
RIO GRANDE/RS

PATROCÍNIO:

- Doces e Legado
- PÉ DE COELHO - Loterias, Presentes, Xerox, Fax
- COBRINHA LIXOS 3230 8941
- maes

APOIO

- TLACELULARES - Conectado à Vooê!
- PAPERARIA Grafyt - O ano todo com vc!
- Formigas
- @ries.com

Figura 24: Cartaz da 3ª edição do evento “Skate cidadão”, realizado pelo grupo “Skate pra frente vida sem Crack”, composto por uma articulação do skate com ações do campo da saúde e do campo cultural. Fonte: *facebook*

Nas relações com os idosos, especialmente, àqueles encontrados no Asilo de Pobres de Rio Grande, foram doados alimentos arrecadados em competições realizadas pelos grupos VS Family e Guigs Plaza, com vistas a ajudar esses “bons velhinhos” e divulgar sua “boa atitude Pollyanna”; nas relações com a Escola, foram produzidas intervenções de Skate no Recreio, visando “aproximar as práticas da juventude à escola”, sejam de instituições privadas ou escola pública, da periferia, afinal, no cenário comunicacional conflitual do skate, há representatividade para as diferentes possibilidades de consumo; nas relações com as crianças, foram alocadas no calendário de eventos dos grupos já mencionados comemorações ao Dia das Crianças, através de toda uma organização voltada à captura do universo infantil, com balões coloridos, brinquedos infláveis, uma orientação maior à diversão que à competição e, é claro, com indicação de uso de equipamentos de proteção para a integridade dos pequenos; nas relações com o discurso da sustentabilidade, observa-se o lançamento recente de um slogan “Menos carro, mais skate”, pela equipe VS Family, com direito à comercialização de adesivos, camisetas, copos, entre outros, visando instituir o skate como meio de transporte mais sustentável que o carro, bem como a confecção de camisetas com logomarca que faz menção à reciclagem de lixo, sob o nome “Alternative skateboard”, pelo grupo Guigs Plaza; nas relações com a cidadania, o grupo “Skate pra frente vida sem Crack” realiza, já na sua terceira edição, o evento “Skate cidadão”, em que reúne numa tarde uma série de atividades envolvendo skate, oficinas culturais e tendas de profissionais aferindo pressão arterial e realizando panfletagem de campanhas de saúde, especialmente, voltadas às políticas de redução de danos, no que tange ao uso de drogas.

Diante da potência dessas linhas de intensidade percebidas, Margarida decide decalcar uma delas, visando produzir um zoom cartográfico ao sobrevôo até então experimentado nessa cena. No período de construção de seu Diário de Rua, Margarida teve a oportunidade de acumular mais registros referentes às relações com a escola e se dedicar mais demoradamente em algumas de suas particularidades.

Desse processo de pouso, ela vai identificar dois modos distintos de ocupar a instituição escolar pelos skatistas: uma produzida pela e para a periferia e outra pela e para uma instituição católica particular da cidade de Rio Grande. Ademais, ela também se depara, por parte dos saberes e poderes escolares, com modos contemporâneos de educar e controlar os sujeitos, que, de um lado, passa a intervir educativamente em práticas para além de seus muros, e, de outro, a capturar os desejos juvenis de seus escolares, a partir de uma relação estratégica de passar a “dizer sim” ao skate e skatistas no interior da instituição.



Figura 25: Foto de autoridades e representantes de instituições sociais envolvidas no evento “Encontro de Skatistas da escola Santanna”, em dezembro de 2013. Fonte: *facebook*

A fotografia acima, registrada no 2º encontro de skatistas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santanna, no ano de 2013, localizada na periferia do município, não podia ser mais emblemática à cena aqui construída por Margarida. Trata-se de um momento de fala de representantes de instituições envolvidas no palco montado ao evento – local em que ocorreram também shows de rap e narração de uma competição de skate. São eles, da direita à esquerda: um policial militar, o atual prefeito do município, o Papai Noel⁴⁴, o atual Secretário de Educação do município, uma representante da comunidade, um vereador envolvido na implementação de pistas de skate na cidade, a diretora da escola e um skatista e narrador de eventos convidado. Lá, puderam proferir discursos a favor de maior “*segurança*” e “*assistência*” aos skatistas, os quais, na sua maioria, são também adolescentes em idade escolar.

⁴⁴A figura do Papai Noel estava presente pelo fato do evento também estar comemorando a chegada do “Papai Noel” à comunidade, já que o encontro ocorreu no mês de dezembro. Nesse sentido, cabe mencionar que a figura Papai Noel pode também servir como potente intercessor à reflexão sobre a educação e controle de crianças e jovens, uma vez que, uma das práticas natalinas desse personagem é examinar a boa ou má conduta de seus pequenos admiradores ao longo do ano para, somente em casos de bom comportamento, presentear os jovens com seus pedidos de Natal.

Na página da SMED (Secretaria Municipal de Educação), Margarida encontra-se com registros contendo descrições mais detalhadas desses eventos. Na primeira edição, a diretora da escola depõe que:

“a motivação para o evento é o fato de que os alunos andam de skate pelo meio da rua em meio aos carros dos professores, e não conseguimos conscientizá-los dos riscos que correm, então, decidimos parar uma manhã inteira para fazer o evento em segurança, valorizando o apelo deles que, na verdade, não tem espaço pra prática”
(Transcrição de fala da diretora, Diário de Rua, agosto de 2015)

Na contramão de iniciativas de proibição e de interdição do skate nas ruas - já que esses skatistas periféricos deslizam sobre as tentativas de conscientizá-los de que seus espaços de prática não são espaços à prática – a escola, articulada a outras instituições sociais, engajou-se num processo de tratamento das questões de ocupação da rua por esses sujeitos, de forma a deixá-la acontecer sob determinadas condições. Margarida percebe que o desejo de manobrar e deslizar pelo asfalto, de transitar entre os carros sob quatro rodinhas, enfim, de ocupar as ruas com um skate sob os pés, passa a tornar-se alvo de controle e de governo pela escola. Trata-se, antes de qualquer tentativa de proibição, de governar o desejo, marca de funcionamento de um biopoder⁴⁵ atuando sobre o controle da população.

O jogo espontâneo e ao mesmo tempo regrado do desejo permitirá de fato a produção de um interesse de algo que é interessante para a própria população. Produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo: é o que marca ao mesmo tempo a naturalidade da população e a artificialidade dos meios criados para geri-la e governá-la (FOUCAULT, 2008, p. 95)

Na 3ª edição do encontro de skatistas, no ano de 2014, junto à Semana da Família, também comemorada pela escola, anuncia-se uma novidade:

“Uma calçada, em toda a extensão da escola, foi inaugurada neste dia. Uma das principais causas da construção, através da administração municipal, é pra que os alunos que usam o skate façam o uso do espaço apropriado e não da rua”
(Transcrição de fala da diretora, Diário de Rua, agosto de 2015)

Em conversas que Margarida tivera com skatistas da região, bem como de práticas observadas naquelas ruas, em que diariamente é possível notar a presença dos skatistas, ela

⁴⁵ Nova tecnologia de poder que se instala na sociedade, durante a segunda metade do século XVIII, que “se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida” (FOUCAULT, 2005, p. 289)

pode perceber que mesmo com a calçada, eles ainda ocupavam algumas ruas com seus obstáculos móveis.

“A calçada não dá pra gente, porque somos muitos e fica muito apertado. A gente quer é uma pista de skate pra andar e não se incomodar mais”. **(Transcrição de fala de skatista, Diário de Rua, agosto de 2015)**

“a escola, assumindo sua função formativa integral, oferece esse espaço [encontros de skatistas] em duas datas por ano, nas quais a Rua Colômbia é fechada para a prática do skate, com autorização e representação das autoridades ligadas às secretarias de Educação, de Trânsito, de Segurança e de Saúde”.

(Transcrição de fala da diretora, Diário de Rua, agosto de 2015)

Veiga-Neto (2013) anuncia que, na passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle, em que se dissolvem as fronteiras físicas dos muros institucionais como critério de controle das populações, coloca-se em funcionamento um exercício de poder capaz de normalizar no espaço aberto, nos fluxos, e nas redes.

A desinstitucionalização do poder não significa desconsiderar a importância das instituições, mas sim, não tomá-las como fonte, locus, centro ou raiz do poder, invertendo o caminho investigativo, analisá-las a partir das relações de poder que a atravessam e que atravessam os indivíduos (VEIGA NETO, 2013, p. 24)

Logo, a escola, articulada a outras instituições sociais, exerce um papel de educação e controle dos jovens skatistas para além de seus muros, acionando relações de poder-saber assentadas no saber jurídico da lei de trânsito e da necessidade de segurança. Assim, a instituição escolar assume um papel de agenciamento do poder, deslocando suas práticas, antes restritas às suas dependências internas e tecnologias disciplinares ao espaço social mais amplo, uma vez que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT 2013, p. 41)

Já os skatistas, tiveram seus desejos capturados por essas relações de poder-saber acionados pela escola, em que, mesmo ocupando a rua cotidianamente, produziram um sentimento de aversão a elas, num processo de vitimização e marginalização de suas ocupações. Mesmo ocupando a rua da escola, os skatistas passam a querer e a desejar uma pista, operando um devir Pollyanna sobre os controles reguladores que incidem sobre suas espacialidades.

Outro modo de ocupar a escola pelos skatistas e relacionar-se com esses sujeitos, refere-se às intervenções realizadas na escola Liceu Salesiano Leão XIII, por um grupo de

skatistas da região central do município – o VS Family - característico pelas suas indumentárias uniformizadas com sua estética próprias, pela articulação com *DJs*, grafiteiros, rimadores, aparatos de som, uma *skate shop*, que os acompanha e patrocina, e que é composto, sobretudo, por skatistas que já foram alunos da instituição em questão. O convite partiu da própria, com o intuito de “*aproximar a escola das práticas de seus alunos*” (**Página virtual Salesianos, Diário de Rua, agosto de 2015**).

Como resultado de uma das intervenções do “Skate no Recreio”, o grupo pode produzir um vídeo das atividades lá ocorridas e Margarida pode agenciar suas imagens e falas a seus pensares.

“Bah mano, no colégio que me corriam, porque eu andava de skate, agora, me convidaram e eu entrei pela porta da frente (risos)”.
(**Fala de skatista em Vídeo do “Skate no Recreio”, Diário de Rua, agosto de 2015**)

Margarida percebe nas imagens desse vídeo que, na experiência um tanto ambivalente de ocupação da escola, em que em outros momentos foram “corridos” e hoje “convidados”, o grupo não mediu esforços para legitimar-se por ali, diante dos saberes e poderes escolares. Faixas enormes da *surfskate shop Aloha* foram hasteadas – loja que tem nos jovens de classe média alta, como os estudantes da referida escola, um significativo público consumidor; mesas equipadíssimas de som para *DJ* e *MC* foram instaladas; placas de madeira com grafites contendo as palavras: “*Fé, razão, amor*”, “*estudo*”, “*respeito*”, “*saúde*”, “*paz*”, “*união*”, entre outras, foram colocadas na parede do pátio escolar; e skates completos e novos foram presenteados a alunos da escola que se dispusesse a andar de skate e participar das atividades. Diante disso, Margarida pergunta a um dos participantes skatistas de uma das intervenções sobre o que eles pensam sobre a articulação skate e escola.

“é melhor a gente fazer do nosso jeito, ir lá e mostrar o que é o skate pra nós do que qualquer outra coisa” (**Transcrição de fala de skatista, Diário de Rua, agosto de 2015**)

Margarida passa a considerar que ocupar esse espaço que já foi cenário de tensão aos skatistas, em que já foram “corridos” por ocupá-lo sob um skate – esse espaço “inapropriado” – hoje, sob determinadas formas, enquanto sujeitos ajustados a determinadas normas sociais e a estéticas de vida tomadas como legítimas, especialmente, pelo seu potencial consumidor, produz sentidos produtivos de legitimidade às suas práticas, condutas e permite uma aproximação estratégica entre skatistas e escola.

Nesse sentido, Margarida experimenta pensar que se trata menos de uma oposição entre skatistas e escola, em que os primeiros viriam a bloqueá-la de suas possibilidades de relação e conexão, em virtude de um poder de interdição ao espaço já exercido antes, e mais de um exercício estratégico nas relações de poder, em que, de um lado, a escola assume uma função de legitimadora ao devir Pollyanna nos skatistas, e, de outro, esses sujeitos funcionam como chave para aproximar a instituição escolar das práticas de seus alunos.

“Já mandei minha lei, já representei, pode crer que o vagabundo aqui agora é rei”
(Rima de skatista mandando um Freestyle de rap no microfone, Video, Diário de Rua, agosto de 2015)

Nos olhares dedicados às relações entre skatistas e escola nessa cena, Margarida se depara com a disseminação dos processos normalizadores das mais diferentes práticas e subjetividades skatísticas em curso, em que as escolas e suas formas contemporâneas de educar e controlar seus skatistas – seja intervindo na ocupação da rua ou estabelecendo relações estratégicas com suas práticas – aciona relações de poder-saber que colam nesses sujeitos de maneira pouco disputada. Margarida percebe, nos skatistas, uma Pollyanidade presente em suas falas, produzida por um processo de aderência às diversas normas sociais e que confirmam status de legitimidade às suas condutas.

Ainda sobre esses processos de aderência a determinadas normas sociais numa tendência de “correr pelo certo”, Margarida, vasculhando seus registros em Diário, percebe outra linha de intensidade potente em curso, referente às relações dos skatistas, na sua maioria homens, com as mulheres, sejam elas skatistas, andando sobre um skate, ou não skatistas, posicionando-se junto as suas práticas. Margarida registra elementos que demonstram ocupações específicas dos eventos e dos espaços de prática pelas mulheres skatistas e não skatistas; falas que se dedicam a anunciar a presença das mulheres como legítima – uma vontade de falar sobre as mulheres nos espaços em que o skate acontece; modos específicos de estar mulher nos espaços do skate, bem como, relações arreadias dos skatistas homens com outros devires e subjetividades contemporâneas.

Os lugares e as mulheres

Enquanto observava um evento de skate (Skate Summer, já mencionado em outro relato), me deparei com algo que despertou curiosidade, mesmo sendo um cenário tão comum e recorrente a mim como skatista. Me refiro à disposição das mulheres no espaço, a ocupação diferenciada dessas quando andando de skate, acompanhando as práticas dos skatistas ou, até mesmo, como acompanhantes de skatistas. Percebo que a área da tenda abrigava

algumas meninas bonitas, de óculos de sol espelhados, bombetas, loiras e morenas de cabelos lisos, bronzeadas, coxas torneadas a mostra, marquinhos de biquini, roupas de marca, todas acompanhadas de algum skatista das equipes envolvidas, sejam eles juízes, locutores, DJs, MCS e patrocinadores. Essas meninas exerciam poder sobre as demais mulheres em seus lugares, não somente por suas indumentárias e aparências produtoras de sentidos de legitimidades num território de consumo do skate, mas, especialmente, pela posição privilegiada sob a sombra das tendas numa tarde escaldante de verão. Havia também algumas presenças passageiras de meninas ao redor do evento, observando, alguns casais e poucas mulheres mais velhas. Me deslocando até as extremidades da área de competição, no que sobrou de rua, percebo duas meninas andando de skate e mandando algumas manobras e rasgadas no asfalto. Aproximo-me e noto bochechas vermelhas, cabelos presos, pele oleosa e suada, respiração ofegante. Suas roupas já tinham alguns rasgões e sujeiras provocadas pelas quedas. Pergunto às meninas skatistas, notadamente habilidosas, porque não quiseram competir, já que o evento dispunha de categoria feminina (mesmo que nenhuma menina tenha se inscrito). Enquanto uma delas apenas me acena um “não” com a cabeça, a outra me responde, um tanto desolada: eu não, que vergonha, eles andam muito mais que a gente!”(Relato, Diário de Rua, fevereiro de 2015)

Margarida passa a agenciar tal registro a outros signos que encontrara nos seus percursos de pesquisa, referentes não somente a certa dificuldade encontrada em conviver diretamente com algumas prática dos skatistas – como as sessões de rua, mas, também, com produções acadêmicas que vinham demonstrando facetas das relações entre mulheres e skatistas na contemporaneidade, marcadamente generificadas. Figueira e Goellner (2009), numa análise sobre os discursos que apresentam ou deixam de apresentar o gênero feminino no universo cultural do skate, anunciam-no como prática masculinizada e masculinizante, uma vez que:

a escassez de referências que se mostram empenhadas em evidenciar a presença feminina não significa uma não presença do gênero mencionado e sim, a presença de uma rede de poder que atravessa esses sujeitos em seus espaços de prática, os ofuscando (p. 96)

Logo, Margarida se coloca a pensar, articulada a seus registros, se uma não presença na área de competição ou uma presença condicionada a determinados arranjos e modos de ser mulher – junto a outros homens ou exercendo ocupações específicas no território do skate – estaria assentada numa rede histórica de poderes que localiza a mulher em práticas, papéis e espaços diferentes daqueles ocupados historicamente por homens. Arranjos históricos que inclinariam as mulheres, inicialmente, ao matrimônio e à reprodução, típicas de um “dispositivo de aliança”, e, mais tarde, com a emergência de um “dispositivo de sexualidade”, nas suas relações com o seu sexo e toda uma tecnologia de poder que impõem uma espécie de temperança sexual a ela (FOUCAULT, 2014) e que implica, entre outras coisas, em modos de posicionar-se mulher na sociedade.

Margarida percebe nas práticas dos skatistas e em suas posições generificadas a produtividade dessa trama histórica na contemporaneidade, nas quais as mulheres são incitadas a relacionarem-se com o território marcadamente masculino do skate, de modo estratégico com o poder. Competir, nesse cenário, é enquadrar-se a regras de juízo de performances produzidas com base numa referência masculina, que não é a mesma para as mulheres no skate, tanto no que se refere às indumentárias quanto às habilidades técnicas.

Margarida, aqui, logo se lembra de uma série de falas que escutava quando ocupava os picos de skate, falas que de tão recorrentes acabava por optar “ouvir sem escutar”. Ainda aprendendo a embalar, era desacreditada. Nas competições, podia ouvir “só ganhou porque é mulher”, ou, ainda, Margarida era sexualizada, com falas que remetiam às sua roupa, às curvas de seu corpo, e sua presença na pista como “um colírio”, para alguns, ou como uma presença inapropriada, para outros, sob o rótulo de “Maria rolamento”. Margarida ouvira de skatistas que se “a mina fosse gostosa, não precisava saber andar muito de skate que já fazia sucesso”, e, inversamente, que se “parecesse com um homem, ia precisar manobrar que nem um homem pra ser valorizada”, ou, ainda, “competir com os caras já que nem parece mesmo uma mulher”. Deles, seus colegas de sessão, Margarida ouvira coisas que nem mesmo na porta de butecos de seu bairro ou passando por canteiro de obras ouvira. O que mais instiga Margarida, não é tanto as frases que ouvira como mulher no território do skate, mas, sobretudo, a naturalização de um processo de ouvi-las e não escutá-las.

As mulheres, o skate e o hip hop

Observando o 1º Intervenção Hip Hop Extremo Sul [já mencionado em outro relato], no multipalco da Avenida Cassino, verão de 2015, noto o anúncio da realização de uma competição de skate nos obstáculos móveis dispostos na rua, junto às atividades de grafite, rap e break, que ocorriam no local. Cerca de dez skatistas se inscreveram, entre eles, uma menina pequena, com em média 10 anos, vestindo um camiseta da equipe “Skate pra frente” até os joelhos, que logo soube ser filha do skatista locutor e organizador do referido grupo. Outras duas meninas andavam de skate junto à maioria de homens, porém, elas não quiseram competir, anunciando que estavam ali só pra se divertir. Ao final do evento, por volta das 22 h, é anunciada no palco uma batalha de b-girls, como última apresentação do evento. Uma das meninas, também skatista, junto à outra, se apresentaram e mostraram domínio da dança. Foram realizados três rounds para haver desempate, já que os aplausos se mostravam quase unânimes para as duas. Após, o locutor profere uma fala com relação às meninas: “Isso aqui é pra todos vocês verem que no rap, no skate e na arte urbana não há preconceito e nem machismo. Homem e mulher aqui são iguais!”. Minutos após, são divulgados os resultados e entregues os brindes da competição de skate, dos b-boys e das b-girls. Os locutores decidiram dividir a premiação para as duas meninas por considerarem que seria injusto premiar somente uma delas. Aliás, como disse o rapaz: “Elas representaram, mostraram presença, e é isso que importa!”. E como não pude deixar de notar, ao fundo da

sua fala, num tom mais baixo, tocava “Estilo Cachorro” do Racionais MC’s. (Relato, Diário de Rua, janeiro de 2015)

Aqui, Margarida destaca, principalmente, essa necessidade de anunciar a presença de mulheres no evento, essa anunciação ovacionada das *b-girls*, num cenário marcado pela presença e comando de homens, como uma espécie de colocação estratégica da mulher em destaque, num contexto atual de visibilidade feminina, em que as questões das mulheres assumem protagonismo e destaque no cenário legislativo, midiático e cultural. Margarida agencia as falas: *“isso aqui é pra verem que no rap, no skate e na arte urbana não há preconceito e nem machismo”* e *“mostrar presença é o que importa”*, a uma série de acontecimentos que, especialmente nesse ano, vem produzindo um desequilíbrio nas relações de poder assimétricas entre homens e mulheres, pelo menos, no campo das estratégias e respostas construídas.

No campo legislativo, a lei do feminicídio foi aprovada e uma série de campanhas e protestos em prol da legalização do aborto e direito ao próprio corpo vem sendo tocadas por mulheres em oposição à bancadas conservadoras no Congresso; no campo midiático, inúmeras campanhas virtuais como #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio emergiram, denunciando situações de opressão, violência, desigualdade e assédio vivido por mulheres, bem como, diversas celebridades televisivas pronunciaram-se, via redes sociais e outras mídias, sobre desigualdade de gênero e violência sexual; no campo educacional, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) tematizou a “persistência da violência contra a mulher”, referenciando a feminista e teórica francesa Simone de Beauvoir; no campo cultural, o ano protagonizou falas de premiações consagradas, reivindicando igualdade de gênero na indústria cinematográfica, como o de Patrícia Arquette, vencedora do Oscar de melhor atriz coadjuvante do ano, bem como divulgou o lançamento do filme “As sufragistas”, contando parte da história das mulheres pelo direito ao voto, anunciado como o primeiro filme dirigido, roteirizado e protagonizado só por mulheres.

Margarida nota que, num cenário contemporâneo como esse, marcado por processos de normalização que se ajustam às mais diferentes realidades e desejos emergentes, produzindo constantes modificações nos padrões de normalidade reconhecidos, justamente, pelo caráter móvel das relações sociais e de poder, a inclinação Pollyanna dos skatistas e sua tendência de “correr pelo certo” – como estratégias de legitimação de suas condutas - passa também por uma inclusão das mulheres às suas práticas. Talvez, esse movimento de anunciar a presença da mulher funcione menos por uma vontade de convívio entre gêneros e mais pela

produtividade de seus efeitos de normalização e legitimidade aos skatistas nos seus processos de subjetivação.

A skatista cor-de-rosa

Numa tarde de sábado do mês de abril, numa experimentação na pista de skate do Parque Marinha, noto, entre uma diversidade de corpos e de acontecimentos, a presença de meninas no local observando, em grupos de três ou quatro, algumas fumando cigarros e outras compartilhando garrafas de vinho com outros observadores homens. Havia um número considerável de mulheres nos cantos e arredores do local. Porém, havia uma única menina sob a fluorescente luz branca projetada sobre a pista, uma menina bem pequena [a mesma menina do relato anterior] vestindo, novamente, um camiseta que ia até os joelhos e um capacete cor-de-rosa. Ela compartilhava as rampas com os meninos, descia, subia, chutava manobras, observava. A presença da skatista, mesmo que produzindo vazamentos, enquanto menina num espaço na sua maioria ocupado por meninos, territorializava um pertencimento ao feminino: o seu look todo “rosa mais que cheguei”. A sua mãe e também esposa de skatista me diz: “Ela adora essa roupa rosa! Ela ganhou num campeonato que fomos a Bagé, que o locutor anunciou que a primeira mulher a ir lá à pista e dropar uma rampa ia levar aquele look todo rosa. Ela foi correndo e ganhou” (Relato, Diário de rua, abril de 2015)

Diante desse registro, Margarida passa a nutrir uma curiosidade, pensando na cena ocorrida em Bagé, sobre os possíveis efeitos gerados na presença de um sujeito mulher, skatista e que não se adequaria ao visual rosa, muito menos “rosa cheguei”. Logo, ela se lembra das inúmeras vezes que tentara comprar tênis de marcas de skate específicas para meninas, como a *Mary Jane*, e sentia extrema dificuldade em encontrar modelos que não tivessem sequer um cadarço, um solado, um “toque de rosa”. Como skatista mulher e não tão admiradora do rosa, Margarida acabava sempre comprando os modelos masculinos – bem mais bonitos e legais, segundo ela. O locutor do evento em Bagé atingiu, mesmo sem saber, ao oferecer aquele kit rosa, somente um dos múltiplos modos de ser mulher e skatista, um modo ainda territorializado no feminino e num modo “cor-de-rosa” de exercer a feminilidade no skate.

Um minuto de silêncio

Foi durante o aquecimento da categoria Amador Open no evento Skate Summer [já apresentado em outro relato] que me deparo com um acontecimento que me interpelou e tornou-se digno de relato. Do outro lado da Avenida passava uma espécie de caminhão-trio elétrico, com um som muito alto, com algumas pessoas em cima, divulgando um evento que aconteceria no balneário Cassino no dia seguinte. A voz feminina um tanto rouca no microfone anunciava a Parada Gay Livre 2015, evento anual que tem por objetivo “vencer todo o tipo de preconceito, não só o de gênero”, segundo as travestis locutoras. Logo, ao avistar a presença dos skatistas, uma delas realiza um contato com os mesmos, através do microfone em volume máximo: “Vocês, skatistas, venham lutar contra o preconceito conosco.”

Nós sabemos o quanto vocês também precisam vencer a discriminação, estamos todos juntos, vamos juntos na luta contra o preconceito”. Logo, percebo que um grupo muito pequeno de skatistas, ao ouvir a voz, ainda um pouco distante, começa a erguer os braços com os punhos fechados e a pular, como se apoiassem a iniciativa. Logo, um deles agarra outro pelo braço e diz: “tu é louco meu, vais apoiar esses viados” (acompanhado de risos). Os braços logo descem ao lado do corpo, e alguns sorrisos constrangidos dão rapidamente lugar a uma série de sorrisinhos de ironia. Os skates foram ao chão e sequer devolveram o sinal de cumplicidade e solidariedade estabelecido pelas travestis. A maioria esmagadora de skatistas no local se mostrou apática e imobilizada, como se aquele som estrondoso do microfone não os estivesse chamando para um diálogo de semelhantes, mas sim, tivesse instaurado um estranhamento, ou constrangimento. Enquanto o trio elétrico passava, pude presenciar, como num ritual de enterro, um minuto de silêncio entre os skatistas. Nesse momento, cheguei a pensar que, ali, naquela identificação Parada gay-skatistas, esses últimos pareciam, num instante, terem morrido (ou, talvez, terem deixado morrer outras possibilidades de ser skatista e compor seus territórios existenciais) (Relato, Diário de rua, fevereiro de 2015)

Margarida percebe nesse relato que, mesmo interpelados por processos normalizadores diversos, produzindo, entre outras coisas, subjetividades skatísticas inclinadas à norma e ao normal, o contato e a identificação com o público LGBT, enquanto movimento social, incitou menos articulação e aderência e mais dissenso e repúdio. Diferentemente das relações com as mulheres, que, na contemporaneidade, apresenta traços de legitimidade e consagração às práticas dos skatistas, os gays, travestis etc - esse público de sexualidade e performance de gênero incertas – demonstram a existência de uma heteronormatividade compondo suas subjetividades no presente.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece historicamente remete ao homem branco, heterossexual, de classe média, urbano e cristão, e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão marcados, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é tomada como o segundo sexo e gays e lésbicas descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000, p. 15)

Mesmo que os skatistas produzam certas fissuras nas normas sobre a ocupação e circulação na cidade, nos modos de articularem-se com o esporte e certa relação estratégica estabelecida com os públicos “do bem”, ainda, no que se refere a outras maneiras de exercer a sexualidade e conduzir o próprio corpo, a relação possível estabelecida pelos skatistas é de estranhamento e apatia⁴⁶. Em meio às disputas pela elevação do “skatista de verdade”, do

⁴⁶ Em 2013, uma revista especializada em Skate, intitulada “Vista” publica em sua capa um beijo gay com a seguinte legenda “Quando dois skatistas se beijam”, com o intuito de introduzir a discussão entre os skatistas. A referida capa foi alvo de uma série de polêmicas e de revoltas pelo seu público leitor. Em virtude de tais acontecimentos, o fotógrafo responsável pela capa foi chamado a se pronunciar por outras mídias especializadas, principalmente, no que se refere aos possíveis motivos de tamanha repercussão. Ele anuncia, em novembro de 2013, ao blog de skate “Vice”, que “o skatista se acha muito diferente, muito à parte da sociedade, mas reproduz doutrinações exatamente iguais a todo mundo. Ele é extremamente homofóbico e machista”. Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/quando-dois-skatistas-se-beijam.

sujeito representativo do território existencial do skate, há espaço para os mais diversos devires e estratégias de resistência, menos àqueles e àquelas que coloquem sob suspeita suas próprias sexualidades.

O PRIMADO DAS LINHAS DE FUGA: MODOS DE BORRAR UM TERRITÓRIO EXISTENCIAL

*O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem.
Uma corda sobre o abismo.
Perigosa para percorrê-la, é perigoso ir por esse caminho, é perigoso olhar para trás,
perigoso tremer e parar.
O que é grande no homem é ele ser uma ponte e não uma meta.
O que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um declínio.
(NIETZSCHE, “Assim falava Zaratustra”)*

Nas suas andanças, Margarida pode esboçar parte dos movimentos das linhas de forças atuando sobre os processos de subjetivação dos skatistas de Rio Grande. Num primeiro momento, ela ensaiara procedimentos e mudanças de rota inspirados no problema: “Como é possível que a ocupação das ruas pelos skatistas constitua-se um problema na atualidade e as pistas de skate a principal solução? Movida por tal inquietação, ela pode trilhar signos que encontrara e adotar uma concepção problematizadora do presente.

Após alguns encontros intercessores e sintonias teóricas, especialmente, com sua banca de qualificação e autores como Foucault, Deleuze, Guattari, Margarida passa a problematizar seu próprio pensamento e a suspeitar que suas afirmações talvez pudessem sofrer algumas fissuras com determinadas mudanças de modos de fazer. Seu problema mudara: “Nessa trama de forças, como é possível não desocupar as ruas?” Assim, ela inicia a construção de um Diário e a constituição de análises sobre “skatistas pelas ruas”, especialmente, no que se refere às suas relações com a ocupação da cidade e produção dos espaços existenciais de prática, de suas articulações com o esporte e com uma tendência normalizadora de “correr pelo certo”, intituladas Cenas Urbanas.

Tais recortes analíticos puderam ser feitos em virtude do grau de afetos e intensidades agenciados em Margarida. Diante de uma gama de cartografias possíveis e de um Portfólio recheado de possibilidades outras de decalque, foram essas cenas – cenários animados de personagens rítmicos e paisagens melódicas - que a interpelaram enquanto cartógrafa que habita e intervém nos seus territórios existenciais (KASTRUP, ESCÓCIA, 2012). Assim sendo, tais caminhos, olhares, afetos, escolhas - todo esse empreendimento investigativo - não pretendeu mais que compor quadros provisórios e específicos. Margarida estivera inclinada mais à aventura dos caminhos (ou descaminhos) que ao destino final, “como um cão que faz

seu buraco, um rato que faz sua toca” (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p.177), não há nada mais emocionante que a própria astúcia de fazê-las.

Esboçadas as Cenas Urbanas, Margarida percebe que a prática de ocupar e deambular pelas ruas da cidade e suas arquiteturas, visando conferir novos usos aos construtos e aos aparelhos urbanos, esses modos de agir acionados pelos skatistas *street* com relação as formas de governar e exercer o poder nos espaços da cidade hoje, produziram menos um devir de resistência e mais processos de assujeitamento⁴⁷, esboços de um certo jogo de entrega aos poderes e saberes normalizadores que incidem sobre os territórios dos skatistas e das populações na contemporaneidade.

No entanto, mesmo que suas experimentações tenham indicado movimentos territoriais inclinados às normas sociais do presente e uma vontade de legitimar-se como sujeito normal e “do bem”, Margarida não podia deixar de pensar no caráter estratégico que determinadas ações e falas assumiam. Na reciprocidade das relações de poder, esses acabavam por dar vida a formas criativas de relacionar-se com a cidade, com o esporte e com “o bem”. Margarida chega a pensar que, talvez, haveria como que *um tom de ironia* em suas práticas e falas, em seus desejos de pista, em suas vontades de profissionalização e em suas tendências de “correr pelo certo”, uma vez que “o sujeito do discurso irônico sabe que o que diz não é propriamente o que a coisa é e sabe que a coisa nunca é aquilo de que dela se diz” (ALBUQUERQUE, 2013, p.100). Talvez, haja aí, não tanto um jogo de sedução entre poderes normalizadores e skatistas, e mais, relações sutis de resistência, pequenas guerrilhas diárias, atuando menos contra e mais junto ao poder, como forma estratégica de legitimar-se e governar a si mesmos na produção de sentidos sobre si.

O poder, no fundo, é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários ou do compromisso de um frente a outro que da ordem do governo [...] O modo de relação próprio do poder não há, pois, que buscá-lo do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato ou do nexo voluntário (que, no máximo, só podem ser instrumentos), mas do lado desse modo de ação singular, nem guerreiro nem jurídico, que é o governo" (FOUCAULT, 2003, p. 237).

Margarida podia escutar de alguns skatistas a valiosidade das ruas em detrimento das pistas e senti-la nas sessões que não cessavam de realizar-se aos fins de semana e à noite; ela conhecera skatistas que não almejavam profissionalizar-se, nem sequer intitulavam-se de atletas, e que tinham as competições como meio de “ver a galera e divertir-se junto”; das

⁴⁷ “Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p. 235). O autor ainda acrescenta que “na atualidade uma das mais importantes formas de lutas se tornou a luta contra as formas de sujeição e contra a submissão da subjetividade” (p. 236)

marcas e grupos de skate, muito ouvira de seus membros que “o que faziam era, na verdade, lutar por uma forma de trabalho e geração de renda que não os submetessem à pesada carga horária e às sanções do trabalho de carteira assinada”; bem como, Margarida presenciava, entre as práticas *Pollyannas* dos skatistas, certa ativação estratégica dos outros componentes de seu *Life style*, como o uso recorrente de algumas drogas ilícitas, certa aversão à escola, ao trabalho formal, aos esportes tradicionais, como o futebol, o gosto pelas tatuagens, grafite e rap⁴⁸. Logo, Margarida agencia as falas e ações registradas em Diário, marcadas por processos de assujeitamento e normalização, enquanto possibilidades de se tratarem de práticas de resistência, através de uma utilização dos discursos “normais”, como tática ao enfrentamento junto ao poder.

A racionalidade do poder é a das táticas muitas vezes bem explícitas no nível limitado em que se inscrevem – cinismo local do poder -, que, encadeando-se entre si, invocando-se e se propagando, encontrando em outra parte apoio e condição, esboçam finalmente dispositivos de conjunto (FOUCAULT, 2014, p 103)

Margarida conecta as subjetividades skatísticas em curso como espécies de “Laranjas mecânicas”⁴⁹, seres orgânicos, programados como máquina, a “fazer o bem” e a “ajustar-se à norma e ao normal”, como ocorrido com o personagem Alex do referido filme. Contudo, não se trata aqui de uma elevação forçada e violenta para “o bem”, como no caso do cinema, em que práticas criminosas causariam vômito e indisposição no sujeito de “instinto criminoso”, após um tratamento psiquiátrico experimentado, mas sim, de escolhas táticas, tomadas nos espaços em que se inserem e que permitem, especialmente, que o skatista não se fixe nem somente a uma identidade subversiva e rebelde, e nem a uma identidade absolutamente normalizada, esportivizada e passiva diante do poder. As subjetividades skatísticas, nas suas relações estratégicas com o poder, acionam componentes “que derivam do poder, mas não depende deles” (DELEUZE, 2005, p. 109) produzindo mutações constantes nos seus processos de subjetivação.

O ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar as suas armadilhas. Os centros difusos de poder não existem sem pontos de resistência que tem de alguma forma o primado, e que o poder ao

⁴⁸ Zudzilla, músico de rap, que se articula com um dos grupos de skate da cidade, especialmente, apresentando-se em eventos, acaba de lançar seu novo álbum chamado “Faça a coisa certa”. Na página virtual do grupo, o lançamento pode ser compartilhado várias vezes pelos skatistas, reiterando o título do álbum ou com a frase “Corra pelo certo”. Contudo, ao escutar as músicas, nenhuma delas faz menção às práticas de ajuste às normas sociais cartografadas, mas, sobretudo, a uma série de maneiras de conduzir-se diferentemente diante do sistema. Em suas conexões e compartilhamentos, Margarida depara-se mais com expressões “não seguimos o sistema, criamos o nosso” e “existência minha resistência” e menos com apelos e imperativos a uma moral do bem, socialmente reconhecida.

⁴⁹ Filme dirigido por Stanley Kubrick, em 1971, sob o título original de “Clockwork Orange”

tomar como objetivo a vida, revela, suscita uma vida que resiste ao poder (DELEUZE, 2005, p. 101)

Margarida nota, em suas cartografias, que esse jogo de entregas ao poder, estabelecido pelo desejo incessante de pistas, pela produção de espaços existenciais identitários e conflituais, por modos esportivos de exercer o skate e uma constante busca ao “Jardim do Éden”, bem como por uma série de articulações com práticas socialmente reconhecidas como “do bem”, funcionam como modos estratégicos de conduzir suas próprias subjetividades, na medida em que se chocam com o poder e se vêem ameaçadas pelos mais diversos assujeitamentos e processos de normalização contemporâneos.

Margarida percebe que diante dos processos de constituição dos sujeitos esboçados há uma constante provisoriedade e capacidade de resistir. Assim como o homem, o sujeito skatista não se fabrica por uma interioridade psicológica de espera, ou, ainda, por práticas rebeldes que viriam a torná-lo um sujeito de estado livre, transgressor e “fora do sistema”, mas sim, por uma composição contingente e mutável de forças e formas, já que “toda forma é um conjunto de relações de forças” (DELEUZE, 2005, p. 132).

Logo, não se trata de skatistas objetivados na dicotomia pistas de skate = normalização e rua = resistência, mas de linhas de forças e relações de poder que colam de modo estratégico em cada momento, em cada circunstância, produzindo mutações constantes nas suas subjetividades. Assim, torna-se possível estabelecer relações de resistência ocupando as pistas, bem como, assujeitar-se a uma conduta moral urbana instituída ocupando as ruas de modo regulado. Talvez, para pensarmos nas subjetividades skatísticas cartografadas, na “forma-skatista” encontrada, possamos tirar proveito do slogan “Não seguimos o sistema, criamos o nosso”, de modo a pensá-lo de modo invertido: “Seguimos o sistema para criarmos o nosso”.

No entanto, Margarida percebe que o potencial estratégico diante do exercício de poder-saber que normaliza as subjetividades skatísticas não atua enquanto um devir molecular revolucionário⁵⁰, que viria a lutar pela própria subjetividade nos mais diferentes campos de ação política e de atuação das subjetivações dominantes, como as relações com o sexo, com a mídia, com o corpo, com o espaço, o consumo, etc. Mas, sobretudo, e a partir dessas cartografias, por uma luta estratégica pelo desejo de pistas de skate, de modos esportivos de exercer a prática, e por uma vontade de legitimação social. Margarida chega a sonhar com

⁵⁰ “É o conjunto das possibilidades de práticas específicas de mudanças de modo de vida, com seu potencial criador, que constitui o que chamo de Revolução molecular, condição para qualquer transformação social” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 2014)

composições outras em que as subjetividades skatísticas iriam menos articular-se aos processos normalizadores de modo estratégico e mais problematizarem as próprias normas e morais que os interpela, de forma a colocarem seu potencial de criação por toda parte. E é sonhando que Margarida finaliza a construção desse mundo que ora desmancha, ora produz, o meio do mundo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009, 92 p.

ALBUQUERQUE, D. Às margens de O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. In: ALBUQUERQUE, D; VEIGA-NETO, A; FILHO, A. **Cartografias de Foucault**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.93-107.

ALVAREZ, J; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª edição, Campinas, SP: Papirus, 2012, 110 p.

BRANDÃO, L. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p.296-323, Abril de 2014.

_____. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, volume 1, número 2, dezembro de 2008.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993, 238 p.

DELEUZE, G. **Foucault**. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2005, 143 p.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo, Editora 34, 1997, 240 p.

_____. **Conversações**. 1. Ed. São Paulo, Ed. 34. 1992, 232 p.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka** – por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

EHREBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias Et Letras, 2010, 239 p.

EWALD, François. Foucault e a norma. In: EWALD, François. **Foucault**: a norma e o direito. Lisboa: Veja, 1993, p. 77-125.

FIGUEIRA, M; GOELLNER, S. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, maio 2009.

FISCHER, R. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, M; BUJES, M. (orgs.) **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.117-140.

FONSECA, Márcio. **A época da norma**. Disponível em: [HTTP://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-epoca-da-norma/](http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-epoca-da-norma/). Acesso em: 05 de maio de 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber Vol. 1, 1. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, 174 p.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2013, 74 p.

_____. **1980**: Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber. 2. Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 335-351.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 37ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Aula de 11 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 03-38.

_____. Aula de 25 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 73-116.

_____. 1980: O filósofo mascarado. In: **Ditos e Escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 299-306.

_____. Aula de 17 de março de 1978. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-316.

_____. **Ditos e escritos.** Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 8. Ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1984, 232 p.

_____. O Nascimento da Medicina Social. In: **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 79-99.

GRAEFF, B. Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da "vizinhança" ao "corre". 2006. 166 f. **Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 439 p.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, 29(1), 27-43, jan-jun, 2004.

LOURO, G. **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 9-34.

MACHADO, G. De skate pela cidade: quando o importante é não competir. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 21, 2012, p. 171-188.

MAZZINI, M. **Minha verdadeira história com os skatistas de São Paulo.** Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/mariana-mazzini/skatistas-são-paulo_b_8011640.html. Acesso em 18 de dezembro de 2015.

OLIC, M. "De quebrada para quebrada": por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole. **Ponto Urbe**, vol. 3, 2008. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1802>. Acesso em 21 de dezembro de 2015.

OLIVEIRA, T; PARAÍSO, M. Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. In: **Pro-posições**, vol. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set/dez, 2012.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012, 207 p.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005, 96 p.

_____. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GRÓS, F; ARTIÈRES, P. (org.). **Foucault: a coragem da verdade**. 2. Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2004, p. 65-89.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2.ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014, 247 p.

SOARES, C. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE, D; VEIGA-NETO, A; FILHO, A. **Cartografias de Foucault**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 69-82.

SOARES, C. BRANDÃO, L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

SOBRINHO, N. Verdade e Mentira no sentido Extramoral (apresentação). **Comum**, Rio de Janeiro, v.6, nº 17, p. 05 a 23, jul./dez. 2001. Disponível em: http://imediate.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf. Acesso em 18 de dezembro de 2015.

TEIXEIRA, J. Memórias da prática do skate em Rio Grande/RS: geopolíticas, arquiteturas e skatistas. 2014. 61 f. **Monografia. Licenciatura em Educação Física**. Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2014.

TEIXEIRA, J; FREITAS, G. Exercícios de memórias: o skate e os skatistas na cidade de Rio Grande/RS. **Revista Didática Sistemica**; Edição especial III Extremos do Sul, 2013, p. 146-158.

VEIGA-NETO, A. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império.

In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A (orgs.), **Figuras de Foucault**. 3.ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 13-38.

VEYNE, P. Só há a priori histórico. In: VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 43-65.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 255 p.